

DEVO NARRAR MINHA VIDA...

*MEMÓRIAS DA INFÂNCIA DE UMA RELIGIOSA FRANCISCANA
DA PENITÊNCIA E DA CARIDADE CRISTÃ DA CASA-MÃE DE SÃO LEOPOLDO*

**Irmã Maria Antônia
(Cecy Cony)**

(O editor dividiu as reminiscências da Ir. Antônia em trechos, com títulos correspondentes.)

1. O Pai do Céu no quarto da Mãe amorosa

Meu bom Jesus, quero cumprir a Vossa S.S. Vontade. Que eu, a Vossa criaturinha, glorifique Vosso Nome e, reconhecendo tudo que por mim fizestes, eu Vos ame ainda mais, meu Deus.

Devo narrar tudo de que me recordo de minha vida. Fá-lo-ei como me sair do coração.

Minha vida, considero-a como duas correntes entrelaçadas: uma, a Graça Divina; a outra, a miséria da criatura. Nasci a 4 de Abril de 1900, e a lembrança de minha infância, conservo-a dos 4 anos. Lembro-me tão bem de minha cidadezinha natal, Santa Vitória do Palmar, com seus extensos palmares; da casa paterna; das crianças com quem brincava; e até da tarde de 2 de Fevereiro de 1904 quando, sentada no degrau da escadinha que dava para o pátio, e brincando com o ursinho de feltro, papai veio chamar-me: “Dedé, vem ver o nenê que chegou dentro do cestinho que a grande garça trouxe no bico para a mamãe.” Era o meu irmão Jandir.

Lembro-me também que, nesse tempo (1904), já tinha alguma idéia do bom Deus. Lembro-me do crucifixo de pedestal, que sempre estava sobre a cômoda muito alta, e que, para enxergá-lo, Acácia, a boa ama preta que cuidou de mim até os 10 ou 11 anos, levantava-me ao colo. Também do grande quadro, representando a SS. Trindade, que pendia da parede do quarto de mamãe, assim como de uma piazinha de louça com a Imaculada Conceição. E é só.

Conhecia o bom Deus pelo nome de Papai do Céu, e me recordo de que quem me falou n’Ele foi papai.

2. O Pai do Céu contente

Um dia de grande tempestade, papai estava sentado na cadeira preguiçosa, lendo alguma coisa. Os trovões e os relâmpagos se sucediam. Apavorada, fui acolher-me em papai, metendo-me entre os seus joelhos. Foi aí que papai me disse:

“Está ouvindo? É Papai do céu que está zangado com as crianças e com a gente grande que não querem ser boazinhas. E, quando as criancinhas são boazinhas, Papai do céu está contente e manda o sol.”

Foi só. E foi assim que concebi a idéia do bom Deus. E desde esse dia até os 6 anos, diariamente, logo ao despertar, o meu primeiro interesse era saber se brilhava o sol ou se chovia. E, se chovia sem trovoada, imaginei por mim que Papai do céu estava triste, sem estar zangado. E quase sempre, ou sempre, achei em mim mesma a causa da tristeza de Papai do céu: não deixara Acácia fazer-me os papelotes e a chamara de feia; ou chorava de braba, porque queria ver o soldado banhar o Congo, o grande cavalo que papai montava; ou fizera manha para comer, e atirara com a colher ao chão. Nesse dia em que, zangada, atirara com a colher, choveu com trovoada.

Sempre, porém, depois das minhas maldades, sentia grande desgosto por ter entristecido o bom Deus. Corria, então, ao quarto de mamãe e, olhando para o grande quadro onde se via Deus Pai com as grandes barbas brancas, procurava descobrir, no Santo Rosto, se ainda estava zangado ou triste; mas nunca, nunca, durante quase três anos em que sempre repeti esta cena, achei que o S. Rosto de Papai do Céu estivesse ainda zangado.

E foi assim que comecei a amar, a querer bem ao bom Deus, pensando comigo: Papai do Céu é tão bom e me quer bem; quando sou má, Ele não gosta, sim, mas eu Lhe digo que não faço mais e Papai do Céu é de novo meu amigo.

Jamais falei a alguém sobre estas pequeninas cenas que comigo se davam dia por dia. Poucas vezes ouvia falar de Deus, e até aos 5 anos não sabia rezar; aprendi-o no colégio. Sabia que o bom Deus morava no céu e que tudo que é bonito e bom, Ele o havia feito.

3. O Pai do Céu Crucificado e Sua Santa Mãe

Até aqui só conhecia o Papai do Céu de grandes barbas brancas como algodão. Não tinha ouvido falar nada daquele crucifixo; e, na minha ignorância, não gostava de olhar para ele, porque sentia uma espécie de horror e pena “daquele Homem” que eu não conhecia.

Naquele tempo (1904) residia em Santa Vitória a família Reis, cujo último membro ainda vive, D. Glória Reis, que abriu lá um colégio particular. Minhas irmãs mais velhas foram lá matriculadas e creio que daí partiram as relações de meus pais com essa família.

Certo dia, D. Mimosa Reis (mãe de D. Glória) foi à nossa casa. Meu irmãozinho Jandir, com poucos meses de idade, estava doente e D. Mimosa foi levada ao quarto da mamãe. Eu gostava muito dessa senhora e, logo que pressentia a sua presença, corria ao seu encontro e não a deixava mais. Assim sucedeu nesse dia. Ouvi a voz de D. Mimosa e lá fui ter com ela. Encostei-me aos seus joelhos e com ela fiquei.

D. Mimosa estava sentada defronte à grande cômoda onde se via, ao centro, o crucifixo preto com o Santo Cristo branco. Ela levantou-se e, tomando-me ao colo, dirigiu-se à cômoda, tomou o crucifixo, e perguntou-me: “A Dedé sabe quem é?” Não soube responder; a mesma pergunta fez, tomando a piázinha de louça com a Imaculada Conceição, e também não sabia; mas, quando apontou para o quadro da SS. Trindade, ah, conhecia, sim, o grande Papai do Céu, a quem eu já queria tanto! Lembro-me perfeitamente, como se fora hoje, da primeira liçãozinha que recebi, aos 4 anos, daquela boa e piedosa senhora, cuja lembrança jamais se extinguiu de minha memória. Que o bom Deus lhe dê a justa recompensa pelo imenso bem que ela fez à minha alma.

Quando eu lhe disse que o Pai Eterno era o Papai do Céu, D. Mimosa, apontando para o crucifixo, começou: “Este também é o bom Papai do Céu. A Dedé se chama Cecy e o Papai do Céu se chama Jesus. Jesus morava no Céu, que ele fez tão bonito. E, aqui onde Dedé Mora, também foi Papai do Céu quem tudo fez para toda a gente. E Papai do Céu disse: ‘Se toda a gente for boazinha, vou levar todos para o bonito Céu, para morar comigo’. Mas quase toda a gente não quis ser boazinha e, por isso, em vez de ir para o Céu bonito, por castigo devia ir lá para o fundo da terra, cheio de fogo, onde mora o diabo mau.

“Papai do Céu, que é tão bom, ficou com pena dessa gente má; então Jesus veio morar aqui na terra para pedir àquela gente que ficasse boazinha e só fizesse o que Papai do Céu mandava. Mas a gente não gostou do bom Jesus, deram n’Ele, judiaram com Ele, mandaram os soldados agarrar a Jesus e fizeram uma cruz assim como esta, mas bem grande, e, com uns pregos bem grandes, pregaram, com um grande martelo, o bom Jesus naquela grande cruz. Jesus morreu, depois viveu de novo e se foi outra vez para o Céu.

“Mas Jesus é tão bom e ainda gostava tanto daquela gente má que disse assim: ‘Não faz mal, se toda a gente e também as criancinhas como a Dedé quiserem ser boazinhas, eu as levarei para o bonito Céu, cheio de anjinhos que podem voar como as borboletas.’”

E D. Mimosa, tomando a piazinha, continuou:

“E esta moça bonita é a Mamãe do bom Jesus; Ela é boa como seu Filho, e foi com Ele para o Céu.” Aqui acabou a lição, a grande e profunda lição que tão profundamente se gravou na minha alma infantil, e que por três anos devia servir para meu guia.

4. A primeira grande dor da Alma

Quando D. Mimosa, tendo-me ainda ao colo, quis voltar ao lugar em que estava, abracei-me ao seu pescoço a soluçar convulsivamente. Creio que mamãe se assustou e D. Mimosa também, sem atinarem com a causa de minhas lágrimas. Acácia veio e levou-me para ver o Congo, o grande cavalo de que tanto gostava.

Foi esta a primeira grande dor de minha almazinha de criança. Uma grande pena sentia do bom Papai do Céu, a Quem muito mais amei desde esse dia e a Quem sempre desejei agradecer, se bem que milhares e milhares de faltas cometesse; porém nem uma só vez foram voluntárias, principalmente desde o dia daquela santa lição.

O “pobre Papai do Céu”, pregado naquela cruz preta, tinha, desde então, grande atração e influência sobre mim. Amava-O muito mais agora; e muitas vezes ao dia fui postar-me ao pé da cômoda, principalmente ao anoitecer, para que Papai do Céu não ficasse sozinho e não tivesse medo dos soldados que O maltrataram.

Muitas vezes Acácia tirou-me dali, surpreendida da minha atração pela cômoda, sem jamais ter atinado com a verdadeira causa. Aquela cômoda me atraía, apesar do grande medo que se apoderava de mim com a semi-escuridão do quarto e com o silêncio que lá reinava, pois àquela hora, quase sempre, estavam todos na varanda. Uma ocasião fui injustamente acusada por causa do meu predileto posto de guarda.

5. A cômoda atrativa

Em 1905 papai fez uma viagem ao Rio e, no seu regresso, trouxe grandes caixas de frutas cristalizadas. Com que gosto saboreava, sentada na cadeirinha de balanço, as grandes bananas açucaradas ou um grande naco de laranja que papai me dava. E, quando um doce me deliciava mais do que os outros, ou era desconhecido para mim, pensava, na minha ignorância infantil, que tinha sido a Mamãe do Céu que os fizera e mandara para as criancinhas da terra, por aqueles anjos bonitos que podem voar como as borboletas. (Em casa do capitão Bezerra já havia visto um quadro que representava o S. Anjo da Guarda atravessando uma ponte com duas criancinhas).

Pois bem, mamãe guardou as caixas em cima da grande cômoda. Muitas vezes, antes da chegada das caixas, costumava arrastar até lá a cadeirinha alta, onde comia à mesa e que sempre estava na sala contígua ao quarto. Arrastava-a até a cômoda, subia nela e podia contemplar de bem pertinho as mãos e os pés de Papai do Céu, com aqueles grandes pregos que Lhe faziam tanta dor. Justamente ao anoitecer dei para subir lá, na cadeirinha, sem jamais ter pensado nas caixas de frutas. Acácia encontrou-me lá e, indignada, tomou-me ao colo, e na outra mão a cadeirinha, dizendo: “Guriazinha lambisqueira, ia mexer nos doces e depois eu ou a Conceição (a outra criada) temos a culpa. Deixa estar que eu vou contar tudo”.

E levou-me ao papai, que disse: “Agora estou sabendo que minha filhinha faz como os ratinhos feios que gostam de tirar às escondidas”.

Fiquei estupefata. Até então ignorava o que fosse uma mentira ou uma injustiça; a minha limitadíssima e apoucada inteligência não podia conceber como Acácia pudesse dizer o contrário da realidade. É que a boa ama se enganara com a aparência. Em breve, porém, esquecera o caso das frutas e continuei fielmente a fazer o meu posto de guarda a Papai do Céu, a Quem nem mesmo no meio dos meus folguedos esquecia.

Quantas e quantas vezes me escondia atrás da porta e derramava lágrimas bem sentidas, pela grande pena de Papai do Céu pregado na grande cruz e que lá morreu. Meus pais costumavam fazer visitas de noite, no verão, e quase sempre nós os acompanhávamos. Jamais me senti feliz nesses passeios, apesar de lá, geralmente, haver crianças com quem brincava. É que me lembrava, pesarosa, que Papai do Céu ficara sozinho e que certamente estava com medo dos maus soldados.

6. O Anjo

Ainda no ano de 1905. Era uma tarde de carnaval. Mamãe, nessa época, costumava fantasiar-nos e, com outras crianças, íamos passear na praça, acompanhados de Acácia e Conceição. Tinha eu um verdadeiro terror dos mascarados, com aquelas horríveis máscaras que imaginava serem seus verdadeiros rostos; julgava-os entes sobrenaturais que morassem no fundo da terra, cheio de fogo, naquele lugar de que D. Mimosa me falara.

Creio ser este o primeiro ano em que acompanhei minhas irmãs. Aquela grande balbúrdia da praça amedrontou-me. A multidão de mascarados, grandes e pequenos, a saltarem e a baterem no chão com aquelas grandes bexigas cheias de ar, presas por um cordão na ponta de uma vara, poderia, se não fosse o auxílio do bom Deus, ter-me sido fatal, tanto foi o terror que senti. Agarrava-me às outras crianças, que pareciam divertir-se com prazer. Acácia e Conceição, distraídas com as suas companheiras (criadas que acompanhavam as outras crianças), não me davam atenção.

Veio-me então à cabecinha, já desnordeada pelo terror, a idéia de fugir dali e voltar para casa. Não sabia o caminho, mas sairia pelo grande portão, era só o que sabia; não pensei no resto. De fato, afastei-me do grupo e eis-me perdida naquela praça pequenina, sim, mas que para mim era um mundo sem fim. Não chorei, creio que pelo medo de que estava possuída.

Lembrei-me, no meu terror, do bom Papai do Céu que eu deixara em casa, sozinho, sentindo um grande pesar por não tê-lo trazido comigo. Mas sabia que Papai do Céu vê e sabe tudo e que de certo me via ali sozinha. Foi quando um grande mascarado, com uma máscara horrível e cujos olhos faiscantes ainda hoje guardo na imaginação, aproximou-se de mim e me tomou pela mão. Esse momento era para me fazer morrer de susto.

Alguns passos dera, presa por sua grande mão, quando senti, sem contudo nada ver, mas senti tão realmente como sentia ao meu lado o grande mascarado, senti, na realidade, o Anjo que vira lá no quadro em casa do Capitão Bezerra e que Papai do Céu mandava para ficar comigo e me levar para casa. Sentia-O realmente, sem O ver, mas como se O visse; tinha a real certeza de que Ele estava do lado oposto ao do mascarado. O mascarado soltou-me com um arranco e não o vi mais; sumiu-se por entre a multidão.

Ao terror de que havia pouco estava possuída, sucedeu-se a tranqüilidade doce e calma, na confiança do meu “Novo Amigo”. Já divisava o portão da praça, quando avisto Acácia a correr para mim. Se a tivesse avistado antes da chegada do meu “Novo Amigo”, certamente teria corrido para ela com a mesma ânsia com que se dirigia para mim. A minha calma, provavelmente, tranqüilizou-a e, nunca, nem Acácia, nem papai, nem mamãe souberam deste fato, e esta é a primeira vez que o refiro.

Desde esse dia de Fevereiro ou Março de 1905, o “Novo Amigo” acompanhou-me sempre, sempre, por toda a parte, e comigo fazia guarda a Papai do Céu, ao pé da grande

cômoda. Agora não tinha mais medo da semi-escuridão do quarto, pois sentia a doce e confiante presença do meu “Novo Amigo”, como sempre o chamei, até que, aos 6 anos, soube que Ele era o Santo Anjo da Guarda. Compreendi-o perfeitamente; falava-me, mas eu jamais ouvia sua santa voz.

Fiel Guarda da minha infância e da minha juventude, quanta saudade tenho agora de Vós, meu santo “Novo Amigo”! Deixai-me chorar, não faz mal. Estas lágrimas ofereço-as a Vós, meu Fiel Guarda, como prova do meu grande amor e da grande saudade que de Vós conservo. Depois de 30 anos como que Vos separastes de vossa irmãzinha e amiga! Mas Vós ainda estais comigo, eu o creio, apesar de não sentir mais a vossa presença e companhia santas, desde o ano passado de 1935. Que, ao recordar tudo o que por mim fizestes, eu Vos ame ainda mais. Se não fôreis Vós, meu Santo Guia, quem sabe se não tivesse ofendido voluntária e gravemente, milhares de vezes, ao bom Deus! Quantas e quantas vezes, entregue aos meus caprichos e às minhas inclinações, estava prestes a praticar o mal, quando a vossa santa advertência chegava sempre a tempo, impedindo-me a queda!

7. O segredo da cestinha

Logo após o carnaval, ouvi uma tarde papai dizer que iríamos para o mar. No dia seguinte, vi Acácia e Conceição e mamãe também, muito atarefadas, preparar roupas e pacotes.

Iríamos para o mar! Tal fato me encantou. Meu Novo Amigo iria junto, isto eu o sabia; todos de casa iriam, todinhos, até o bom Abelino, o soldado que banhava o Congo, iria guiando o breack; papai ficaria no quartel e a casa ficaria fechada. Isto tudo pensava, quando, numa cestinha, arrumava o ursinho de feltro que D. Mimosa me dera, e a boneca grande que não queria entrar na cestinha, senão sentada.

De repente, a minha grande alegria muda-se em amarga tristeza: até o ursinho iria, e só o querido Papai do Céu, que me dera o meu “Novo Amigo” e que ralhara com o mascarado, ficaria sozinho em casa, lá no quarto bem fechado e escuro. De bom grado ficaria com Ele, mas mamãe não mo deixaria, sabia-o certamente. E se, em vez da boneca e do ursinho, levasse Papai do Céu? Acácia deu-me a cestinha para a boneca e o ursinho, mas eu levaria Papai do Céu, sem mamãe ou Acácia precisar saber.

Fui ao quarto, arrastei a cadeirinha até a cômoda e tomei ao colo o meu Grande Amigo; fui ao guarda-roupa, tirei a capinha de capuz e nela enrolei aquela cruz de que tanto gostava. E foi assim que Papai do Céu foi também para os banhos de mar. Durante toda a viagem não me separei da cestinha. Lá chegando, guardei-a ao pé da caminha.

Ficamos muitos dias no mar, e Papai do Céu ficou sempre na cestinha, voltou para a cidade e para cima da cômoda, sem mamãe ou Acácia sabê-lo.

8. Sentidas lágrimas

Em fins de 1905 ou meados de 1906, papai foi transferido para a guarnição de Jaguarão. Creio que aqui começou a segunda fase de minha vida. Logo à chegada, fomos matriculados no Colégio Imaculada Conceição.

Lembro-me do meu primeiro dia de aula. Conceição levou-nos. Recebeu-nos Irmã Eugênia, tão boa e carinhosa, que logo fiquei gostando dela. Levou-nos para sua aula, e minhas duas irmãs e eu nos sentamos no primeiro banco.

Irmã Eugênia perguntou-nos muitas coisas. Eu estava admirada, nunca tinha visto uma Irmã e creio que nada faltou em Irmã Eugênia que eu não tivesse observado.

E o que mais me prendeu a atenção foi a cruz de pano preto que ela trazia ao peito, porém sem Papai do Céu. Ah! e lá naquela sala, pendente da parede, um grande Papai do Céu, muito grande, pregado numa grande cruz do meu tamanho! Suas mãos e seus pés tinham sangue e no seu peito, um grande “dodói” aberto! Pobre Papai do Céu!

Uma grande pena senti na alma e desatei a chorar. Irmã Eugênia procurou consolar-me, atribuindo minhas lágrimas à ausência de papai e mamãe.

As meninas começavam a chegar, e aquela porção de bancos estava quase cheia de crianças completamente estranhas para mim. Momentos depois, Irmã Eugênia levou-me para outra aula. Minhas irmãs ficaram.

Lá estava sentada na sua cadeira uma outra “moça”, vestida como a que me trouxera, e logo descobri que esta também tinha a cruzinha de pano ao peito. E, à parede, também um outro Papai do Céu, pendente da grande cruz! E, ainda, oh alegria, o meu Novo Amigo, num grande quadro, igual ao do Capitão Bezerra!

Minha professora seria a querida Madre Rafaela. Ela sentou-me no primeiro banco; lá seria meu lugar. Meu Novo Amigo estava a meu lado; não precisava procurá-lo. Tímida e acanhada por natureza, fiquei quietinha todo o tempo.

Gostei do colégio e das bondosas “moças”, a quem papai me disse que deveria chamar “Irmãs” e não “moças”.

Em breve já sabia fazer o sinal da cruz, rezar o Padre-Nosso, a Ave-Maria, o Credo e a linda oraçãozinha ao meu Novo Amigo. Foi Irmã Paulina quem nos ensinou. E foi aí que fiquei sabendo que o meu Novo Amigo era o Santo Anjo da Guarda. Madre Rafaela falou-nos muito do bom Papai do Céu, mas ela jamais O chamou assim, o que muito me surpreendeu, pois sempre dizia o “bom Deus”. Compreendi: Papai do Céu se chamava Deus. Aprendi também que a Mamãe do Céu se chamava Maria Santíssima.

Madre Rafaela falou-nos depois do bom Jesus, cujo santo Nome já conhecia por D. Mimosa. Falou-nos da alma, do horrendo pecado, do céu, do inferno, do purgatório.

Guardei tudo quanto a minha apoucada inteligência podia conter: do resto meu Novo Amigo cuidaria.

9. A hostiazinha branca encantadora

O que sumamente me impressionou, foi quando a boa Madre falou na “Santa Hostiazinha branca”, que era o mesmo bom Deus, o mesmo Jesus que vivera e morrera aqui em nossa terra.

Pensei logo: “Se eu pudesse ter comigo o bom Jesus escondido na Hostiazinha”! Ah! agora eu trocaria, sim, de bom grado, a Cruzinha preta com o Papai do Céu pregado nela pela Santa Hostiazinha branca, que é o Papai do Céu vivo, de verdade, ao passo que o Papai do Céu da cruzinha é só o seu retrato!

Sei que amei muito, muito a Santa Hostiazinha branca. Os domingos e dias santos me encantavam: ia com as Irmãs e as meninas à igreja, rezar à Santa Hostiazinha.

Passaram-se alguns meses. Já sabia ler sozinha. Um dia apareceu Irmã Irene em nossa aulazinha e disse: “Quem ainda não fez a 1a. Comunhão aponte o dedinho”.

Exultei, já ouvira falar, pela boa Madre Rafaela, da 1a. Comunhão. O bom Jesus, no meu coraçãozinho, ficaria sempre, sempre comigo! Foi só o que pensei naquele momento. Apontei, também, o meu dedinho.

Madre Rafaela agarrou-o no ar, sacudiu-o e falou com Irmã Irene. Depois, Madre Rafaela, dirigindo-se a mim, disse: “A Cecy é ainda muito pequenina, ela ainda vai esperar até o ano que vem; e depois, papai também não vai deixar!... Mas podes ir com a Irmã Irene e as outras meninas, ouviste?”

É que Madre Rafaela dava apenas licença para eu assistir às instruções.

Grande decepção senti na alma! Quem sabe, talvez, se não fora, também, uma grande dor!? Fiquei triste e pela primeira vez me senti infeliz. Pensei: Irmã Irene queria, logo percebi, ela até havia dito: “Tu pedes ao papai, não é?” Porém Madre Rafaela, que era mais minha amiga do que Irmã Irene, não me queria dar o bom Jesus!

Queixa bem dolorosa partiu do meu coração ao meu Novo Amigo, que ali estava, quietinho, sem nada dizer, mas tudo ouvindo.

Minha querida Madre Rafaela, foi só esta a queixa que tive de vós, durante 11 longos anos. Queixa injusta, é bem verdade, mas foi feita por um coraçãozinho que vos amava muito, que não compreendia as vossas santas intenções e que amava já muito “a santa Hostiazinha branca” que vós mesma, minha boa Madre Rafaela, fizeste-me conhecer e amar.

10. O espinho doloroso

Fui com Irmã Irene para as instruções. Dia por dia mais desejava o bom Jesus no meu coração. Grande terror senti do pecado, que tanto desgostava e entristecia o bom Deus. E dia por dia, ao me levantar, dizia a meu “Novo Amigo”: “Meu Novo Amigo, Santo Anjo da Guarda, tenha hoje muito cuidado Comigo e não me deixe desgostar o bom Deus. Amém”.

Esta oraçõzinha eu mesma a compus e a repeti durante toda a minha vida, a partir daquele tempo das instruções, de um dia em que Ir. Irene nos falara que o bom Jesus morrera pelos pecados de todos os homens. E o que mais vivamente se gravou em minha almazinha de Criança foi: “Cada pecado que a gente faz é um espinho grande que a gente enterra na Santa Cabeça do bom Jesus”.

“Quando recebemos Jesus em nosso coração, e se depois fazemos um pecado, expulsamos nosso bom Jesus de nosso coração aos empurrões, e deixamos que o demônio entre.”

Palavras que se gravaram nitidamente em minha alma e que um verdadeiro horror ao pecado me despertaram. Ah! vezes incontáveis estive por enterrar o “grande espinho” na Santa Cabeça de Nosso Senhor, porém meu Novo Amigo chegava sempre a tempo de mo impedir, e daí a doce e segura confiança que Lhe tinha.

11. Os pêssegos

Certa tarde fomos, com outras crianças, passear ao campo com Acácia e Conceição. Acácia levava dinheiro para comprar frutas e nós, cestinhas. Iríamos a uma chácara que Abelino, o bom soldado que papai trouxera de S. Vitória, conhecia, e ensinava o caminho para Acácia.

Chegamos a tal chácara. Um homem, com uma enxada ao ombro, mandou-nos entrar. Corremos logo com Abelino, Acácia e Conceição. E enquanto o homem colhia as frutas, sem que os nossos três guias o percebessem, as crianças colhiam por si grandes pêssegos e ameixas e os metiam nas suas cestinhas. Eu as vi; suas cestinhas estavam quase cheias, só a minha, vazia.

Estava eu justamente ao pé de um pessegueiro!... e um grande pêssego!... e outro!... e mais outro! e todos ao alcance da minha mão! Por que também não poderia eu colhê-los? Estendi o braço para colher a fruta e meus dedos já tocavam o grande pêssego aveludado, quando sinto a advertência suavíssima e calma do meu Novo Amigo. Meu braço suspenso foi descido por “Mão invisível”, sim, mas tão realmente sentida como se alguma das pessoas que eu podia ver me houvesse tocado. Compreendia melhor e mais claramente a Voz do meu Novo Amigo do que quando Madre Rafaela, Ir. Paulina ou Ir. Irene, a quem eu via, falavam-me.

Arrependi-me logo, dolorosamente, sim, do feio e grande pecado que estive prestes a fazer, e uma imensa pena do bom Jesus me feria o coração, qual o grande espinho que estive quase a enterrar na sua Santa Cabeça. De noite, na cama, chorei amargamente, depois de ter pedido perdão ao bom Jesus, a Nossa Senhora e ao meu Novo Amigo. (Este tratamento de Novo Amigo só deixei aos 14 anos.)

Em outra instrução, Ir. Irene nos havia falado de um meninozinho que, ao morrer, fora para o purgatório porque mentia, e aparecera, então, à sua irmã mais velha, mostrando-lhe a língua crivadinha de alfinetes e, em cada um destes, uma cobrinha enroscada e que incessantemente lhe picava a língua. Até aqui ignorava o que fosse uma mentira e, por isso, não compreendi o motivo do grande castigo do meninozinho. Imaginei, no entanto, que o pobrezinho cometera mui grande pecado para ser tão horrivelmente castigado. Porém o meu Novo Amigo me daria a explicação.

12. O copo quebrado

Todas as tardes costumávamos ir com Acácia e as crianças da vizinhança ao tambo tomar leite. Cada uma de nós levava seu copinho enrolado no guardanapo. Eu tinha um lindo copinho verde com uma asinha dourada e todo bordadinho de estrelinhas. Fora o Capitão Barcelos quem mo dera.

C., uma das minhas companheiras, gostou do meu copinho e disse: “Dá-me o teu copinho e toma leite no meu”. Acácia, porém, interveio, dizendo: “Não, senhora, cada uma toma no seu”. C. nada disse e até parece que concordou.

Caminhamos ainda uma quadra, mais ou menos, quando C. se volta para mim e, dando um grande puxão no guardanapo, fez com que o copinho caísse ao chão e ficasse em cacos. Com a mesma rapidez com que fizera isto, correu para Acácia, que então vinha um tanto afastada de nós e que não vira o caso, e disse-lhe: “Acácia, a Cecy, de braba, porque você não deixou que ela trocasse comigo o copinho, atirou com ele ao chão, de propósito, e quebrou”.

Acácia, naturalmente, indignou-se e disse: “Muito bonito, meninazinha braba, pois fica sem copo e não tomas leite, só as outras tomarão e tu chucharás no dedo”.

Eu não atinava com a inverdade de minha amiguinha e, no mesmo momento, pois tudo fora tão rápido, movia-me uma espécie de indignação e de revolta, para lhe fazer o mesmo que ela me fizera, quebrando também o seu copo, quando o meu Novo Amigo entra em ação e impede os meus passos da mesma maneira como impedira o furto das frutas. E ouvi claramente a santa advertência de meu Novo Amigo: a pobre C. fizera duas grandes maldades: a primeira, não a compreendi (o ter-me quebrado o copinho), a segunda, ah! foi a mentira, o mesmo pecado daquele meninozinho que fora castigado na língua com os alfinetes e as cobrinhas. C. mentira para Acácia, e esta pensou que assim fosse como ela o dissera.

Agora sabia, perfeitamente, o que era uma mentira. “Já sei, eu quebro um copo e depois digo para mamãe que não fui eu”.

Chegamos ao tambo e não sei por que esquecera de dizer à Acácia que não fora eu que quebrara o copinho. É que meu Novo Amigo ali estava e eu respeitava sua presença mais, imensamente mais do que respeitava a presença da Madre Rafaela, Ir. Irene, Ir. Paulina, enfim das boas Irmãs que eram para mim de suprema autoridade. Acácia, porém, fazia-me sempre a vontade, e deu-me leite no copinho de minha irmã.

E foi assim que meu Novo Amigo impedira que eu cometesse a feia e baixa vingança.

Meu Santo e Fiel Guarda, se eu fosse narrar tudo o que por mim fizeste, ah, um grande e volumoso caderno não bastaria.

13. O petiço

Se não fosse o máximo respeito que me infundia a santa presença de meu Novo Amigo, creio que teria adquirido, já na minha infância, modos inconvenientes, pouco ou nada modestos. Sabia perfeitamente que, quando estava na presença das Irmãs ou de pessoas estranhas a quem muito respeitava, devia estar em boa postura. E, se bem o executasse, melhor ainda cuidava disso ao estar só, pois me sentia mais vivamente observada por meu Novo Amigo. Até os meus 8 anos, foi sempre Acácia quem me vestia, banhava, penteava, fazia-me deitar e levantar, pois, pouco hábil e jeitosa como eu era, ainda aos 10 ou 11 anos não dispensara de todo os seus serviços. Muitas vezes, principalmente ao me levantar, quando calçando, p. ex., as meias, tomava uma posição inconveniente ou não cuidava que o vestidinho estivesse bem caído, eis, sempre a tempo, a advertência de meu Novo Amigo, e, sem jamais O ter visto, sentia tão vivamente a sua presença e a sua reprovação, que, envergonhada, fechava os olhos, como se receasse ver o seu santo rosto a olhar-me com severidade.

Esta cena repetiu-se inúmeras vezes, estivesse eu só ou nos mais interessantes folguedos. Com a graça do bom Deus, não me recordo de uma única vez ter resistido às advertências santas do meu Novo Amigo, apesar de muitas e muitas vezes precisar, sem mesmo o saber, violentar a minha natureza rebelde e cheia de más inclinações.

Certa ocasião, houve uma festa militar gaúcha na Invernada, e papai levou-nos. Fiquei encantada quando vi que lá se podia montar a cavalo. Senhoras e crianças o faziam. Jamais montara a cavalo, a não ser uma ou outra vez que papai me sentara no Congo. Lá na festa, porém, iria passear a cavalo.

O Tenente P. cuidou de mim, trazendo-me um bonito peticinho. Estava eu no auge da alegria. Ele pôs-me no petiço como se eu fosse um rapazinho e já ia puxá-lo pelas rédeas, quando ouço e sinto a advertência do meu Novo Amigo, tão vivamente como ouvia e sentia o Tenente P.

Meu Novo Amigo reprovava meu passeio. Senti seu braço descer-me suavemente do cavalo como sentira, antes, o Tenente levantar-me. E eu, já no chão, disse-lhe: “Não quero mais passear”.

O Tenente admirou-se da minha “agilidade” e relatou o fato a papai, que me chamou de medrosa e tolinha. Gostaria muito de passear a cavalo, sim, mas gostava muito, muito mais de contentar meu Novo Amigo.

14. O ramo de rosas brancas para Nossa Senhora

Aproximava-se o mês de outubro e não obtivera licença para a 1a. santa Comunhão. Várias vezes Ir. Irene mandava-me esperar, depois da aula, a boa Madre, para alcançar a licença suspirada. A resposta, porém, sempre era evasiva.

Verdade é que o meu exterior, digo, o meu físico pouco desenvolvido, mostrava o de uma criança talvez de 4 ou 5 anos; creio, no entanto, que a verdadeira causa desse impedimento era a de eu ser quase nada ou, até mesmo, nada esperta, ou melhor ainda, para dizê-lo franca e sinceramente, era nada mais que “boba”. Oh! mas apesar disso eu sabia tão bem Quem era a Santa Hostiazinha branca, e A amava tanto, tanto! Se a minha boa Madre Rafaela tivesse sabido que todas as noites, depois que a luz se apagava, enterrava eu a cabeça no travesseiro para abafar os soluços, e chorava sentidamente, porque não receberia a santa visita do meu Grande Amigo, o meu Papai do Céu, o bondoso Jesus, que foi tão maltratado só para me levar um dia para o bonito Céu.

E o meu Novo Amigo era o meu único confidente; ali estava ele, bem acordadinho, pois nunca tinha sono, sabia-o eu; a qualquer hora da noite que eu despertasse, ei-lo ao meu lado. Sentava-me então na cama e contava-Lhe o motivo de minhas lágrimas, acabando por suplicar-Lhe que pedisse à boa Madre por mim, e ela, com certeza, faria tudo o que Ele, o Santo Anjo, lhe pedisse. E assim, sempre na doce esperança de que a boa Madre me desse permissão, acabava por adormecer.

Certa noite, já na caminha, quando, entre lágrimas me sentei para, como costumava, confiar a minha queixa ao meu Novo Amigo, pensei: “Ah! É porque não pedi ainda à Santa Mãe do bom Jesus, a Nossa Senhora, como Ir. Irene dizia, a boa Mamãe do Céu.” Ela havia de mandar a minha Madre Rafaela.

No dia seguinte, de manhã, logo ao despertar, pulei da cama e fui postar-me ao pé da cômoda, que agora não estava mais no quarto de mamãe, e sim no quarto contíguo ao meu. Ainda não crescera bastante para alcançar a cômoda, mas não fazia mal, podia enxergar a piazinha com Nossa Senhora. Conservo até hoje na memória a minha “improvisada oração”: “Querida e boa Nossa Senhora, tenho tanta vontade que o seu Filho Jesus venha também ficar no meu coração. Mas a Madre Rafaela não quer deixar, porque eu sou pequena demais. A Senhora faça que eu cresça hoje um pedaço grande e mande a Madre Rafaela ver. Eu tenho, no cofrezinho, oito pratinhas de um mil réis que juntei para comprar o bebê negrinho que está na vitrina da ‘Loja das Moças’. Eu não compro mais o bebê, mas compro, com todo o dinheiro, um ramo das grandes rosas brancas lá de Artigas, para enfeitar o seu altar na igreja, se Madre Rafaela deixar. Amém”.

O meu Novo Amigo ali estava comigo, e eu sabia muito bem que Ele também queria que Nosso Senhor viesse ao meu coração. Depois de haver assim pedido a Nossa Senhora, volto ao meu quarto e pouco depois vem Acácia. Fui para o colégio. Parece-me que nesse dia Madre Rafaela não viu “que crescera”, pois ela nada disse. (Eu estava mesmo bem

persuadida de que Nossa Senhora me fizera crescer.)

No dia seguinte, Madre Rafaela ainda nada dissera, e passou-se mais um dia, e mais outro, e mais outro. Por fim, resolvi ir eu mesma outra vez pedir à boa Madre.

Depois da aula, fui postar-me lá na porta por onde devia passar. Meu coração batia tão fortemente que me pareceu não poder falar. Mas meu Novo Amigo ali estava comigo e me ensinaria a pedir.

Nem precisei falar; Madre Rafaela falou antes de mim, e disse: “Já sei o que a Cecy quer. Pois bem, se papai der licença, a Madre também dá”.

Se não fosse o grande respeito que me infundia a minha querida Madre, creio que teria feito como costumava com papai, mamãe ou Acácia, quando satisfaziam os meus desejos: abraçava-os e os acariciava de mil maneiras. Para minha Madre só podia dizer: “Sim, Senhora, muito obrigada”. Papai fazia tudo o que eu queria, isto eu sabia, e se papai quisesse, mamãe também. E assim foi.

Naquele dia, como já era tarde, não poderia mais ir a Artigas para comprar as rosas para Nossa Senhora. Fui então à cômoda e pedi a Nossa Senhora para esperar até “amanhã”. Tomei a piázinha e beijei-a repetidas vezes, como a querer com isto exprimir à boa “Mamãe do Céu” a minha gratidão por ter-me feito crescer um pedaço grande. (Não sei se crescera de verdade, só sei que estava convencida de que crescera e que, por isso, a Madre dera a licença.)

No dia seguinte cumpri a minha promessa. Acácia levou-me a Artigas. Só lhe disse que queria comprar daquelas grandes rosas brancas para levar a Nossa Senhora, lá no seu altar da igreja. Abri o cofrezinho, que era uma Arca de Noé, e todo o dinheiro que havia dentro passei para a bolsinha.

Como me senti feliz quando, na volta, sentada no bote com Acácia, atravessara o rio com o lindo ramo de rosas brancas. A moça, lá de Artigas, dissera: “O ramo ficará mais bonito com “príncipe negro” e “rainha da Pérsia”. Acácia era também do mesmo parecer. “Não, senhora, eu só quero as rosas brancas”, disse-lhe. (É que eu prometera a Maria SS. as lindas rosas brancas, um ramo só de rosas brancas.) E assim foi.

O Sr. Padre Domingos lá estava na Matriz, e colocou num grande jarro o ramo de rosas brancas para Mamãe do Céu. Sentia-me feliz, imensamente feliz. À noite, quando já deitada, sentei-me na caminha, não mais para queixar-me ao meu Novo Amigo de minha Madre Rafaela, mas para perguntar-lhe se Nossa Senhora gostara do ramo e Ele também. A “Arca de Noé” estava vazia e eu não mais teria o lindo bebezinho, negro como carvão, que tanto desejava. Começarei a juntar de novo as pratinhas que papai me der. Pedi então ao Novo Amigo que não deixasse outra menina comprar o bebezinho negro até que eu tivesse todo o dinheiro.

Mas, como da primeira vez, quando a “Arca de Noé” continha já uma porção de pratinhas, eis que de novo se esvaziou, não, porém, para a compra do bebê, mas para fazer uma outra compra, que me deixou tão feliz como no dia da compra das rosas brancas. Este fato mais adiante relatarei.

15. A primeira confissão

Passaram-se mais alguns dias. Sabia, como Irmã Irene ensinara, que devíamos preparar muito bem e muito bonito o nosso coraçãozinho para a visita do bom e tão querido Jesus. Ansiava já pela primeira confissão, para meu coração e minha alma ficarem mais branquinhos do que o lindo vestidinho branco que mamãe já mandara fazer.

Chegara afinal o dia de nossa primeira confissão. Confessei-me com o Reitor do Ginásio, Padre Dr. Luís Lembrecht. [Os Padres que trabalharam em Jaguarão, no Ginásio e na Paróquia, eram Premonstratenses.] Já na véspera Irmã Irene, muito zelosa, levou-nos para uma sala desocupada, deu-nos papel e disse-nos que, pelo catecismo, podíamos procurar os pecados. Meu Novo Amigo ali estava, mas nada me dizia. Pensei: gostaria mais de estar com meu Novo Amigo sozinha. Lady, uma das minhas companheiras, estava a meu lado, e não ficava quietinha. Continuamente me perguntava, apontando com o dedinho para um dos pecados do catecismo: “Cecy, tu vais escrever este pecado?” Respondia-lhe eu cada vez: “Irmã Irene disse que a gente só diz os pecados para o Padre, mas eu vou escrever, sim, fica melhor”.

Parece-me que Irmã Irene viu que Lady não ficava quietinha e levou-a para outro banco. “Que bom, fico sozinha num banco com o meu Novo Amigo”. Pensei, pensei; pedi ao meu Novo Amigo para fazer bem feitinha a minha confissão. E, de-pois de ler os pecados contra cada mandamento, pensei: “Tantos pecados estão aqui que eu fiz, outros não sei se fiz, e outros não sei o que querem dizer. Que porção de espinhos enterrados na Santa Cabeça do bom Jesus”! Uma grande pena senti do “bom Papai do Céu” e, como se O quisesse consolar, prometi-Lhe, esforçando-me vivamente por não chorar: “Nunca, nunca mais serei má, não quero mais fazer um só pecado; sempre quero fazer pecados, e é o meu Novo Amigo que não me deixa e cuida de mim.”

Irmã Irene, que tudo via, aproxima-se de mim, dizendo: “Mas Cecy, as outras estão quase prontas e tu ainda não começaste!” Comecei, então, mas com a resolução de escrever todos os pecados do catecismo. “Nosso Senhor sabe os pecados que eu fiz e os que não fiz. Assim, não fica nada em meu coraçãozinho, nem uma manchinha, e minha alma fica branquinha como a Santa Hostiazinha branca que eu vou receber”.

Quando ficamos prontas, Irmã Irene deu-nos um envelope, dobrou o papel de cada uma, e meteu-o no envelope, fechando-o. Depois escreve-mos o nosso nome no mesmo, e Irmã Irene guardou tudo para o dia da confissão. Fui para casa, e mal podia esperar pelo dia seguinte. Irmã Irene dissera: “Amanhã às duas horas vocês farão a primeira confissão”. E assim foi.

Chegou afinal o grande momento. Não sei que de sentimentos diversos experimentei. Não fui a primeira, Irmã Irene é quem o determinava. Meu Novo Amigo ali estava comigo, e comigo iria junto. Repetidas vezes rezei o Ato de Contrição com grande, muito grande pena de ter sido tão má para o Papai do Céu.

Chegou a minha vez; tinha na mão o grande papel cheio de pecados, dos grandes espinhos com que magoara a Santa Cabeça de Jesus. Eis-me no confessionário, com o coração a bater desordenadamente. Ansiava por confessar-me. Comecei a ler, a ler os meus pecados. Mas, de repente, o Sr. Padre me interrompe e me pede o papel. Dei-lho. Não mais o recebi. Fiz o resto da confissão sem o papel. O Sr. Padre dizia os pecados, e eu dizia se os fizera. Mesmo sem o papel, que me parecia, antes, ser indispensável, sei que fiz uma excelente confissão, pois senti tão grande felicidade como jamais a sentira até então.

Percebi que, ao sair do confessionário, o Sr. Padre ria, e alegrei-me ainda mais, porque pensei: também ele está contente com a minha felicidade. Só mais tarde compreendi que fora mais uma vez uma bobinha.

Chegada a casa, de tarde, não fui brincar na calçada como de costume, e nem quis ir ao tambo, aonde tanto gostava de ir. É que receava fazer alguma manchinha na minha alma, agora tão branquinha e bonita como o véu, a grinaldinha e o vestidinho brancos que já estavam guardados lá no guarda-roupa. Passei todo o resto da tarde sentada na cadeirinha de balanço, ao pé da grande cômoda, a rezar o ato de contrição. Ninguém se ocupou comigo, só o meu Novo Amigo, que também não quis ir ao tambo.

Acácia, ao voltar do tambo, mostrou que não se esquecera de mim: trouxera-me, na minha canequinha azul, com uma ovelhinha pintada, e que mamãe me comprara depois do fato do copo que-brado, o leite lá do tambo.

16. Comunhão: a presença sensível de Jesus na Alma

A grande data, 17 de outubro, aproximava-se lentamente. Fizemos ainda uma segunda confissão. Desta vez a Irmã Irene me dissera: “Olha, Cecy, a gente não confessa todos os pecados que estão no catecismo, mas só os de que a gente se lembra que fez mesmo”. Eu bem sabia isto, mas pensara que seria melhor confessar tudo; nada, porém, disse à Irmã Irene. Eis-nos afinal na véspera do Santo Dia. Irmã Irene cuidou muito bem de nós. E, quando regressei para casa, fiquei sempre ao pé da cômoda, sentada na cadeirinha de balanço, a preparar, conforme Irmã Irene o dissera, as orações que de-víamos rezar em comum, antes e depois da Visita de Nosso Senhor. Ainda não sabia ler com desembaraço e sem apontar a palavra que lia, com o dedinho. Irmã Irene não queria. E eu queria rezar muito bem para Nosso Senhor ouvir, sem errar nenhuma palavrinha.

Ah! e era no lindo livrinho A Chave do Céu, todo de folhinhas douradas, que a minha querida Madre Rafaela me dera, escrito na primeira folha, com uma letra tão bonita: “Lembrança de tua amiga Madre Rafaela”. Este livrinho conservei-o por muitos anos, até já moça. Dei-o, mais tarde, a minha irmã Adayl, depois de haver colado cuidadosamente a folha daquela dedicatória que tanto me encantava: Madre Rafaela era minha amiga! Como este pensamento me alegrava! E, como se a minha Madre tivesse adivinhado a alegria que senti, quando pequenina, por ter uma amiga santa, doze anos mais tarde, quando ela deixa Jaguarão, dá um santinho à sua Cecy, já com 18 anos, com a mesma dedicatória. Este santinho, porém, conservo-o até hoje.

Minha boa e santa Madre, jamais esqueci o quanto lhe sou devedora! Todo o imenso bem que a Sra. fez à minha alma, o bom Deus lho recompensará.

Enfim chegou o 17 de outubro, a data santa, a data, para mim, infinitamente feliz, a data em que conheci de pertinho, mais do que de pertinho, em mim mesma, o meu bom Jesus, o bondoso Pa-pai do Céu, que alguns meses atrás conhecera só no grande quadro do quarto de mamãe e no que-rido Crucifixo da grande cômoda.

Meu bom Jesus, quanta saudade tenho da pequenita “Dedé”, infinitamente feliz naquele Santo Dia! Foi a vez primeira, Deus meu, que senti real e vivamente em mim mesma a Vossa Santíssima e Real Presença! Era bem assim que eu Vos esperava, meu Jesus, e não me enganei. Sabia que Vos sentiria em mim mesma, não como sentia o meu Novo Amigo, mas como se Vós, meu Deus, fôsseis eu mesma e como se eu mesma fosse Vós. Vós em mim e eu em Vós. Vossa alma em minha alma, Vosso Coração em meu coração! Duas almas em uma só alma! Dois corações em um só coração! O grande Deus Onipotente e sua pequenina e miserável criaturinha! Como Vos amei naquele santo momento, e como Vós, Grande Deus, me amastes, não o sei descrever. Somente nós, Jesus e sua “Dedé” o poderemos saber! Bom e fidelíssimo Jesus, vão lá 30 longos anos e ainda nos amamos muito, infinitamente mais hoje, não é, meu Deus? Desde aquele dia senti sempre, sempre, a vossa Santíssima Presença em mim, até o ano passado, quando deixastes a vossa servazinha imersa no mais doloroso abandono, na mais dolorosa saudade. Cumpra-se, porém, em tudo, na vossa criaturinha, a Vossa SS. Vontade. Verdade é que já no No-viciado Vos escondíeis, às vezes, de mim, mas breve, muito breve, eu Vos achava.

17. O juramento de fidelidade no Dia da Comunhão

No santo dia de minha 1ª. Comunhão, 17 de outubro de 1906, depois de ter vindo para casa, trazendo comigo não só meu Novo Amigo, porém mais intimamente o Grande e Divino Hóspede, desejei ardentemente encerrar-me no meu quartinho e lá ficar com o meu Deus; tinha tanta coisa que dizer-Lhe, que Lhe pedir! Desejava apertá-lo ao meu coração e fazer-lhe tantas promessas, tantos protestos de amor. Ah! mas Acácia já ali estava para levar-me à casa de vovó e da madrinha. Fui, sim, mas em breve, muito em breve, estava de volta. Depois de Acácia ter-me tirado o vestidinho, véu, grinalda, pôs-me, a meu pedido, um vestidinho de domingo, porque, pensei, tinha eu uma Grande Visita.

Pronta, corri ao quarto e eis-me quietinha, sé-ria, com muito respeito, com modos delicados, sentadinha na cadeirinha, a amar, a amar muito, mui-to, o meu Deus. Abraçava-me a mim mesma, pois em mim mesma abraçava a Jesus. Mil promessas de amor e de fidelidade eu Lhe fiz na minha linguagem infantil, mas sabia que Jesus me compreendia tão bem, melhor do que papai ou mamãe.

E eu sentia em mim tão vivamente a meu Deus, de um modo mui diferente do meu Novo Amigo. Era como se eu mesma fosse o bom Jesus. Ele, o meu Divino Hóspede, escutava-me sem se aborrecer. E eu, sem ouvir a Sua Santa Voz, escutava atenta e com muito amor o que Jesus queria de sua pequenina serva: “Nunca, nunca fazer um só pecado, para que Ele, Jesus, nem uma só vez, nem um só momentinho, pudesse separar-se de mim”.

E, levantando-me da cadeirinha, ponho-me de joelhos e, fazendo uma cruzinha com os dois dedinhos indicadores, beijo, na minha simplicidade de criança, esta cruzinha e com uma firmíssima resolução digo: “Bom e querido Jesus, eu juro para o Senhor que não quero nunca fazer um só peca-do”. Foi o primeiro e único juramento que fizera no mundo. Talvez não compreendesse o imenso compromisso que assumira, não o sei. Sei unicamente que o fizera movida por um grande desejo de jamais ofender ao bom Deus. Guardei, até hoje, este juramento, em segredo, no meu coração. Jamais o revelei a alguém; fi-lo com Jesus em mim e com o meu Novo Amigo a meu lado.

E é este o momento em que o desvendo. Jesus, o bom Jesus, aceitou e guardou em Seu Sacratíssimo Coração o juramento de uma fraca criaturinha e cuidou, com a Sua Graça, que esse juramento jamais fosse violado até a presente data.

Meu Deus, continuai a cuidar de vossa esposazinha. Deixai fechado no Vosso Sacratíssimo Co-ração, até o meu último suspiro, este juramento que Vos fiz com tanto amor e sinceridade.

De inteligência acanhada, compreendia, às vezes, o inverso das explicações das queridas Irmãs, nas aulas de religião. Não sei como, tomei a convicção errônea de que, quando recebíamos a Nosso Senhor, na Sagrada Comunhão, tínhamos a Presença Real de Nosso Senhor Jesus Cristo em nós [ela quer dizer pela conservação das espécies, da

santa Hóstia] até quando cometêssemos o primeiro pecado depois da recepção da Santa Comunhão. Tal convicção, apesar de errônea, foi de imenso bem, pois adquiri ainda maior horror ao pecado, convicta, como es-tava, de que somente com um só pecado perderia o meu Divino Hóspede; e perder a Jesus, jamais! Perderia tudo, tudo, até papai ou mamãe, que eram tudo para mim, porém – depois de Jesus.

18. O primeiro Rosário improvisado

Até então pouco conhecia a Santa Mãe de Jesus. Depois, porém, do fato das “Rosas brancas” e de a boa Nossa Senhora ter tão bondosamente advogado a minha causa para a 1a. Comunhão, ah! por mais uma grande graça do bom Deus, comecei a amá-la mais, muito mais. Depois da Ave-Maria, a segunda oraçãozinha que aprendi com Madre Rafaela, foi:

*“Lembraí-Vos que Vos pertença,
Terna Mãe, Senhora Nossa!
Ah! Guardai-me e defendei-me
Como propriedade Vossa”.*

Sempre rezei esta oraçãozinha de manhã e de noite, até entrar para o convento. Aprendera também a fazer sacrificozinhos a Nossa Senhora. E alegria imensa senti quando Madre Rafaela nos ensinou a rezar o s. Rosário. Fui para casa radiante. A Chave do Céu, que Madre Rafaela me dera, dizia bem direitinho como a gente rezava. Os Padre-Nossos, as Ave-Marias, o Credo e a Salve Rainha, sabia-os de cor, mas o que a gente devia pensar, ah! isto não sabia, mas A Chave do Céu ensinava. Que bom, pensei eu, depois da lição de religião, hoje, lá em casa, vou rezar o Rosário e também ensinar ao “seu” Cipriano (o bom velhinho paralítico do Asilo).

Chego a casa. Aquele dia estava com muita pressa para tudo; Acácia devia dar-me banho bem ligeiro e depois papai me ajudaria a estudar (o que sempre meu querido papai fez com tanta paciência até os meus 9 ou 10 anos). É que depois eu queria rezar o Rosário sozinha, pela primeira vez. Mas nem papai nem Acácia estavam agora ao meu dispor: papai ainda não viera do quartel, e Acácia não saía da cozinha até que papai chegasse. Resolvi então rezar o Rosário.

Trago A Chave do Céu e vou postar-me ao pé da grande cômoda para rezar diante da piázinha. E só aqui, com grande decepção, é que me lembrei que não tinha um Rosário. Lembrei-me, porém, que Acácia tinha um grande colar de contas azuis, parecido com um Rosário; rezaria nele.

Corri a buscá-lo. Só faltava a cruzinha; eu não tinha nenhuma, mas Nossa Senhora sabia disso e não havia de se importar. Meu Novo Amigo ali estava, e sentia-O a observar todos os meus movimentos e pensamentos. Nosso Senhor também.

Sabia eu que todos os santinhos, rosários, medalhinhas devem ser bentos e concluí: o colar de Acácia não é santinho, então não é bento. Ponho-me de joelhos com muita devoção, tomo o colar, ponho-o na palma da mão e com a outra mão faço uma cruz sobre o colar, dizendo com toda a sinceridade do coração: “Eu te benzo em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. Amém”.

E foi assim que rezei o meu primeiro terço. Estou até hoje bem certa de que Nossa Senhora aceitou com muito amor esta minha primeira oração do seu santo Rosário, naquele colarzinho de contas azuis, que minha ignorância improvisara. Meu Novo Amigo ficou comigo e também Nosso Senhor, e a nada se opuseram.

E que cuidado e respeito tive depois com o colarzinho! Pensei: agora Acácia não deve enfeitar-se mais com ele, porque o benzi. Vou pedir o colarzinho para mim e dou para Acácia as pratinhas que já tenho na “Arca de Noé”. A boa Acácia, porém, não aceitou a troca, deu-me o colar e só aceitou o pacotinho de charutos de chocolate que eu comprara com uma pratinha de 1\$000.

Mais tarde, no fim do ano, na festa do encerramento das aulas, recebi de prêmio uma espécie de bolsinha de cetim, de gomos brancos e azuis, trazendo dentro um lindo rosarinho branco, de verdade, e a boa Madre dissera que já estava bento.

Foi este o primeiro rosarinho que possuí. E logo no dia seguinte, já em férias, fui ensinar ao querido velhinho paralítico do Asilo rezar o rosário. Parece-me que uns dois meses, mais ou menos, havia rezado no colarzinho.

Duas vezes já havia tentado ir ao Asilo ensinar o velhinho, porém, no colarzinho, e meu Novo Amigo se opôs, as duas vezes. Mas, com o lindo rosarinho branco de verdade, Ele, o Santo Anjo, acompanhou-me e não se opôs. — Meu bom Jesus, Virgem Santíssima, Santo Anjo Fidelíssimo, de certo perdoastes, com muito amor, a grande ignorância da vossa servazinha e só olhastes para a boa vontade e para o muito amor da tola e ignorante Cecy.

19. O Cipriano do asilo

Acho que devo narrar algo do bom velhinho parálítico do Asilo.

Desde que chegamos de Santa Vitória, fomos morar numa casa que ficava bem em frente ao Asilo de Mendigos. [Abrigo sem direção interna, fundado pelo Sr. Augusto Leivas para pobres, sem teto, que vivem de esmolas.] Este Asilo era uma grande casa formada de grande número de quatinhos, e cada um destes (pelo menos um quarteirão) tinha uma janela para a rua. A casa era térrea.

Em um destes quatinhos, cuja janela era bem fronteira à nossa casa, habitava um pobre velhinho parálítico, que só podia mover a cabeça e o braço esquerdo. Nós, de nossa casa, e todos os transeuntes que passavam, podíamos ver, desde a manhã até ao anoitecer, o pobre velhinho, pois o seu leito estava bem encostado à janela, esta sempre aberta, e o pobre doente semi-sentado e recostado em travesseiros. Mamãe, penalizada, encarregou-se de diariamente dar as refeições ao velhinho.

Uma vez acompanhei Acácia ao Asilo. Conhecia o velhinho só de longe; via apenas, da janela da nossa casa, a cabeça alva como algodão e as longas barbas também alvas. Porém, naquele dia, via-o de perto. Acácia não me deixou entrar no quatinho; esperei-a à porta que ficava a alguns passos apenas do leito do velhinho. Observei-o atenta-mente. Já as longas barbas brancas como algodão me trouxeram à mente o grande quadro da SS. Trindade, onde se via o meu tão querido Papai do Céu, também de longas barbas brancas como algodão, e que nunca olhou zangado para mim, mesmo quando, depois de eu ter cometido alguma maldade, corria ao quarto de mamãe.

Ah! e o que mais ainda havia de descobrir no pobre velhinho! Um crucifixo de metal branco, maior do que um palmo de minha mão, pendia-lhe do pescoço ao peito por meio de um cordãozirho. Pensei: gosto já muito deste pobre velhinho e vou cuidar dele para que a sua alma e o seu coração fiquem branquinhos para o bom Jesus. E Acácia, depois de ter posto sobre a mesinha a refeição, falou algumas palavras com ele, tomou-me pela mão e voltamos para casa.

O resto da tarde, meu pensamento ocupou-se várias vezes com o pobre doente; de noite, ao me deitar, quando rezava, disse ao meu Novo Amigo:

“Meu Novo Amigo, amanhã quero ir visitar o velhinho doente e falar para ele de Papai do Céu. Eu lhe peço que vá comigo, não quero ir com Acácia, porque ela sempre tem muita pressa para ir embora”.

Estava em férias de dois dias. Logo de manhã, depois que Acácia voltou do Asilo, corri à janela da sala e de lá pude enxergar o velhinho. Exultei! Lá estava ele, como sempre, com a janela aberta. Atravesso a rua e para lá me dirijo. Subo, com certo custo, a janela, e sobre ela me sento. O velhinho olhou-me, parece que surpreendido com a minha

visita pela janela. Pensei que ele se tivesse assustado e lhe disse: “Você não se assuste, eu sou aquela menina que veio aqui ontem com Acácia e moro ali”.

O velhinho ficou tão contente. Pedi-lhe para mostrar-me a sua cruz bonita, e ele tirou-a do pescoço e deu-ma.

E foi aqui que repeti integralmente, sem per-der um só pontinho, aquela primeira santa lição que recebera, dois anos atrás, de minha querida D. Mimosa. O velhinho escutou-me, escutou-me, sem interromper-me uma só vez. E quando terminei a lição, o pobre velhinho também chorava como a “pequenita Dedé” chorou abraçada ao pescoço de D. Mimosa. Mandei que ele beijasse a Nosso Senhor da sua bonita cruz; ele o fez e pendurou-a novamente ao pescoço.

Prometi-lhe voltar no dia seguinte de manhã e trazer, para ele ver, a piazinha de louça com a Santa Mãe de Jesus. Meu Novo Amigo estava comigo todo o tempo, mas não, como eu, sentado à janela. Nunca senti meu Novo Amigo sentado, creio que Ele sempre estava de pé, ao meu lado, pois muitíssimas vezes levantava eu a cabeça, quando ainda bem pequena, como se quisesse observar o seu santo Rosto, sem entretanto nunca O ter visto.

No dia seguinte, cumpri com a minha promessa: logo de manhã, após o café (pois ainda tinha um dia de férias), com a piazinha de Nossa Senhora na mão, lá me fui sentar sobre a janela do pobre velhinho. Mostrei-lhe Nossa Senhora, dizendo que Ela era a Mamãe de Jesus. E foi nesta ocasião que ensinei o velhinho a rezar a Ave-Maria.

Muitos dias levou o pobrezinho para aprender a oração. Todos os dias ia sentar-me à janela do Asilo, sempre de tarde, pois regressava do colégio às 4 horas. Jamais faltei às minhas visitinhas que, sabia-o eu, davam tanta alegria ao velhinho. E, quando nos dias de chuva ou de muito frio, no inverno, não me era permitido sair para a rua, ah! então lá ia eu espiar da janela da sala de nossa casa o meu pobre amigo. Amava mesmo já, com o meu coração de criança, aquele pobre velhinho, e tinha certeza de que o pobrezinho também me queria muito bem.

Assim se passaram os meses. “Seu” Cipriano afinal aprendera a rezar a Ave-Maria, o Padre-Nosso, a oraçãozinha ao S. Anjo da Guarda e o “Lembrai-vos” a Nossa Senhora. Fiz a minha primeira comunhão. E, quando, no fim do ano escolar, recebera de prêmio o lindo rosarinho branco, o primeiro que possuía, corri logo a mostrá-lo ao meu querido protegido e ensinar-lhe a rezar o rosário a Nossa Senhora.

Desta vez meu Novo Amigo não se opôs, como se opusera nas vezes em que quis ensinar ao velhinho a rezar no colar azul. “Seu” Cipriano sabia já bem direitinho rezar nas continhas o Credo, o Padre-nosso, a Ave-Maria e o Glória ao Padre. Mas os mistérios, não os aprendeu, pois a sua pequena “catequista” também não os sabia. Por isso lia eu no livrinho, não sei de que modo, pois ainda não lia com suficiente desembaraço; e ele,

o pobrezinho, rezava nas continhas.

Muitas vezes, mamãe, lá da janela, descobria-me nas minhas visitas ao velhinho e chamava-me. Oh! como me penalizava então.

Deixava o rosarinho ao velhinho e combinava com ele: “Seu” Cipriano, hoje, logo que se acender a luz (refiro-me à iluminação pública), você come-ce a rezar nas continhas, e eu lá em casa leio na Chave do Céu o que você deve pensar. Nossa Senhora também sabe tudo, ouve tudo e vê tudo como seu Filho Jesus”. No dia seguinte ia buscar o rosarinho.

Isto sucedeu muitas vezes. Reconheço aqui, neste momento em que escrevo isto, mais um paternal cuidado de Nosso Senhor, pois, no contacto com aquele infeliz mendigo, naturalmente em pouco asseio, o que, como criança, não podia reparar, enfermo, com seus males, não poderia, se não fora o cuidado do bom Deus, ter havido contágio de suas enfermidades? Lembro-me de que muitas vezes beijei Nosso Senhor do crucifixo de metal que o velhinho trazia ao pescoço, depois de ele ter feito o mesmo.

Bom Deus, eu Vos rendo graças pelos paternais cuidados que tivestes com meu corpo e minha alma. Meu Deus, o que aqui escrevo seja unicamente para Vos glorificar.

Certa vez em que lia em casa os Mistérios do s. Rosário e que “seu” Cipriano rezava nas continhas do meu rosarinho branco, assaltou-me a mente certo pensamento que por alguns instantes me anuviou a alma: “Madre Rafaela dissera, na aula, que quem não é batizado não pode entrar no Céu”. E, com as lágrimas já a me correrem em grandes borbotões pelas faces, pensei: “E ‘seu’ Cipriano, o meu amigo pobrezinho, então não pode ir morar com N. Senhor e ver Nossa Senhora lá no Céu, pois ele não é batizado”.

Era sempre em tais perplexidades (e também quando cometia eu alguma maldade) que levantava a cabeça procurando desvendar a Santa Face de meu Novo Amigo. Ele ali estava, junto a mim, e sem O ver com meus olhos, via-O; e sem ouvir com meus ouvidos a sua santa Voz, ouvia-O e compreendia-O mais perfeitamente do que papai, mamãe, Madre Rafaela, Acácia. Logo minhas lágrimas estancaram com o novo pensamento que me desanuviou a alma: “Eu posso batizar ‘seu’ Cipriano, sei como se faz, Madre Rafaela nos ensinou, sei batizar sem errar”. [Supõe-se que Cecy tenha indagado ao velho a respeito do batismo. Ignorava a pequena apóstola o preceito da Igreja: que um leigo só pode batizar licitamente em caso de necessidade.]

E reproduzi com a fantasia o ato que devia praticar. Que pena ser noite! Desejava que já tivesse chegado o dia seguinte para poder levar ao que-rido velhinho a boa nova do seu próximo batismo.

No dia seguinte fui para o colégio e, à tarde, livre de tudo, corri para o Asilo, subo à janela e relato a “seu” Cipriano o que tencionava fazer-lhe. O bom velhinho era muito, muitíssimo dócil e obediente à sua pequena “catequista”, e mostrava-se sempre pronto

e contente para fazer tudo o que eu lhe pedia. E logo quando lhe disse que, para entrar no Céu e ver a Jesus e a Sua Mamãe, era preciso que o batizasse, pois eu o sabia, Madre Rafaela nos ensinara, e eu o podia fazer – o bom velhinho alegrou-se tanto, tanto, que dos seus olhos já embaciados pela idade e pelo sofrimento corriam grossas lágrimas. Consolei-o como pude e prometi-lhe trazer, no dia seguinte, um santinho com a imagem de Nossa Senhora, que Irmã Eugênia me havia da-do, se ele não chorasse mais.

E o bom velhinho, docilmente, puxou, de de-baixo do travesseiro, um grande lenço de listras vermelhas e enxugou as lágrimas. Começou “a minha instrução” para o santo Batismo: “‘Seu’ Cipriano, Madre Rafaela disse que o Batismo apaga todos os pecados da gente grande. Você é da gente grande. Sua alma vai ficar branquinha como a minha alma ficou no dia da minha primeira Comunhão”. E o velhinho começa de novo a chorar; e como suas lágrimas me afligiam muito, pois me causavam tanta compaixão que empregava todos os esforços para o consolar e também para não chorar junto, disse-lhe: “Se você chorar, então não ganha o santinho”. E lá voltava outra vez o grande lenço de listras vermelhas.

Marquei o dia do batizado para um domingo, dizendo-lhe: “Domingo é o dia de Nosso Senhor; eu vou à Missa e então já fico com o vestido bonito para o seu batizado. Noutro dia que não é domingo, Acácia não me põe vestido e sapatos de passear”. – Não sei dizer o dia e o mês, sei unicamente que foi um domingo.

Cuidei da “santa festinha” do meu amigo pobrezinho. Os convidados seriam meu Novo Amigo e eu. Na véspera, sábado, só havia aula de manhã.

Fui buscar a “Arca de Noé”. Ai! faltavam apenas duas pratinhas para fazer o preço do lindo bebezinho negro lá da “Loja das Moças” e que custava doze mil réis. Eis que neste momento como que se revoltou o meu egoísmo, e senti pena de esvaziar o cofrezinho. Porém meu Novo Amigo ali estava. Levantei logo a cabeça para descobrir o seu santo Rosto e, sem O ver, vi-O, pois reconheci logo que Ele desaprovava a “minha pena”: seu santo Rosto me olhava tristonho.

Resolutamente despejo no colo as 10 pratinhas brilhantes, novinhas, que papai escolhia para mim. Parece-me que, então, nada no mundo me faria retroceder e, se me dissessem: “Guarda tuas pratinhas, fica com elas e ainda receberás o lindo bebezinho negro”, que era o meu grande desejo, não retrocederia, pois meu Novo Amigo tinha, sobre minha vontade, maior influência que o mundo inteiro. E sem dizer nada a ninguém, nem mesmo para Acácia, meto as pratinhas na bolsinha que ganhara de anos, e lá me vou à confeitaria do “Seu” Carvalho.

Meu Novo Amigo não estava mais triste com sua amiguinha. E na volta, sobraçando o bonito pacote de bombons, charutinhos de chocolate, libras e barrinhas prateadas, senti-me tão feliz, como no dia em que, com Acácia, atravessava o rio trazendo o lindo ramo de rosas brancas para Nossa Senhora. E mais de uma vez levantei a cabeça para

descobrir o santo Rosto de meu Novo Amigo, ago-ra não mais triste, e dizia-Lhe: “Será tudo para ‘Seu’ Cipriano, não tirarei nenhum charutinho para mim. É para festejar, no domingo, o batizado de ‘Seu’ Cipriano”.

Chego a casa; ninguém me viu nem deu falta de mim. Tudo fazia naturalmente, não sabia agir às escondidas, oh, não, graças a Deus Nosso Senhor, porém, ninguém jamais ficou ciente dessas coisas.

Que mais ainda falta? pergunto a mim mesma. Eu tenho tudo novo e bonito: vestidinhos, sapatos, carpins, fita para o cabelo, tudo, tudo. E “Seu” Cipriano não tem nada novo e bonito para o seu batizado. Por um instante fiquei triste. Mas tudo isto foi rapidamente, pois logo resolvi: “Seu” Cipriano sempre está na cama, levar-lhe-ei para amanhã uma camisa nova e bonita de papai, com punhos e colarinho engomados, uma camiseta de jersey e água-de-colônia para ele pôr nas mãos e no rosto”.

E o que pensei realizei. E tudo fiz na minha grande boa vontade de criança. – E só agora, no convento, quando relatei este fato e fui perguntada se eu tirara, com licença de papai, a camisa e a camiseta, é que caí em mim, reconhecendo que não procedera direito. Talvez fosse porque estava habituada a obter de papai tudo o que eu queria e sabia muito bem que ele me daria tudo, também o que precisasse para o pobre velhinho. Do que pertencia a papai julgava-me eu também proprietária.

Tudo estava prontinho. Depois do banho, corri para o Asilo com os dois grandes pacotes. Não me ocultei de ninguém, e ninguém me viu. Subo a muito custo a janela, por causa dos pacotes, dou tudo ao velhinho, recomendando-lhe o que devia fazer: “Amanhã você ponha a bonita camisa nova e embaixo a camiseta branca, novinha e elástica. Neste vidrinho pus água-de-colônia para amanhã você pôr nas mãos e no rosto para ficar bem cheiroso”. E o pobre velhinho começa a chorar. E para que ele se consolasse, na minha simplicidade de criança, dou-lhe ainda o pacote de chocolate, também para “amanhã”. E foi grande a minha admiração porque o velhinho chorava ainda mais. É que eu não reconhecia que o pobrezinho chorava de gratidão ou de comoção.

“Não chore, ‘Seu’ Cipriano, porque temos que rezar para amanhã”. E ele não chorou mais. Rezei com ele tudo o que sabia de cor: Credo, Padre-nosso, Ave-Maria, Salve Rainha, Santo Anjo do Senhor, Lembrai-vos a Nossa Senhora e o Ato de Contrição. E, antes de me ir embora, recomendei-lhe que fosse bem bonzinho e que não olhasse para a rua. É que imitei a boa Irmã Irene, quando fizemos a primeira confissão: “Sejam bem boazinhas e, na rua, não olhem para todos os lados”. O velhinho prometeu-me ser bonzinho.

No dia seguinte, domingo, fui à s. Missa e rezei, pelo velhinho, “quase toda a Chave do Céu”. De certo Nosso Senhor riu de mim. Quando voltei da missa, pedi a Acácia que me deixasse com o vestidinho novo. Acácia era muito minha amiga e não se opôs.

Estava eu tão compenetrada do grande ato que ia praticar, que meu coração batia

desordenadamente. Vou buscar a canequinha que mamãe me comprara para ir ao tambo, e, embora limpinha, pois estava no armário, lavo-a outra vez, encho-a de água do algibe e me dirijo para o Asilo. Desejaria correr, mas a canequinha cheia d'água não mo permitia. Coloco-a sobre a janela e depois subo.

Ai! esperava encontrar “Seu” Cipriano todo bonito de camisa e camiseta novas, e ele estava com a sua! É que eu não pensara que o pobre velhinho não podia vestir-se sozinho e não teve quem o fizesse.

Conformei-me. Olhei para meu Novo Amigo. Ele estava contente, logo podia batizar “Seu” Cipriano com a camisa velha, mas limpinha.

Rezei outra vez com ele o Ato de Contrição. Ambos, velhinho e eu, estávamos bem compenetra-dos. Meu Novo Amigo estava ali. Mandeí o velhinho inclinar a alva cabeça; ele o fez. E eu, de joelhos sobre a janela e com o coração a bater fortemente, derramo toda a água da canequinha sobre a cabeça do velhinho, dizendo ao mesmo tempo, como Madre Rafaela o ensinara, e cuidando que o couro cabeludo ficasse bem molhado: “Eu te batizo em no-me do Padre e do Filho e do Espírito Santo”.

Depois disse ao velhinho: “E agora você fica se chamando José por causa de São José”.

É que eu achava o velhinho também parecido com S. José, pelas longas barbas brancas. O pobre velhinho chorava outra vez e, pondo sua única mão livre sobre o grande crucifixo que pendia no peito, disse: “Bom Deus! Bom Deus! Bom Deus!” Foi só, lembrome perfeitamente.

E eu me sentia numa felicidade quase semelhante à do dia santo de 1a. Comunhão. E meu Novo Amigo estava contente comigo, muito, muito. Despedi-me do velhinho e disse-lhe: “Sua alma e seu coração estão branquinhos como minha alma ficou no dia de minha 1a. Comunhão”. Era esta a comparação que sempre empregava quando queria exprimir uma coisa muito branca.

Ai, mal sabia eu do que sucederia no dia seguinte. Hoje reconheço que para o velhinho foi a suprema felicidade, pois, como criança, só calculei o grande pesar que senti com a perda do meu pobrezinho. Como sempre, de manhã, Acácia foi levar o café ao velhinho. Estávamos ainda à mesa, quando, momentos depois, Acácia regressou com tudo intacto e dizendo na maior tristeza: “D. Antoninha, ‘Seu’ Cipriano amanheceu morto!” Mamãe soltou exclamações de pesar.

E eu... o bom Deus somente pode saber a grande dor que senti! Chorei a perda do meu pobrezinho e por muito tempo estranhei a sua ausência. Mamãe não me deixou ir ao Asilo. Nada vi, nem sei como o levaram. E quando, ao meio-dia, regressei do colégio, não olhei para a janela do seu quartinho. Por muitos e muitos dias a janelinha esteve fechada, até que veio um novo pobre para lá. Durante muito tempo, com muitas saudades, rezei

no meu rosarinho branco pelo velhinho.

Bom “Seu” Cipriano, tenho certeza de que gozas a posse do teu e meu Deus e que conheces agora sua SS. Mãe. Tua pequenina “catequista” vive ainda neste mundo feio, mas na sua “Grande Festa” tu és, desde já, um dos seus convidados. Virás com meu Jesus.

20. O Terço no Caramanchão

Depois que o bom velhinho “Seu” Cipriano falecera, surgiu-me uma dificuldade: habituara-me a rezar com ele o santo rosário, a meia-voz. Depois do seu falecimento, por muito tempo rezei por ele no meu rosarinho, mas já não era com a mesma facilidade como quando rezava com ele. Rezando baixinho e sozinha, levava o dobro e até o triplo do tempo, pois facilmente me distraía e sempre re-começava a oração. Que bom, pensava eu, se tivesse alguém que quisesse rezar comigo, sempre, assim como “Seu” Cipriano! Acácia sabia rezar, mas ela sempre dizia que não tinha tempo. Minha irmã Dilça algumas vezes rezava comigo, mas nunca chegava a terminar, dizendo: “Agora reza tu o resto, eu já estou cansada”.

E eu recomeçava a rezar, e muitas vezes acendiam-se as luzes e não estava pronta com o meu rosarinho. Sentia-me tão infeliz quando não rezava o rosário de Nossa Senhora, pois pensava: a Mamãe de Jesus hoje não recebeu a minha oração. Porém, se não tivesse rezado o rosário durante o dia, era incapaz de adormecer, tão grande contrariedade sentia. Por isso, já na cama, quando Acácia apagava a luz, sentava-me e rezava. Só então podia adormecer.

Procurava com ansiedade vencer aquela dificuldade, bem penosa para mim, recorrendo a Isaura, uma amiguinha que morava vizinha à nossa casa.

Isaura era muito bondosa. Convidei-a para rezar comigo o santo rosário, expondo-lhe minhas dificuldades. Ela logo acedeu, dizendo: “Pois sim, mas vamos lã para o caramanchão, porque senão vão rir de nós”. Não compreendi esta razão de Isaura, mas também não procurei compreendê-la, e lá me fui com ela para o caramanchão. Isaura acompanhou-me até o fim, e alguns dias seguidos minha amiguinha o fez de boa vontade. Porém, uma tarde, Isaura me diz, no meio da oração, como minha irmãzinha Dilça o dissera: “Ai, estou cansada, não quero mais rezar, vamos brincar”.

Não podia ficar sozinha no caramanchão, por-que lá não era a minha casa, e tive de acompanhar Isaura, acabando, depois, o rosário, na cama. E daquele dia em diante raramente Isaura quis acompanhar-me na recitação do santo rosário.

21. A caixinha com elefante

Certo dia, recebi do Capitão Teixeira uma linda caixinha de bombons: era a tampa um elefante montado numa bicicleta, cujas rodinhas rodavam de verdade. Fiquei radiante. Parecia-me que não daria aquela linda caixinha, cheia de grandes bombons, por nada deste mundo. E, no momento em que mais a admirava, assalta-me repentinamente o pensamento: “Devo dar esta caixinha, sem provar nenhum bombom, à Isaura, porque ela rezou muitas vezes comigo o rosarinho”.

Porém, tão depressa como viera este pensamento, afugentei-o, sucedendo-se, com a mesma rapidez, outro: “Não dou nem um só para Isaura, ela agora não quer mais rezar comigo”. E logo sinto, percebo (não sei como me exprimir) o meu Novo Amigo a olhar-me triste e sério, sem, porém, o ver. Levanto, como costumava fazer, a cabeça, para procurar o santo Rosto. Fiquei perplexa: meu Novo Amigo quer que eu dê minha caixinha a Isaura! E agora compreendo que entraram em combate minha vontade e meu egoísmo (não sei se penso direito). Mas meu Novo Amigo sempre vencia, e meu feio e mesquinho egoísmo foi derrotado.

Tomo a caixinha e, como uma flecha, corro à casa de Isaura e, numa suprema alegria, dou-lhe a caixinha: “É para ti, porque só tu quiseste ajudar-me a rezar o rosário”.

Isaura, naquele dia e em mais alguns, rezou comigo, mas depois novamente não mais o quis.

Jamais encontrei outra de minhas amiguinhas que quisesse ajudar-me a rezar. E os anos passaram passa-ram, passaram; minha dificuldade, porém, não passou. Mas por uma graça da Santa Mãe de meu Jesus rezei sempre, sempre seu santo rosário. Entrei para o convento e, no Postulado, ah! que alegria, encontrei alguém, outra postulante, hoje Irmã Afonsina, que, sempre que podia, rezava comigo, a meia-voz, o santo rosário. Dizia-lhe: “Glória, custa-me tanto rezar o terço sozinha, a Sra. quer rezar comigo?” E começávamos.

Como noviça, passou a dificuldade. É que me foi dito não repetisse nenhuma Ave-Maria. Graças a Deus e a Nossa Senhora, fiquei curadinha e vezes incontáveis tenho rezado, sempre que me lembro, o terço por “Seu” Cipriano, minha mana Dilça, Isaura e Irmã Afonsina. É o pequenino tributo de gratidão de minha alma. Só lá no Céu estas almazinhas generosas saberão o grande bem que me fizeram e como me sentia feliz e consolada quando elas me ajudaram.

22. Bilac, o grande cão bravo

Foi nesse ano de 1907 que recebi o Santo Sacramento da Crisma. E nesse dia, como nos de minha 1a. Confissão e 1a. Comunhão, não quis brincar na calçada para não fazer nenhuma manchinha em minha alma. A casa em que morávamos, defronte ao Asilo, tinha um grande pomar. Gostava muito, muitíssimo mesmo, de carregar para lá a cadeirinha e sentar-me, debaixo de uma grande pereira, a ler no livrinho que ganhara de prêmio, Histórias para Crianças. E no dia em que recebi o Santo Crisma, para não ir para a calçada, lá me fui para debaixo da grande pereira. Pensei que lá estaria bem segura de não manchar a minha alma e o meu coração. Na véspera, tinha ido à Confissão e, de manhã, à s. Comunhão. Era principalmente nesses dias que mais se avivava em mim o temor do pecado. Sentada na cadeirinha, com muito bons modos, folheava já o livrinho, quando minha atenção ficou presa numa longa carreirinha de formigas, que iam e vinham numa ligeireza ininterrupta. Sentei-me no chão para melhor observá-las.

E foi aí, nesse momento, que na minha grande ignorância desejei, mesmo, de verdade, ser uma daquelas formiguinhas. E, se meu Novo Amigo me tivesse perguntado o motivo do meu singular desejo, ter-lhe-ia respondido sem hesitar: “As formiguinhas são mais boazinhas do que eu, não fazem pecado e nunca enterram um espinho na Santa Cabeça do bom Jesus. E eu, se não tivesse meu Novo Amigo e Nosso Senhor no meu coração, só faria muitos pecados”.

Daquele dia em diante, senti um grande amor por todos os bichinhos e bichos e desejei ser qualquer um deles. Tal idéia permaneceu em mim, mais ou menos, até os 10 ou 11 anos. Decerto, Nosso Senhor não levou a mal o meu feio desejo, pois Ele bem sabia quão tola e até pateta era sua pequena amiga. E quando me acontecia, sem o querer, esmigalhar um desses bichinhos, sentia verdadeira-mente grande mágoa.

Porém, várias vezes depois, tive ocasião de reconhecer, com grande mágoa, que também nem todos os animais eram bonzinhos. “Ah, lembrei-me, é que eles, os bichos e bichinhos, não têm, como eu, um Novo Amigo para sempre os avisar a não fazer pecado.”

Bilac, o grande cão de guarda do Major Reveilleau, nosso vizinho, pulara para o nosso quintal e matara dois coelhinhos. Tínhamos em casa um casal de cães buldogues que papai recebera de presente: Veneza e Nero. Este era bonzinho, mas Veneza, às vezes, não. Quando Acácia lhe enchia a terrina, Veneza comia a mais não poder, mas, se Nero se aproximava para comer o resto, ela mostrava-lhe os dentes, braba, rosnando, e o pobre Nero ia sentar-se um pouco além, e Veneza, egoísta, sentava-se ao lado da terrina a fazer sentinela. “Que má, pensava eu, ela não pode mais e não quer dar para o Nero.” Também o grande galo do galinheiro era mau para as pobres galinhas.

Foram estes e outros fatos que presenciei que me fizeram pensar, na minha patetice, serem os pecados dos animais, e me tiraram por completo o singular desejo de ser um deles.

E agora, meu Novo Amigo, para glorificar ao nosso bom Deus e também a Vós, meu Santo e Fiel Protetor e Anjo, narrarei como inúmeras vezes quis cometer pecados, e se não os cometi foi porque zelastes fielmente por vossa pequena amiga, impedindo-me a queda com vossa Mão protetora.

23. O cesto de rapadurinhas, aberto

Em tempo de verão, Acácia, pela tarde, levava-nos a passear pelo campo. Reunia as crianças da vizinhança. Desta vez foi também N.

Fomos ao Prado. Lá chegadas, Acácia inventou de jogarmos carreira. E, como ela nesses passeios não se esquecia da cestinha com “coisas boas”, disse-nos: “Quem ganha, recebe prêmio”, e mostrou-nos a cestinha. Foi uma alegria! N. correu com cada um e perdeu todas as vezes. E eu também perdi, pois, logo que corria um pouco, sentia dor no lado.

Acácia então nos disse: “Eu trouxe uma porção de rapadurinhas de leite; quem ganhou recebe duas e quem perdeu recebe uma só. Vamos primeiro visitar a ‘Siá’ Manuela (uma negra velha, muito bondosa, que morava num ranchinho ali perto), e depois eu reparto”.

Fomos. Quando chegamos lá, Acácia soltou a cestinha fora da porta do ranchinho e entramos. “Siá” Manuela levou-nos para um quintalzinho e colhia-nos flores.

Então N. disse-me: “Acácia é bem má; as rapadurinhas são de tua casa e agora ela te quer dar uma só. Vamos lá e tiremos duas para nós”.

Achei que N. tinha razão e que eu tinha direito a todas as rapadurinhas até. Desviamos, portanto, do grupo, e fomos à cestinha. Abrimo-la, era uma porção!

“Qual nada”, disse eu a N., “tira quatro para ti e quatro para mim.” N. serviu-se e meteu-as no bolsinho. Eu, porém, no momento em que me curvo para fazer o mesmo, sinto no ombro uma suave Mão, terna, mansa, amiga! Mão santa e muito minha conhecida! Levanto-me imediatamente e ergo a cabeça para procurar descobrir o Rosto Santo de meu Novo Amigo a olhar-me triste, triste. Via-O, sem ser com os meus olhos, não assim como via a toda a gente, não; via-O de um outro modo.

N., no entanto, apressava-me: “Anda, que elas já vêm aí”. E saboreava, num instante, uma por uma as rapadurinhas, e a última já havia desaparecido, quando volta Acácia com as outras crianças e depara com o cesto aberto. Fui eu encontrada ali, mas N. não fora vista. Acácia, zangada, toma-me pela mão e diz: “Esganadinha, mexeu nas rapadurinhas! Agora todas as outras meninas vão ganhar e tu olhas para elas”. Tal castigo não me foi penoso, pois me sentia verdadeiramente magoada, arrependida sinceramente pelo feio pecado que re-conheci ia cometer. E logo, na minha fantasia, surgiu-me o espinho com o qual ia ferir a Santa Cabeça de Nosso Senhor. Sem-número de vezes já havia olhado para meu Novo Amigo e só da primeira vez, quando eu ia mexer na cestinha, é que Ele estava triste, agora não o estava mais. E esta grande, imensa bondade mais, muito mais me co-movia, e o meu arrependimento era também maior.

Regressamos ao Prado, e lá Acácia repartiu as rapadurinhas. Eu fiquei afastada do grupo, como que envergonhada de minha feia ação. Ninguém, nem Acácia, sabia do que

N. fizera. Ela lá estava com as outras, e, quando vi que Acácia ia dar-lhe também os doces, senti uma espécie de indignação e de revolta, pensando ao mesmo tempo: “Acácia não é boa; N. tirou as rapadurinhas e comeu-as, e agora Acácia ainda lhe dá mais” (é que eu não re-conhecia que Acácia, sempre tão justa, ignorava o que N. fizera).

Revoltada e indignada, resolutamente ia acusar N., pois ela ria de mim com as outras. Porém, com a mesma rapidez dos meus movimentos, outra vez sinto a santa mão do meu Novo Amigo a impedir-me de ir adiante e de falar. Eis o seu Santo Rosto outra vez triste! Meu arrependimento foi também instantâneo e tão vivo que desato a chorar. Acácia, naturalmente, logo pensou que eu chorava pelo castigo que ela me dera; e, penalizada, chamou-me.

Olhei para meu Novo Amigo, e Ele, outra vez contente! Minha comoção foi tamanha que corri para Acácia, atirei-me em seus braços e, abraçada ao seu pescoço, chorei, chorei de pesar. Acácia deu-me o resto das rapadurinhas, porém não as provei. E por muito e muito tempo, creio por uns dois anos, jamais provei sequer um farelinho das lindas rapadurinhas de que tanto gostava. E esta é a primeira vez que narro tal fato.

24. A boneca com os olhos furados

Ganhara, em uma rifa, uma grande boneca, tão grande que quase não a podia segurar, e, por isso, mamãe não deixava que eu brincasse com ela com receio de que eu a quebrasse. A boneca sempre estava no sofá da sala de visitas. Aquela boneca era para mim um tesouro. Abria e fechava os olhos azuis e, se a gente puxasse uma cordinha que ela tinha nas costas, dizia: “Papai! Mamãe!” Acácia sempre me levava à sala para eu poder brincar com a minha boneca, sob seus cuidados. Minha maninha Adayl era bem pequenina, mal caminhava.

Certa vez, encontrando ela a porta da sala aberta, lá penetrou e, dirigindo-se ao sofá, puxou a boneca para si. Como não a quebrou não sei, sei apenas que ela fora encontrada lá com a boneca. Regressando eu do colégio, Conceição me disse: “Mimosa, vai lá na sala ver a tua boneca. (Depois de grande, não me chamavam mais de Dedé, mas de Mimosa). A Lilinha mexeu nela”. Corro para a sala e encontro não mais a boneca sentada, mas deitada no sofá, e, em vez dos lindos olhos azuis, com longas pestanas, dois feios buracos. Adayl havia afundado os olhos com os dedinhos.

Ao deparar com aquele triste quadro, fico, no primeiro momento, como que petrificada; vem-me, porém, logo a reação, e numa violenta indignação saltam-me as lágrimas em borbotões, pensando ao mesmo tempo: “Vou trazer aquela má até aqui, mostrar-lhe a minha boneca e dar-lhe uma porção de palmadas”. E saio a correr.

Lá no fundo do passadiço avisto Adayl a engatinhar. A chorar de braba, não chego a alcançar a porta, pois sinto a Santa Mão de meu Novo Amigo (não sei se posso dizer assim) que me impedia de caminhar. Ergo a cabeça, como costumava, e percebo o seu Santo Rosto a olhar-me com tristeza, e logo, como ouvindo claramente sua Voz, reconheço: “Lilinha cometeu uma maldade sem o saber, e eu quero dar nela porque estou com raiva”. Fiquei comovida e chorei mais, porém agora não de raiva, e sim porque outra vez entristecera meu Novo Amigo, e, sabia-o, se Ele estava triste, o bom Jesus também.

Ah! eis que seu Santo Rosto já não estava mais triste! E minha alegria foi maior, muito maior do que o pesar que tivera ao contemplar a boneca. Meu muito amado Novo Amigo, mais uma vez: muito obrigada! Nesse momento, reconheço que me impedes de praticar a mesquinha vingança. — E a Vós, meu misericordiosíssimo Jesus, eu agradeço a grande graça que me concedestes de sempre atender à Voz do Único Fidelíssimo Amigo que tive neste mundo, depois de Vós e de Vossa Mãe SS.

25. O furto dos santinhos

Estávamos no princípio do ano escolar de 1908. Era muito em voga, entre as meninas, possuir cada qual uma caixinha bonita para colecionar santinhos. Porfiávamos por ter a caixinha mais bonita e com maior número de santinhos. Ora, um santinho para mim e para as outras era de um valor inestimável, e o dia em que recebíamos um na aula era um dia cheio. De vez em quando, as externas costumavam levar as suas caixinhas para o colégio e, no recreio, mostrá-las às companheiras. Fazíamos, então, trocas para as coleções.

Certo dia, L., minha vizinha de classe, trouxera a sua linda caixinha, cheia de santinhos, e já mesmo na aula nos mostrara. No recreio, apreciámos a preciosidade que L. possuía. Voltamos para a aula. Na última hora, L. ausentou-se da aula para a lição de piano. Vi, então, nesse tempo, que a outra vizinha de L. passava para a sua bolsinha a caixinha de santinhos. Vi esta ação de minha colega, porém, ocupada com o meu trabalho, nada pensei, e logo passou o que vira. Terminada a aula, fomos para casa.

No recreio da tarde houve, porém, grande murmúrio entre as meninas. L. dera falta da sua caixinha e me acusava de ter sido a autora do furto. E foi aqui que me veio à memória o que vira de manhã, na aula, e só agora compreendi a ação de minha colega: ela furtara. No pátio do recreio, um grande grupo cercava L.; e eu, humilhada e com uma grande mágoa a ferir-me, sozinha, num canto oposto ao grupo, mal podia suportar os olhares que se dirigiam para mim.

Num dado momento, como que instantaneamente, levantou-se em mim o sentimento de indignação e de revolta. Lá no grupo estava a culpada, e ela também olhava para mim. O fato não chegara ao conhecimento das Irmãs. E, num rápido movimento de indignação, penso executar a minha acusação: “Vou contar à Madre Rafaela que foi X. quem tirou os santinhos de L.; eu vi e ela diz para todas que fui eu”.

No entanto, um passo não conseguira dar, pois sinto logo meu Novo Amigo a opor-se à execução do que eu pretendia fazer. Procuro seu Santo Rosto; ei-lo triste. Não compreendi por que se opunha a que eu me defendesse. E só agora é que compreendo, creio que seja assim: queria defender-me à custa de uma acusação, embora verdadeira. Meu Novo Amigo mais uma vez venceu. Fomos para a aula, eu, agora, somente sob o peso da vergonha: as meninas pensavam que eu cometera aquele feio pecado. O s. Rosto, porém, de meu Novo Amigo estava outra vez contente, e só isto me poderia consolar, tão grande fora minha mágoa e vergonha.

Não contei o fato em casa, pois não o costumava nunca, não sei por quê, e nem minhas irmãs o souberam. Algum tempo depois, apareceu no lugar de L. a caixinha de santinhos, e eu só pensei:

“De certo o Novo Amigo da X. mandou que ela entregasse a caixinha para poder se confessar e ser outra vez amiga do bom Jesus”.

26. No carrossel

Certa tarde, ao sairmos do colégio, vinham quase todas as externas da aula da Irmã Eugênia munidas de alguns níqueis. É que havíamos trazido para a Reunião Mariana, e, naquele dia, não houve-ra. E surgiu a idéia: – Vamos à praça andar no carrossel, e depois ao quiosque comer salada de frutas?

A idéia foi aprovada por um “vamos” geral que saíra de todas as boquinhas. A praça ficava bem distante do colégio, e mais ainda de minha casa. Em meio caminho, lembrei-me: “Vou chegar tarde a casa, mamãe não vai gostar, e também não sei voltar sozinha”. (Minhas irmãs naquele dia não tinham aula de tarde.) L. interveio: “Nós todas vamos chegar tarde e podemos dizer que estávamos no colégio”. Todas concordaram, e eu também. Encantava-me ir à praça, andar no carrossel e, mais ainda, comer salada de frutas lá no quiosque. Fomos.

Andamos no carrossel, depois de esperar algum tempo, pois aquilo sempre estava cheio de crianças. Depois fomos ao quiosque e nos regala-mos com a salada de frutas. Ora, saíramos do colégio às 3 horas e meia; devia ser bem tarde. L. e C. acompanharam-me até a esquina do “Seu” Delelis; de lá eu sabia ir.

Até aqui tudo correra muito bem, e eu, alegre e tranqüilamente, caminhava com a bolsa de livros em uma das mãos. De repente me perturbo: “Vou dizer para mamãe que estava no colégio, e ela não vai importar-se”. Era a primeira vez, em minha curta vidinha de 8 anos, que ia mentir. Por isso, não distingui logo que ia dizer uma mentira, portanto cometer um pecado. E, na minha curta inteligência, entremeavam-se pensamentos desconcertados. “Todas as meninas vão dizer assim, eu também vou dizer.”

Ainda a pensar assim, surge-me à mente a triste história que, dois anos atrás, Irmã Irene nos contara nas instruções para a 1a. s. Comunhão: o meninozinho que caíra no purgatório e que tinha a língua crivada de alfinetes com as cobrinhas, por-que mentia. – E o meu Novo Amigo, que me acompanhara à praça, sem a nada se opor, faz-me agora levantar a cabeça para procurar descobrir seu s. Rosto. Sentia-O perfeita e sensivelmente, sem O ver, no entanto. Seu Rosto Santo estava bem triste por-que eu queria enterrar um espinho na Santa Cabeça de Jesus. E a vontade que eu tinha de mentir à mamãe mudou-se imediatamente na resolução de lhe dizer onde estivera.

Corri; com o coração a bater, chego a casa. Acácia já fora procurar-me. Conto sinceramente à mamãe onde estivera. Mamãe não gostou do que eu fizera e me ralhou. Mas meu Novo Amigo estava outra vez contente e eu de novo era feliz. Sem conta de vezes estive em ocasião de faltar à verdade, porém a minha salvação foi sempre, durante toda a minha infância, o castigo do pobre meninozinho que fora para o purgatório porque mentia. Muito maior impressão, entretanto, causava-me a santa advertência do meu Novo Amigo de que com uma mentira feria a Santa Cabeça do bom Jesus, que tanto bem me queria e a quem eu, por Sua Graça, já tanto amava.

27. O dono do circo

No ano de 1908 aparecera em Jaguarão uma “companhia de cavalinhos”. Armaram o circo num grande terreno, que lá havia para esse fim, distante de nossa casa apenas duas quadras. Para irmos para o colégio, passávamos lá diariamente.

Certa noite, papai levou-nos ao circo. Se bem que depois papai dissesse que a tal companhia não prestava e que a entrada não valia nenhum tostão, o meu parecer, no entanto, foi bem diferente do de papai e mamãe. Achei a coisa mais linda deste mundo e sentia imensamente não poder ir lá todas as noites.

Encantou-me ver os cachorrinhos que subiam numa escada de corda até muito alto e de lá se atiravam num grande lençol que estendiam embaixo e que os homens agarravam; a menina que caminhava numa grande bola; a moça que ficava presa no trapézio, só pelos pés; porém de quem mais gostei foi do feio palhaço, de cara cheia de pó de arroz, mas que virava cambalhotas tão ligeiras que acabava parecendo uma grande bola a rolar.

Considerava toda aquela gente diferente dos outros e, na minha admiração, tinha-a em alta consideração, pois não podia compreender como eles sabiam fazer tudo aquilo. E até as crianças do meu tamanho! Cada vez que ia para o colégio ou voltava, sentia-me atraída pelo grande circo e sempre queria espiar pelo grande portão; e as minhas irmãs precisavam puxar-me pela mão para fazer-me sair de lá.

Pensei: “Que bom se mamãe me deixasse ir brincar com aquelas meninas do circo. Então elas haviam de fazer muita coisa bonita para eu ver, e eu poderia ver bem de perto o palhaço!” Sabia muito bem que mamãe não me deixaria lá ir e que Acácia também não me levaria. Resolvi então: “No dia em que minhas irmãs não têm aula de tarde, eu volto sozinha e posso ir láãs não têm aula de tarde, eu volto sozinha e posso ir lá

Quando voltei do colégio, às 31Quando voltei do colégio, às 31Quando voltei do colégio, às 31Quando voltei do colégio, às 31les sempre estivessem vestidos com aquelas bonitas roupas. Dirigi-me a um dos homens que estava no por-tão, com um grande cachimbo na boca, e lhe disse: “O sr. é o dono do circo?”

Recebendo resposta afirmativa, continuei: “Eu gostei tanto do palhaço e das meninazinhas do meu tamanho, que vim brincar com elas”. O homem riu-se e, tomando-me pela mão, disse: “Então vem que eu vou te levar lá”.

Não transpusera, porém, o portal do grande portão, quando sou impedida fortemente por meu Novo Amigo, de tal maneira que me senti como que arrastada ou puxada, pela mão direita, pelo homem que podia ver; pela esquerda, que segurava a bolsa dos livros, por meu Novo Amigo. Não sei o que fez meu Novo Amigo, sei apenas que o homem soltou-me precipitada e violentamente a mão, dizendo: “Vai-te embora, guriazinha”.

Foi só aqui que me assustei e corri de lá. Já na esquina da casa, olhei para meu Novo Amigo e, como seu s. Rosto não estava triste, tudo esqueci. Mas desde aquele dia tinha medo do grande circo e nunca mais lá fui. Até hoje não sei por que meu Novo Amigo se opôs tão energicamente. Só agora, recordando este fato, jamais desvendado, reconheço que meu Novo Amigo mais uma vez me salvou de um grande mal a que eu sem o saber me expusera.

Meu santo e fidelíssimo Amigo, mais uma vez vos manifesto minha gratidão e louvo a meu Deus e a vossa fidelidade.

28. O pregador perdido

O fato que passo a narrar deu-se no aniversário do Major Reveilleau. Dera ele, à noite, um banquete e um baile. Papai levou-me. A reunião era, porém, em casa do Capitão Barcelos, e de lá é que toda a gente se dirigiria à casa do aniversariante. Tinha eu só 8 anos. Papai deixou-me com as senhoras e foi para o grupo dos homens.

Sáimos. Era como uma comparsa. Lembro-me bem de como ia vestidinha e trazia, pregado ao peito, um pregador com o meu nome. Era muita a gente. De repente percebi que meu pregador caíra. Saí da calçada e pela sarjeta queria procurá-lo. O grande grupo, porém, passava, passava, sem dar conta do meu pequenino vulto, que, curvado para o solo, procurava o pregador. O grupo afastou-se sem eu o perceber e sem ser percebida.

Depois de procurar o pregador por algum tempo, sem o achar, caí em mim e só aqui notei que estava sozinha na rua deserta e escura, ouvindo apenas de longe o murmúrio das vozes que se afastavam. Assustada e já desorientada, corri para qualquer direção, pois não sabia mais que rumo tomar. Corriera talvez umas duas quadras, quando, cansada e com forte dor no lado, paro, encostando-me à parede de uma esquina.

Até aqui não encontrara nenhuma pessoa. Pouco depois percebi que lá no fim da quadra alguém se dirigia para mim. Pensando ser papai que me viesse buscar, quis correr ao seu encontro, mas eis que meu Novo Amigo, até então reservado, mo impede, do mesmo modo como me impedira de ir com o homem do circo. Acostumada a obedecer sem resistência a meu Novo Amigo, retorno a encostar-me à parede da esquina, muito calma, e, já sem medo, tranqüilamente espero o vulto que, lentamente, cada vez mais se aproximava. Já o distinguia. Não era papai; papai não caminhava assim. Era um homem de ponche, que caminhava cambaleando, ora para um lado, ora para outro, e a tropeçar a cada passo.

Não tive medo. É que meu Novo Amigo estava ali comigo, desta vez não ao meu lado, como de costume, mas na minha frente, sentia-o, sem o ver. Contudo, fiquei quietinha, a conter a respiração. O homem ia passar por mim, e meu Novo Amigo queria que eu ficasse quietinha. E assim foi; o homem passou a cambalear e a resmungar palavras que não compreendi. Passou rente a mim, seu ponche bateu-me nas pernas, e ele não me viu.

Depois que o homem passou, fui com meu Novo Amigo para a casa do Major Reveilleau, que era nosso vizinho. Entrei. A banda de música estava a tocar na frente da casa, e a rua, muito movimentada pelos curiosos que se aglomeravam. Ninguém se ocupou de mim. Procurei papai, achei-o, e ele nem tinha dado pela minha ausência. E só agora reconheço que aquele homem era, certamente, um alcoolizado, e que, mais uma vez, meu fidelíssimo Novo Amigo me salvara de um mal que até hoje ignoro.

29. A agonia de Jesus na Alma

Foi somente no ano de 1908 que melhor compreendi o que significava a “Semana Santa”.

Irmã Irene narrou os acontecimentos da Paixão do Salvador, mostrando-nos sucessivamente os grandes quadros com as passagens dolorosas dos sofrimentos do inocente Jesus. E cada fato, relatado por Irmã Irene, entrava-me na alma compungida, fazendo-me então amar muito mais Aquele bom Jesus e detestar com maior horror o feio pecado, causa dos sofrimentos e da morte de meu Deus.

O quadro da coroação de espinhos impressionou-nos de maneira tal que a sua lembrança ficou-me como que gravada na alma durante toda a minha infância e juventude. Lembro-me, como se fosse hoje, da pergunta de Irmã Irene, mostrando-nos o doloroso quadro: “Ainda hoje cada uma de vocês pode, como estes soldados maus, enterrar uma coroa de espinhos na Cabeça de Jesus. E de que modo vocês poderão fazer isso?”

Foi minha irmã Dilça quem respondeu: “Fazendo pecados por querer”.

Um grande peso saiu-me da alma: é que muitas e muitas vezes tinha eu sido má e feito pecados, mas sempre sem o querer. E, quando o queria, meu Novo Amigo mo havia impedido.

Certamente Ir. Irene falou-nos da Quaresma, porém deste santo tempo nada entendi e nada guardei; só me ocupei com a “Semana Santa”. Aguardava-a com ânsia “para poder ajudar a Jesus e não deixá-lo sofrer tanto”, assim pensava na minha simplicidade de criança.

Chegou a “Semana Santa”. Fui à S. Missa com o colégio e recebemos as palmas bentas. Durante toda a S. Missa, preocupou-me como poderia impedir, do melhor modo possível, que Jesus sofresse tanto.

Amava de modo bem particular minha irmã Dilça. Chegadas a casa, chamei-a para o pé da grande cômoda, sobre a qual continuavam postos o Crucifixo e a piazinha, e, numa espécie de confiança, propus-lhe: “Maninha, tu também queres ajudar a Jesus na Semana Santa?” E ela respondeu: “Eu já sei o que vou fazer e o que, na Sexta-feira Santa, vou dizer para Jesus”.

Segunda-feira, minha maninha saiu e voltou com uma porção de crepe, explicando-me que, naquela Semana, todos os Santos e Nossa Senhora estavam tristes, de luto, e, por isso, viravam-se os quadros, cobrindo-os com crepe. Assim ela o fez. Todos os quadros de santos foram envoltos no crepe, também o Crucifixo e a piazinha.

E minha alma de criança sofria, naquela Semana, uma grande pena pelo bom Jesus e sua Santa Mãe. Quinta-feira fizemos, com o colégio, a s. Comunhão pascal. Foi após esta

s. Comunhão que achei o que devia fazer para que Jesus não sofresse tanto. Sabia agora o que iria dizer a Jesus, na Sexta-feira, às 3 horas, junto com minha irmã Dilça.

Fomos para casa. De noite não pude dormir, tanta era a pena que sentia do Salvador. O quadro que Ir. Irene nos mostrara, representando Jesus em agonia no jardim das Oliveiras, tinha-o agora na alma. Tinha Jesus no meu coração e sentia-O a sofrer as suas angústias de morte. Apertava-o ao meu peito e, na ânsia que sentia de ajudá-lo, na minha impotência, não quis esperar para o dia seguinte, Sexta-feira Santa, às 3 horas. Levanto-me às escuras, tateando, com as mãos ao coração, quando parava, pois sabia que lá descansava Jesus, ou melhor, estava Jesus a sofrer, e dirijo-me para o pé da grande cômoda, segredando a Jesus, nas minhas expressões de criança:

“Pobre Jesus, que pena tenho do Senhor. Eu não quero deixar que os pecados Lhe façam tanta dor. Fique bem escondido no meu coraçãozinho. Os homens maus não sabem que o Senhor está comigo, e eu não digo para ninguém. Mas também é preciso que os homens maus não façam pecados, e eu peço a Jesus para tirar todos os pecados dos homens e esconder esses pecados também em mim”.

É que Irmã Irene havia explicado que Jesus sofria os pecados do mundo e também os de cada um de nós. Na minha mente de 8 anos concebi que podia aliviar a Jesus, tirando d’Ele os pecados e escondendo-os em mim. De certo consolei um pouquinho o meu Divino Salvador, naquela noite de angústia, com a minha boa vontade. Sei que me convenci de que Jesus assim fizesse e, em paz e com muita consolação, retornei à cama e adormeci com a convicção de que Jesus sofria menos.

No dia seguinte, Sexta-feira Santa, fomos à igreja. A minha grande preocupação era esconder a Jesus e os pecados.

Em casa, pela tarde, perto das 3 horas, minha irmã Dilça chamou-me e disse: “Já tens o que pedir a Jesus às 3 horas?”

Não disse à minha maninha o que fizera na quinta-feira à noite, pois queria ainda repetir o mesmo às 3 horas. Esperamos, minha irmã e eu, ao pé da grande cômoda, que o relógio fizesse soar a grande Hora Santa.

Não sei explicar o que experimentou minha alma naquele momento. Tinha e sentia vivamente a Presença Divina em meu coração e dolorosamente receava que, se Jesus morresse em mim, perdê-lo-ia até Domingo da Ressurreição. E como num arranco de dor exclamo: “Bom Jesus, em mim não deveis morrer nem por três dias”. É que não mais podia estar sem a presença de Jesus e de meu Novo Amigo. 3 horas. Repeti o que fizera na véspera, à noite. E, oh alegria, Jesus não morreu em meu coração e queria lá se esconder e esconder os pecados.

Momentos depois, minha maninha Dilça disse-me a soluçar: “Disse a Jesus que

gostava mais de morrer antes da outra Semana Santa do que fazer um pecado por querer”. E só agora, por entre lágrimas de comoção, é que reconheço que o bom “Jesus Moribundo” concedeu à minha maninha a graça que ela Lhe pedira. Dilça não alcançou a Semana seguinte. Faleceu antes de um ano, a 14 de janeiro de 1909, numa quinta-feira, estando o mesmo relógio a bater 3 horas da tarde, e naquele mesmo lugar onde pedira a Jesus a grande graça; ao pé da grande cômoda que trazia o s. Crucifixo e a piázinha, pois, três dias antes de sua morte, o médico determinava uma mudança de quarto e de leito.

Bom Jesus, perdoai-me se nunca Vos agradeci esta graça que concedestes à maninha. Só agora, recordando este fato, é que tudo reconheço. Meu Deus, de quanto Vos sou devedora! Meu Jesus, perdoai a minha ingratidão.

30. O camarão

Para mais realçar a Misericórdia Divina para com a sua criaturinha, e exaltar a fidelidade e os cuidados de meu Novo Amigo, narrarei fatos que bem mostrarão quanto fui e sou de apoucada inteligência, quase nada, ou mesmo nada esperta. O bom Deus e meu Novo Amigo poderiam, também, nestes casos, dispensar-me o seu auxílio, mas não o fizeram, permitindo que eu mesma agisse com meu limitadíssimo raciocínio, para que eu, ao menos hoje, reconheça que tudo, tudo devo ao meu Deus.

Certa tarde, brincava na calçada com I., que era dois ou três anos mais velha do que eu. Estávamos no ano de 1910. Tinha eu, portanto, 10 anos. Já não morávamos mais defronte ao Asilo. Pulando na corda, chegamos à esquina da casa de I. e ali paramos.

Descia a esquina oposta, devendo passar pela em que estávamos, um rapazinho dos seus 14 ou 15 anos, desses pobres rapazinhos a quem o povo chama “moleques”. Conhecia-o de vista, pois diariamente passava por nossa casa; era um carregador de viandas. I. me dissera: “Olha esse guri; se a gente diz para ele ‘camarão’, ele logo se vira em camarão; e se a gente diz ‘jacaré’, ele se vira em jacaré”. – O guri passou por nós, mas voltaria da pensão com as viandas. Informei-me então de I.: “Mas ele se desvira depois outra vez em guri?” – “Decerto”, disse I., pois os outros guriis o chamam a toda a hora. Quando agora ele voltar e passar por nós, tu lhe dizes ‘camarão’, ‘jacaré’, e verás”. Respondi: “Não, só direi ‘camarão’, que é um bichinho pequeno; ‘jacaré’ não digo, é um bicho brabo, enorme, terei medo, e mesmo há de custar mais para ele se desvirar”. “O pobrezinho não sofre com essa mudança?”, perguntei a I. – “Qual nada, ele não se importa”.

Esperamos. Momentos depois, voltava o rapazinho. I. ainda disse: “Eu fico aqui à porta de casa, e tu vais esperá-lo aí na esquina; tem de ser assim, senão ele não se vira”.

E eu, na grande expectativa de ver um menino transformar-se em um bicho, lá fui. Quando o gurizinho passou por mim, disse-lhe eu, frente a frente: “Camarão!” Grande, porém, foi a minha decepção ao ver que o gurizinho, em vez de transformar-se num camarão, responde-me zangado: “Esta tu me pagas e bem pago”. – I. havia-se escondido atrás da porta do corredor de entrada e ria a mais não poder. Não atinei por que ela ria. É que ela sabia que o rapazinho se zangava quando assim o chamavam.

Passaram-se alguns dias. Certa tarde ia sozinha para o colégio, quando, no meio da quadra, reconheço o rapazinho e ele a mim, pois me disse:

“Agora verás quem é camarão” e deu-me um tapa no braço, saindo a correr. Eu era muito melindrosa, e, em vez de ir para o colégio, voltei para casa, chorando, e relatei o fato à mamãe e por que o rapazinho me dera. Mamãe zangou-se, não comigo, mas com o guri, dizendo: “Ele podia vir queixar-se a mim, mas não te bater. Isto não fica assim”.

Passaram-se dias, não sei quantos. Éramos, agora, vizinhas do comandante do

Regimento, e todas as quintas-feiras havia retreta defronte à sua casa. Lá estava o gurizinho sentado à beira da calçada, com outros guris, a ouvir a música. Mamãe mandou Abelino buscá-lo e, lá em casa, mesmo no corredor, o gurizinho apanhou uma sova de chinelo. Ele chorava bem alto; eu estava na varanda e Acácia me disse: “É o guri que está apanhando, porque te bateu”. Ia eu dizer – bem feito – porém eis que meu Novo Amigo mo impede. Procuo logo o seu s. Rosto e ei-lo triste. Uma grande, muito grande pena do gurizinho me invade a alma. Corri para o corredor a fim de impedir que ele apanhasse mais, porém, Abelino já o tinha mandado embora.

Volto para a varanda com a alma inundada de tanta pena que não pude conter as lágrimas. Acácia não estava mais na varanda e pude então chorar por muito tempo, de pena e de arrependimento. Pedi perdão ao bom Jesus e ao meu Novo Amigo, reconhecendo a minha culpa: “O gurizinho apanhou porque fui contar à mamãe que ele me deu. Mas ele me dera só um tapinha que não doe, e Abelino tem força e decerto nele doeu muito”.

Desejei confessar, naquele instante, o meu pecado, mas era quinta-feira e só no sábado é que poderia. Nova dor para minha alma. Ah! e se fosse agora mesmo com o Padre Godofredo, lá no Ginásio!... Grandes dificuldades surgem: era tardinha; não tardaria a acenderem-se as luzes. Acácia estava na cozinha e Conceição estava a pôr a mesa. Pensei ir sozinha. Fugir. Olho para meu Novo Amigo e oh! grande, inesperada alegria! Seu s. Rosto não estava mais triste! O bom Jesus já me havia perdoado e meu Novo Amigo também! No sábado confessaria tudo ao Padre Godofredo.

Se bem que a paz voltasse à minha alma, a grande pena e o grande arrependimento nela permaneceram. Se ali me aparecesse o gurizinho, mil provas de carinho lhe havia de dar. Ah! na Arca de Noé havia uma só pratinha! Compraria charutinhas e, no dia seguinte, esperaria o rapazinho. E naquele instante corri à confeitaria, voltando com 10 charutinhas dourados.

No dia seguinte, aguardei com muita ansiedade a passagem do gurizinho; ele, porém, não passou. E mais um dia, mais outro, e passou-se muito tempo, e o pobrezinho não voltou. Decerto ele receava passar outra vez por nossa casa. Na minha mente de criança, porém, mil motivos imaginava, menos aquele. E até pensava que decerto o Abelino batera demais nele e que o pobrezinho adoecera e bem poderia ter morrido. Tal pensamento me aterrorizava e acabrunhava.

Decorrido mais algum tempo, estava eu na calçada, quando vejo o gurizinho atravessar a rua. Sem mais preâmbulos corro para ele e lhe digo: “Tenho uma coisa para você, espere que eu vou buscar. Tive tanta pena de você, porque Abelino lhe bateu, ouviu?” O rapazinho me olhava quase desatinado, mas não se opôs a esperar-me. Não tinha eu mais os charutinhas, porém tinha pratinhas na Arca de Noé. Tomo-as e corro para a rua, no grande temor de que o rapazinho fugisse. Mas ele estava lá, sim. Dei-lhe tudo, pratinhas e Arca de Noé. Ele ficou radiante e lá se foi a mexer nela, enquanto eu, sentindo a mais doce paz no coração, fiquei na esquina, com meu Novo Amigo, a olhar para o gurizinho até que ele sumiu.

31. O autovelocípede

Em 1910, papai foi removido para a Colônia Militar do Alto Uruguai, porém nós ficamos em Jaguarão com mamãe. Tal separação foi, para mim, muito dolorosa. No ano passado, a morte separou--me de minha maninha Dilça, e agora, se bem que não tão fatalmente, devia separar-me de papai, a quem amava acima de tudo, depois de Jesus, sua Mãe SS. e meu Novo Amigo.

Fomos ao embarque de papai. Entramos no vapor. Quando este deu o primeiro sinal de partida, a dor que senti em separar-me de meu papaizinho foi tão viva que me pareceu não mais poder viver. Abraço-me ao pescoço de papai, chorando convulsivamente. E, quando, no mais angustioso dos momentos, ouço o segundo apito do vapor, teria certamente desfalecido de dor, se não tivesse sentido a santa Mão de meu Novo Amigo desprender-me suavemente de papai. Fi-lo sem resistência; minhas lágrimas estancaram como por encanto, olho para papai e meu Novo Amigo, e Este com sua Voz dulcíssima me segreda, não ao ouvido, mas ao coração, à alma: “O bom Jesus quer assim.”

Se naquele momento dependesse de mim ficar papai comigo, por nada deste mundo o faria ficar. Amava muito, muito mais ao bom Jesus e a meu Novo Amigo do que a papai. E foi sem mais nenhuma lágrima que eu, já no cais, dando o vapor o último apito, e largando ferros, abanava com o lençinho para meu querido papai, cuja separação, minutos antes, parecia impossível.

Passado algum tempo, papai obteve certo tempo de licença para passá-lo em Jaguarão, trazendo-me então um lindo autovelocípede. Isto foi para mim uma coisa mais que extraordinária. E todos os dias, após regressar do colégio e ter feito a tarefa de estudos, eis-me nos meus passeios “de auto”, do princípio ao fim da quadra. A calçada de lajes, porém, não prestava para o autinho deslizar suavemente: as lajes, em muitas partes, estavam quebradas, dificultando-lhe a marcha.

Certo domingo, Z. veio visitar-me com a sua cadeirinha velocípede, dizendo: “Vamos passear à praça; lá é bom, as calçadas são compridas, largas e de mosaico”.

Aos domingos e quintas-feiras à tarde, havia grande reunião na praça, reunião essa que chamavam de “footing”. A música tocava no coreto erguido no centro da praça, e era aquele vaivém de moças, moços, senhoras, crianças a passearem ao redor da praça, enquanto no centro da mesma aglomeravam-se grupos nas mesinhas do “bar” e do “quiosque”. No carrossel voluteavam bandos de crianças.

Mamãe deu-nos licença, e Acácia foi conosco. Era a minha estréia no tal footing. O auto deslizava ligeiro, suave, sem arrancos nem paradas. Voltei de lá encantada, depois de ter combinado com Z. de retornarmos à praça todos os domingos. Dito e feito. Dois ou três domingos depois, era um verdadeiro “corso” de velocípedes ao redor da grande praça ajardinada.

Já desde 1909 passara a ser confessor das meninas do nosso colégio o Cônego Godofredo Evers, um dos lentes do Ginásio Espírito Santo. Este ginásio ficava bem defronte à praça.

Certo sábado, na confissão, o Padre Godofredo me dissera: “Não gosto que aos domingos a Cecy vá passear lá na praça, compreendeu?”

Compreendera perfeitamente, mas durante a semana esquecia o desgosto do Sr. Padre em eu ir à praça e, chegado o domingo, eis-me no local que tanto me atraía, pois agora não tinha maior prazer do que passear lá, no autinho. Nesse domingo, porém, percebi que, afastado um tanto da sacada e semi-oculto pelo grande reposteiro grená, pendente da janela, estava sentando o Padre Godofredo, o qual também me reconhecera, pois me fizera um sinal com o dedo. No sábado seguinte, falou-me outra vez o Sr. Padre no meu passeio à praça. Mas, chegado o domingo, quando Z. e outras meninas vinham buscar-me com os seus velocípedes, outra vez não mais pensava no desgosto do Sr. Padre. É que até então meu Novo Amigo não se opusera, e eu, numa alegria para mim completa, lá me ia.

Eis-me na praça movimentada. Lã estava o Padre Godofredo, no mesmo lugar, a ler ou rezar num livro, mas como a observar-me, pois, cada vez que por lá passava, ei-lo a me olhar. Sorria-lhe, na minha felicidade, e não me acudia à mente o seu desgosto.

Num dado momento, ouve-se uma algazarra lá ao pé da estátua da Liberdade, erguida no centro da praça. Todos corriam para lá. Não mais via Acácia, ela estava no lado oposto, pois sempre nos distanciávamos dela. O grupo de velocípedes parou e dizíamos: “Vamos ver o que é”. Algumas já corriam pelo centro da praça, em direção à estátua.

Faço também menção de descer do autinho e para lá correr. Porém, nem um passo conseguira dar. Eis mais uma vez a Santa Mão de meu Novo Amigo sobre meu ombro, suavemente, mas a prender-me numa forte imobilidade. Meus olhos procuraram o Santo Rosto. Volto a cabeça para a direita. Tudo num movimento rápido. Estava bem defronte à porta do Ginásio. Ao mesmo tempo percebo o S. Rosto de meu Novo Amigo, triste, e, a descer quase correndo os degraus da grande escada do corredor da entrada, o P. Godofredo que, atravessando a rua a largos passos, dirigia-se para mim.

Não compreendi nada de tudo aquilo. Tinha ficado só, imóvel na minha estupefação. Padre Godofredo, num tom de benevolência e, ao mesmo tempo, de severidade, diz-me: “Vá já, já para casa e nunca mais torne aqui; o bom Jesus vai ficar triste”. E foi só neste momento que me veio seriamente o pensamento não de um simples desejo manifestado pelo Sr. Padre, mas de uma ordem dada pelo bom Jesus e à qual não obedecera.

A dor do arrependimento grande e sincero encheu minha alma de criança e a soluçar digo ao santo sacerdote: “Padre, não sei onde está Acácia e eu não sei ir sozinha. O Sr. me leve, sim?” E aquela grande alma de Apóstolo, vencendo, talvez, todo o respeito humano,

toma-me pela mão e, com a outra puxando o autinho, leva-me para casa; deixando-me na esquina, diz-me: “Vai agora daqui com a bênção do bom Jesus e aos cuidados do teu Anjo da Guarda”. – “Muito obrigada”, respondi, “nunca mais vou ser desobediente”.

Caminhara apenas alguns passos, quando ouço a voz de Acácia, que me chamava. Esperei-a e disse--lhe, apenas, com a mais franca naturalidade: “Quis vir-me embora para casa e, como não te vi, pedi ao Padre Godofredo que me trouxesse”. Fiquei admirada ante a estupefação de Acácia que, abrindo muito os olhos, disse numa exclamação viva: “Mas que guriazinha sem respeito! Então tu pensas que o ‘Seu’ Padre é teu criado?” Tal observação provocou-me ainda maior arrependimento de minha desobediência. Acácia contou o fato para mamãe, e mamãe, para papai.

No dia seguinte, papai escrevia um cartão ao Padre Godofredo e eu mesma fui levá-lo com Acácia. – Sei que muitas noites anteriores ao domingo seguinte chorava, na cama, de arrependimento, por ter entristecido ao bom Jesus e ao meu Novo Amigo, se bem que Este não estivesse mais com o s. Rosto triste, e tal bondade muito mais me comovia. Sábado confessei ao Sr. Padre a minha desobediência, prometendo nunca mais ir à praça no tal footing. Graças a Deus, cumpri fielmente minha promessa. No domingo seguinte, à mesma hora do footing, em vez de ir à praça, o autinho ficou em casa, enquanto eu, a mandado do Sr. Padre, ia à Matriz rezar no altar de Nossa Senhora o meu tercinho por todas as crianças de Jaguarão.

32. Madrinha

Estávamos em 1911. Pela primeira vez ia ser madrinha. Ganhara uma afilhadinha, filha de nossa lavanderia, Elisabet, uma pardinha de 5 anos, mais ou menos. Deveria ser crismada na próxima visita do Sr. Bispo, o mesmo que me crismara. Tal fato me encheu de tanta alegria que ansiava pela realização do santo ato. Sentia-me numa completa felicidade e já me compenetrara seriamente da missão que ia assumir.

À hora marcada lá me fui com a afilhadinha para a Matriz. Sabia muito bem ir sozinha, Acácia não pôde ir junto. Padre Domingos, o vigário, dar-me-ia as informações. Levava na bolsinha a espórtula indicada, que eram 3\$000. No trajeto para a Matriz, tudo correu sem novidade: madrinha e afilhada, radiantes.

Ao enfrentarmos a Matriz, percebia-se já grande aglomeração de povo. Alegrei-me; o Sr. Bispo já estava lá certamente. O mesmo, porém, não aconteceu com Zabeta. Ao comunicar-lhe a boa nova, julgando alegrá-la mais, a pequenita arma uma verdadeira tormenta de choro, acompanhado de altos gritos. Tinha medo do Sr. Bispo. Mil promessas lhe fazia, tomava-a ao colo e ela chorava e gritava mais. Dizia-lhe que o Sr. Bispo era santo, era bom, gostava das crianças... Nada pude conseguir. E, quanto mais perto da Matriz, mais chorava ela.

Eis desfeita toda a minha alegria. “Pois bem”, disse-lhe eu, “não vamos mais com o Sr. Bispo, eu mesma posso crismar-te, ‘em caso de necessidade’, assim como já batizei o ‘Seu’ Cipriano”. – Eis mais uma idéia errônea que, na minha cabeça de 11 anos, concebi. Pensava que a Santa Crisma estava nas mesmas condições do Santo Batismo. De certo, Nosso Senhor não levou a mal a grande ignorância de sua amiguinha e a presunção de querer fazer as vezes do Sr. Bispo.

Sentei-me com Elisabet em um dos bancos públicos que circundavam a praça da Matriz e comecei a dar-lhe algumas “noções” do santo ato. De certo, meu Novo Amigo não permitiu que eu dissesse alguma heresia àquela almazinha. Ele ali estava e não tinha o s. Rosto triste, já o havia procurado mais de uma vez. Três ou quatro vezes fiz novo convite a Zabeta para irmos com o Sr. Bispo, mas, logo que fazia menção de levantar-me, ela recomeçava a barulhenta choradeira. Esperei muito e muito tempo até que o Sr. Bispo e todos saíram. Agora Elisabet não se opôs.

Fomos para a Igreja, já vazia. Dirigi-me para o altar de Nossa Senhora, cuja imagem tanto me falava ao coração. Era uma linda imagem de tamanho natural, representando a Imaculada Conceição. Ali, com Zabeta, rezei o Ato de Contrição, depois de a ter feito prometer a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que nunca mais iria fazer pecados, e pedir perdão por todos os que já tinha feito. A pequenita docilmente repetia tudo o que lhe dizia, com as mãozinhas postas.

Deixando em seguida o Altar, dirigi-me para o Batistério, que ficava à direita, porém

na grande piscina de mármore não havia água benta. Fui então à pia da porta de entrada, com o coração a bater pela grande emoção em que me achava naquele instante. Ajoelho com a pequenita e mais uma vez rezei com ela o Ato de Contrição e todas as orações que sabia de cor. Levanto-me. Mergulho a mão na pia, para que saísse bastante água benta, e, ajoelhando-me novamente, traçouma cruz na testa da pequenita, dizendo ao mesmo tempo, num ato de fé ardentíssimo: “Eu te crismo em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. Amém”.

Exultei. Na minha fé de criança, contemplava a pequenita, e achei-a agora mais bonita. É que imaginava, ou melhor, via com os olhos da fé a sua almazinha sem mais nenhuma manchinha. Disse-lhe, na mais íntima alegria, empregando a minha comparação: “Tua alma agora está branquinha, bem branquinha, assim como a minha, no dia da 1a. Comunhão”.

Não sei por quê, mas a real convicção que tive da brancura de minha alma, no dia de minha 1a. Comunhão, durante toda a minha vida permaneceu viva em mim. Somente agora, desde 1935, desapareceu do meu íntimo o que constituía as minhas delícias. É que tinha em mim a Incomparável Alvura: o meu Deus. E desde aquele tempo, escondendo-se Jesus, tenho agora “a real e dolorosíssima convicção de uma alma tenebrosa, escura, em trevas espessas pelo pecado”.

Mas devo continuar. Crismada Elisabet, conforme julgava eu, levei-a lá no primeiro banco para mostrar-lhe a “Casinha Santa” onde estava Jesus. Era o s. Tabernáculo. Saímos da Igreja. Lembrei-me de que tinha na bolsinha os 3\$000 que não foram necessários. Podia comprar bombons para a afilhada. Fomos à confeitaria, e os 3\$000 foram transformados num bonito pacote de bombons. Entreguei-o, feliz, à afilhadinha.

Dirigimo-nos para casa. Não caminhara, porém, uma quadra, quando me vem, de repente, o pensamento: “Mas eu comprei os bombons com o ‘dinheiro santo!’” (assim chamava todo dinheiro que era destinado à Igreja ou aos pobres): “devia ter posto o dinheiro lá no cofre que está na porta da Igreja”. Uma grande inquietação me invade a alma. E, agora, que fazer? Levar outra vez o pacote de bombons ao “Seu” Carvalho e pedir-lhe para destrocar. Daria outros 3\$000 a Zabeta. Mas lembrei-me de que não tinha mais nenhuma pratinha.

Eis-me na maior perplexidade! Entendia, na minha apoucada inteligência, que devia pôr no cofre da Igreja o mesmo dinheiro que papai me dera para o Senhor Bispo. Resolutamente enfim decido: ir à confeitaria. Expus com toda a sinceridade, e com lágrimas já a rolares, o caso ao “Seu” Carvalho. Grande, mais que grande foi a minha surpresa, quando vejo “Seu” Carvalho rir a bom rir, e, tomando o pacote que lhe entregava, deu-me novamente, dizendo: “O ‘Seu’ Carvalho faz-te presente dos bombons”.

E, indo à gaveta, trouxe-me o mesmo dinheiro que lhe entregara. Agradei, radiante, ao bom confeito e corri com Zabeta à igreja, depositando, feliz, no cofre, a quantia.

Grande felicidade e consolação experimentei. Creio que tal fato foi proveitoso para o resto da vida que permaneci no mundo. Jamais, daquele dia em diante, dispus de uma importância, por mínima que fosse, sem inquirir, primeiro, de sua procedência e destino. – Mais tarde, Elisabet foi crismada “novamente” pelo Sr. Bispo, e eu fiquei sendo sua madrinha de verdade.

33. O bando de gansos

Estávamos ainda em 1911. Na licença de férias de papai a Jaguarão, trouxera-me ele, desta vez, um lindo brinquedo: uma camponesa, levando à sua frente um bando de gansos. Quando se puxava o carrinho, a camponesa batia com os bracinhos, e os gansos, com as asas. Gostei imensamente do brinquedo. Acácia deu-me um novelo de cordão fininho. Atei-o ao carrinho e, soltando-o na extremidade da quadra de nossa casa, desenrolava o novelo inteiro, até a outra esquina. Aí enrolava o novelo e o carrinho vinha por si, ficando eu parada. Isto me entretinha sobremaneira, e todas as tardes podiam achar-me na calçada com a tal diversão.

Certa tarde percebi que, cada vez que passava de uma esquina para outra, estava junto a mim um negrinho meio esfarrapado, de uns 7 ou 8 anos, que, com vivo interesse, acompanhava-me no brinquedo, e, cada vez que o carrinho caía no meio do caminho, ele corria a levantá-lo. Comecei a sentir uma espécie de satisfação por ver que o “meu bonito carrinho” causava tanta admiração ao negrinho. Duas ou três tardes depois, o pequenito, como de costume, lá estava a observar-me e acompanhar-me, porém, desta vez, oferecendo-me uma laranja e dizendo: “A senhora quer trocar o carrinho por esta laranja?”

Tal proposta me surpreendeu deveras e respondi, “um tanto orgulhosa”: “O meu carrinho vale mais do que um saco dessas laranjas, e eu tenho delas quantas quero”. O negrinho não retrucou. Porém, mal acabara eu de pronunciar tais palavras, eis a Santa Mão de meu Novo Amigo sobre minha cabeça. Algo queria Ele advertir-me. Escutei sua Voz falar-me à alma. Ouvi-o perplexa: devia dar meu carrinho, o lindo carrinho que papai me dera e de que tanto gostava, ao negrinho esfarrapado. Como um relâmpago, passou-me o pensamento: “Não lhe posso dar, papai me deu”, mas, como um relâmpago também, sucedeu-se outro: “O bom Jesus quer que eu lhe dê”. Olho para meu Novo Amigo. Seu s. Rosto não estava triste, mas grave, como a esperar minha decisão.

Resolutamente me dirijo ao negrinho, que, com a laranja na mão, como que se extasiava no carrinho, e lhe disse: “Dou-te, bem dado, o carrinho para ti”. E enrolando com pressa o cordão, puxo o carrinho e entrego-o ao negrinho. Este permaneceu por um instante indeciso, como a duvidar se realmente lho queria dar. Por fim, convenci-o, e ele o recebeu. Olho para meu Novo Amigo. Seu s. Rosto não estava mais “grave”, mas com aquela “Doçura” que tão feliz me tornava, pois aquela “Doçura” me dizia que Jesus estava satisfeito com sua amiguinha.

Não sabia, naquele momento, qual de nós dois, o negrinho ou eu, seria o mais feliz. Mas, neste momento em que escrevo, reconheço que era eu a mais feliz, incomparavelmente mais feliz.

Naquele momento, meu Novo Amigo ainda me fizera reconhecer que eu fora dura para com o pobrezinho. Chorei o meu pecado, confessei-o no sábado e, a conselho do Padre Godofredo, levei, no domingo, ao Padre Domingos, o brinquedo de que mais gostava, para as crianças pobres de “Catecismo”. Padre Godofredo dissera: os brinquedos velhos. E quando

eu os punha na caixa vazia de papelão, escolhendo as bonequinhas sem braço ou sem perna, xicarazinha rachada ou sem asa, o galinho que não apitava mais, a bola desbotada, mais uma vez meu Novo Amigo coloca sua Santa Mão sobre minha cabeça.

Paro. Escuto-lhe a Voz suavíssima: “O lindo aparelhinho de chá, com 12 peças, que o Coronel Ferreira me trouxera do Rio!”.. E ainda sem ter brincado com ele uma só vez, deixei ficar a caixa com os brinquedos velhos e levei ao Padre Domingos a bonita caixa vermelha, cheia de figuras na tampa. E a “Doçura” do Santo Rosto de meu Novo Amigo era, para minha alma de criança, mais preciosa que os mais preciosos brinquedos do mundo.

34. Sacrifíciozinhos para ser admitida na Congregação Mariana

Em certo sábado do começo do ano letivo de 1912, Padre Godofredo, que era o Diretor da Congregação Mariana, dissera-me, na confissão, que ele desejava tanto que naquele ano eu recebesse a 1a. Medalha da Congregação, mas que havia um impedimento, a idade insuficiente ou, pelo menos, falta da necessária capacidade intelectual. “Mas vamos, desde hoje, começar a rezar”, disse ele, “e a Cecy fará sacrifíciozinhos a Nossa Senhora para que, a 8 de dezembro, alcance a grande graça”.

Sai do confessionário radiante, como se já tivesse, na realidade, recebido a linda medalha com a fitinha azul. Decorreram-se alguns dias e eu “naquela ilusão da realidade”, sem ter começado a fazer os sacrifíciozinhos a Nossa Senhora, conforme mandara o Sr. Padre.

Caí, por fim, em mim. Quanto ao que devia rezar, já o sabia; não havia para mim melhor e mais poderosa oração, de todas as que sabia, do que o s. Rosário, que jamais deixara de rezar um dia sequer e que, graças a Nossa Senhora, até hoje ainda assim posso dizer. A dificuldade estava agora nos “sacrifíciozinhos”. Não sabia que sacrifício haveria de fazer que muito agradasse à Mãe do Céu. Já fizera alguns, mas, sentia-o, não eram estes que Nossa Senhora queria.

Agora é preciso que relate algo: gostava muito de doces, balas, chocolate, mormente. Com mais sinceridade: eu era gulosa. Acácia conhecia o meu “ponto fraco” e, coitadinha, a cada momento que eu quisesse, satisfazia-me com um grande naco de marmelada, com gemada e canela, com punhados de passas, enfim, com o que encontrava à mão. E, na falta de doces ou de Acácia para mos dar, ia eu à dispensa, fazia um grande cartucho de papel e enchia-o de grandes torrões de açúcar, que muito bem me substituíam as balas.

Certa tarde, preparara um cartucho de torrões e, servindo-me do primeiro, tento levá-lo à boca. Eis, porém, a s. Mão de meu Novo Amigo que mo impede. Olho para seu s. Rosto, ei-lo naquela gravidade que tão bem eu já conhecia. Sem ainda compreender o fim pelo qual Ele mo impedia, despejo novamente todo o conteúdo do cartucho na grande lata de açúcar. O s. Rosto de meu Novo Amigo perdeu logo a gravidade, sucedendo-se aquela incomparável “Doçura” que constituía toda a minha felicidade, as minhas delícias. Porém ainda não compreendera por que meu Novo Amigo mo impedira.

Decorreia algum tempo. Estava eu na varandinha, ocupada com as minhas tarefas de aula, quando aparece Acácia, trazendo um grande marmelo assado, a escorrer calda. Alegro-me sobremaneira e, como de costume, mostro a Acácia minha alegria, abraçando-a pelo pescoço. E lá se foi Acácia, deixando o pratinho com o marmelo sobre a mesa. Tiro a parte já cortada e espetada com o palito, e tento levá-la à boca. Eis novamente meu Novo Amigo a impedir-me. Olho seu s. Rosto: grave! Tudo compreendi, então: “Gosto tanto, tanto de doces, de tudo o que é açúcar. Devo privar-me deles. É este o ‘sacrifíciozinho’ para Nossa Senhora, é ‘só’ isto que a Mãe do Céu quer, em troca da linda medalhinha com a fita azul”.

E, para não me tornar tão extensa, direi apenas que, daquele dia em diante (meados de março de 1912), até 8 de dezembro do mesmo ano, jamais provara o mínimo torrãozinho de açúcar e todo doce de qualquer espécie. Padre Godofredo disse-ra: só deve provar açúcar no café. E assim foi. Sei, porém, que a SS. Virgem aceitou o “sacrificozinho” de sua filhinha, recompensando-a, a 8 de dezembro, com a linda medalhinha e fita azul.

Naquele dia, Padre Godofredo, dando-me um santinho de Nossa Senhora, disse-me: “Hoje, sim, a Cecy pode comer os doces que quiser e Nossa Senhora muito se alegrará”. Fui para casa. E, nos meus dias de festa, a fiel e boa Acácia não se esquecia de surpreender-me com alguma “lambisqueria”, como ela dizia. Lá na varandinha, no lugar onde estudava, achei um pratinho de ameixas com coco. Com grande surpresa minha, vi que a “gulosa” Cecy perdera por completo o seu feio defeito.

E é a Vós, ó SS. Virgem, e a Vós, meu fidelíssimo Novo Amigo, que tudo devo. Amém.

35. O traje de banho impedido

Nas férias de 1911 a 1912, papai, a conselho médico de aproveitar as águas iodadas dos banhos de mar, no mês de fevereiro, resolveu mandar-me para Santa Vitória do Palmar. Parti logo após o encerramento das aulas, na 2a. quinzena de dezembro. Deveria hospedar-me em casa da família N., amiga de meus pais, e cujas filhas estavam internadas em nosso colégio de Jaguarão. Custou-me demasiadamente separar-me da família. Mais de uma vez, quando mamãe arrumava minha maia, auxiliada por Acácia, surpreendi-as chorando. Esse fato fazia-me sentir mais a separação. Papai levou-me ao porto, onde, com as duas meninas N., fui entregue ao Coronel M. A cena de despedida, em casa, foi bem dolorosa. O vapor sairia às duas horas da tarde, e já pela manhã, bem cedo, Acácia me acordara para eu ir à s. Missa, durante a qual comunguei. Não iria, agora, sozinha: Jesus e meu Novo Amigo me acompanhariam. Já muito tempo antes da viagem, andava receosa, julgando, na minha infantilidade, que meu Novo Amigo, “por qualquer motivo”, não pudesse acompanhar-me... Tal, porém, não sucedeu. Padre Godofredo dera-me um santinho do Santo Anjo da Guarda, no qual escrevera a linda oraçãozinha que eu muito bem sabia de cor e que, de manhã e à noite, rezava:

*“Santo Anjo do Senhor,
Meu zeloso guardador,
Se a ti me confiou a piedade divina,
Sempre me rege, guarda,
Governa e ilumina. Amém”.*

A viagem correu bem e amanhecemos em Santa Vitória, onde já nos esperava, no porto, o casal N. Estranhei imensamente a falta de meus pais e irmãos e da boa Acácia, se bem que aquela família N. me cercasse de todo o carinho, cuidado e dedicação. Antes de duas semanas, adoeci com febre alta e, se não tivesse a presença contínua de meu Jesus e de meu Novo Amigo, creio que não teria resistido à dura separação. Por fim, restabelecime, e a família N. já estava em preparativos para partir para o mar, quando veio a notícia de que a casa fora incendiada. Foi então resolvido ir-se para a grande Fazenda N.

A vida aprazível e movimentada da fazenda ia, pouco a pouco, como que diluindo a espécie de nostalgia que me ia na alma, e, por fim, sentia-me bem. Eram carreiras, passeios a cavalo ou de breack, e, numa tarde, grande entusiasmo na fazenda, para o banho na “cachoeira”. Estavam na casa as famílias da vizinhança.

Fomos. Grupos a cavalo, de aranha e de breack. Dona N. levou-me consigo na aranha. Eu ia radiante. Chegamos a tal cachoeira, que para mim foi uma “maravilhosa novidade”. Era um salto d’água, espumante e cantante, que rolava por sobre pedras enormes, indo deitar-se, depois, num leito macio de areia. Armaram, às margens, três ou quatro barraquinhas e, de lá, em pouco tempo, saíam os grupos para o banho.

Dona N. chamou-me para pôr o tal traje de banho. Corri radiante. Porém, antes de chegar

a ela, sou impedida, por um braço, por meu Novo Amigo e pela presença mais viva de Nosso Senhor em meu pequeno ser, fazendo-me compreender que não devia acompanhar aquele grupo. Disse eu, então, parada em meio caminho: “Não, Dona N., não quero vestir-me assim, nem banhar-me. Fico esperando aqui”. Dona N. mostrou descontentamento. Receosa, tímida, mostrava-me indecisa em obedecer-lhe ou não. Porém sentia-me ainda presa pela s. Mão de meu Novo Amigo. Então, resolutamente, respondo aos seus insistentes chamados: “Dona N., não quero vestir-me assim, nem banhar-me”.

Os grupos prontos preparavam-se para entrar na água. Meu Novo Amigo passou para minha frente e, durante todo o tempo que os banhistas permaneceram na água, e depois na margem, onde formaram baile, tinha eu, pela primeira vez, na minha frente, a Sombra Santa e Benfazeja que, supunha eu, eram as Asas distendidas de meu Novo Amigo. E sempre, dali em diante, as “Santas Asas Protetoras” distenderam-se na minha frente, impedindo-me de ver o que Nosso Senhor nem Ele queriam que eu visse.

36. Cinema "ponto chic"

Já no ano de 1912, começou, em Jaguarão, uma verdadeira enchente de cinemas. Abriam-se salões por todos os lados. Aos domingos, havia "matinéés" quase de hora em hora. Os proprietários de cinema começaram a fazer concorrência uns aos outros, e havia até rivalidades. Por fim, abriu-se um salão luxuoso, da firma Pinto e Irmão, denominado "Ponto Chic". O proprietário, grande capitalista, mandara construir especialmente tal salão, com poltronas estofadas, ventiladores elétricos, salas de espera, etc., e pelo mesmo preço que os outros.

Assim é que as famílias acorriam, em turbilhão, ao Ponto Chic. Aos domingos, as "matinéés" eram exclusivamente para crianças, onde se distribuíam, grátis, lindos saquinhos de bombons, havendo ainda sorteio de um lindo prêmio: uma grande boneca ou um par de patins ou um diávolo de borracha, etc. Isto atraía, posso até dizer, a criançada em peso de Jaguarão.

Não sei dizer se tal febre de cinemas prejudicava a moral do povo, sei que, em certo domingo, anunciou-se a estréia de um novo salão, pelos Revds. Padres Premonstratenses. Ora, o preço foi menos da metade dos outros cinemas. Agora, o povo convergia para lá.

De todas as fitas a que assisti no Salão dos Padres (denominação popular), nessa época de minha infância, e também mais tarde, na minha mocidade, sei a história, até hoje, integralmente, e até o seu título: A vida pública do Salvador, O Filho pródigo, O Milagre da Virgem, Tenho por teto o céu, etc.

O mesmo já não se dá com as fitas a que assisti no teatro ou nos salões. A maior parte delas (com exceção das fitas naturais), ficava por entender, porque grande parte delas me eram vedadas pelas "Santas Asas" de meu Novo Amigo. Já narrei, anteriormente, como nas minhas férias em Santa Vitória, pela 1a. vez, meu Novo Amigo assim procedera. A 2ª. vez foi no cinema "Ponto Chic" e depois continuou sempre, também na minha mocidade.

Passo a narrar a 2a. vez. Num domingo, anunciou o "Ponto Chic" uma extraordinária "soirée". Fomos à tal soirée extraordinária. Enorme concorrência de famílias. Começou a fita cujo título era: A cela n.º 13. Duas ou três cenas se haviam passado quando, num dado momento, sinto a s. Mão de meu Novo Amigo sobre meu ombro e, como no banho da cachoeira, suas Santas Asas distendem-se na minha frente, encobrendo totalmente aos meus olhos a cena que se focava na tela. Meu Novo Amigo assim permaneceu durante toda a passagem da fita, de modo que dela nada vi.

Em outras ocasiões (quero dizer, em outras fitas), suas Santas Asas distendiam-se por certo espaço de tempo. Depois como que se fechavam e, então, eu podia olhar na tela, mas sua Santa Mão permanecia sobre meu ombro, de modo que mais me ocupava com Ele (pois que Ele constituía as minhas delícias, na lembrança de que Jesus estava satisfeito com sua amiguinha) do que com o que me cercava. Muitas e muitas vezes,

durante a passagem de uma fita na tela, as Santas Asas distendiam-se por tempo rápido e logo me deixavam a vista livre.

Não somente nos cinemas meu Novo Amigo assim procedia, também em espetáculos (representação de dramas, etc.). Quantas vezes mamãe chamava-me de “pateta”, porque eu não sabia descrever a fita ou o drama a que assistira. E papai dizia-me: “Minha filha, você deve descrever o que vê e narrar o que ouve”. Jamais, porém, dissera-lhes que meu Novo Amigo mo impedia.

Meu santo e fidelíssimo Novo Amigo, somente hoje reconheço os inúmeros perigos a que estive exposta naquele mundo mau, e dos quais saí ilesa, unicamente pela graça especial de meu Deus e de Vossa fidelíssima guarda. Sede, ó meu Deus, glorificado eternamente na fraqueza de Vossa criaturinha. E a Vós, meu Novo Amigo, o amor grato de Vossa pequenina irmã e amiga. Amém.

37. Esposa de Jesus

Em 1913 veio do Rio o Tte.-Cel. N. de uns 40 e tantos a 50 anos de idade, solteiro, possuidor de grande fortuna. Este senhor era amigo íntimo de papai, já desde o tempo de estudantes. Portanto, o Tte.-Cel. N. tornou-se freqüentador assíduo de nossa casa, indo quase diariamente palestrar com papai, no seu regresso do quartel, pois nossa casa ficava poucas quadras aquém do quartel.

Um ou dois meses depois de sua chegada, (creio que nem tanto) começou o Tte.-Cel. N. a mostrar particular preferência pela minha pequenina pessoa, cumulando-me freqüentemente de valiosos presentes.

Certa vez, fui chamada à sala por mamãe. Estava lá o Tte.-Cel. e desejava mesmo entregar-me o presente que me trouxera: uma grande caixa com um enxoval completo à Napoleão, que mandara vir de Montevidéu. Estendi-lhe a mão para agradecer-lhe; ele beijou-a e disse a papai: “Gosto desta menina e quero fazer dela uma senhora”. Não compreendi aqui o que ele queria dizer com isso e me fui, muito prazenteira, com o grande presente, mostrá-lo à minha querida Acácia.

Alguns dias depois, fui novamente chamada à sala. O Tte.-Cel. lá estava, no seu grande fardamento encarnado e azul. Mamãe ordenara à Acácia que me pusesse o traje à Napoleão para que o Tte.-Cel. visse como me ficava bem. Devo aqui dizer francamente que não gostara do tal traje que me dava o aspecto de moça: o vestido era mais comprido do que o que costumava usar e as finas botinhas de verniz eram de “taco militar”, o que jamais em minha vida usara. Andava sempre com os cabelos soltos, Acácia mos encrespava com muito cuidado todas as noites. E agora mamãe ordenara que Acácia mos atasse para trás com uma fita.

Compareci, assim transformada, à sala. Parece que o Tte.-Cel. gostou de me ver assim. Abrindo, então, uma caixinha de veludo azul, tirou uma aliançazinha com dois diamantes e colocou-ma no dedo, dizendo: “Ainda é criança demais para uma aliança verdadeira”. Naquele momento nada entendi. Sei, apenas, que me alegrara com o lindo anelzinho. Depois o Tte.-Cel. continuou: “Em breve irá viajar pela Europa, por isso, é preciso que estude o italiano e o alemão (o francês eu já aprendia no colégio) e também deve aprender piano”. Alguns dias depois, recebia eu uma professora de piano, e um piano de aluguel, para estudar; um professor de italiano e, no colégio, iniciei o estudo de alemão com a minha querida Madre Rafaela.

Mais alguns dias e, uma noite, papai chamou-me a sós, muito sério, muito apreensivo. Achei papai diferente dos outros dias. Papai sentou-se e, acariciando-me a cabeça, disse: “Minha filha, papai tem uma nova importante a comunicar a você. Meu amigo N. quer fazê-la sua esposa, quando você completar 15 anos. Papai quer que minha filha aceite esta proposta, que a fará muito feliz. Conheço meu amigo N. e tenho certeza de que a fará muito feliz”.

Pouco ou quase nada entendi do que papai me dissera. Estava com 13 anos e, até então, jamais me passara pela cabeça sombra sequer de me tornar esposa de alguém. Mesmo nem sabia o que fosse uma esposa; apenas sabia que mamãe era esposa de papai. E como nada, mesmo, entendera, respondi a papai, como se fosse a mais trivial das questões: “Sim, papai”. E me fui, sem tornar a pensar no caso. Porém, na 1a. sexta-feira do mês, depois da “audiência” com papai, fui, como costumava, à s. Missa e à s. Comunhão. Logo após a s. Comunhão, em que me deliciava, sinto, ouço, como costumava ouvir de meu Novo Amigo (agora não deste e, sim, de Nosso Senhor): “Não serás uma esposa da terra, mas esposa de Jesus”.

Desde então, pensava continuamente em como poderia ser esposa de Jesus (pois também não compreendia o que era uma esposa de Jesus). Um desejo muito, muito grande, porém, ficou-me, desse dia em diante, de ser esposa de Jesus. E claramente reconheci que, para sê-lo de Jesus, não poderia ser do Cel., cuja presença comecei a aborrecer. O tal anelzinho, que era uma espécie de aliança de noivado (o que só mais tarde compreendi), desgostava-me sobremaneira de usá-lo, pelo seguinte: no domingo imediato à 1a. sexta-feira do mês a que já me referi, aprontava-me para passear com algumas amiguinhas. Busco o anel para pô-lo e, tentando enfiá-lo no dedo, meu Novo Amigo mo impede, afastando-me suavemente a mão da outra em cujo dedo ia pôr o anel. Guardei-o imediatamente, com a firme intenção de não mais usá-lo.

Não tardou, porém, que o Tte.-Cel. N. notasse que eu não o usava mais, dizendo que desejava que o usasse sempre. Mamãe mandou-me buscá-lo e disse-me que não deveria tirá-lo mais do dedo. Fui buscá-lo, e na sala o pus. Meu Novo Amigo não se opôs desta vez. Mas ali mesmo, ante aquele senhor que já me desagradava, também ante papai e mamãe, ali presentes, procuro o s. Rosto de meu Novo Amigo e reconheço o seu desagrado no uso do anel. Grande mágoa senti na alma e, por entre soluços, de noite, na cama, pedi a meu Novo Amigo que me fizesse perder o anel.

Passou-se algum tempo (bem pouco), e chegou o inverno. Fui fortemente atacada de frieiras nas mãos. Estas incharam de modo tal que o dedo do anel começou a ficar roxo. Papai, então, limou o anel e, como este fora limado quase por cima de uma das pedrinhas e em duas partes, a compostura tornar-se-ia imperfeita e papai não o mandou compor.

Devo aqui acrescentar que nem antes, nem depois deste acontecimento, jamais tive frieiras nas mãos. A inchação era tal que se tornou impossível virar o anel no dedo. Somente onde se achavam os dois diamantes podia-se cortá-lo com a lima, sem ferir o dedo. Assim foi mister estragá-lo de todo.

Animada pelo bom sucesso do anel, pedi ao meu Novo Amigo que agora também me livrasse do Tte.-Cel. Tinha eu, numa salinha contígua à sala de visitas, uma estante de várias prateleiras, uma completa casa de bonecas.

Uma tarde, arrumava eu os brinquedos quando, estando à porta que dava para a sala,

aberta não percebi que o Tte.-Cel. estava na sala e, vendo-me lá, veio ver-me brincar, sem ser percebido ainda, postando-se atrás de mim. Nisto, faz-se ele ouvir, dizendo: “Isto já não assenta mais para uma noivinha. Deve agora esmerar-se no estudo das línguas e do piano, porque, dentro de dois anos, viajaremos para a Europa”. Voltei-me surpreendida. Meu Novo Amigo mais se aproximara de mim, senti-O. Respondi, então, ao Tte.-Cel., agora sem receio de desagradar a papai e mamãe: “O senhor fique sabendo que eu não quero ser sua esposa, nem gosto também de estudar italiano com o sr. P. Hei de pedir tudo isto a papai”. O Tte.-Cel., um tanto despeitado, parece-me, disse: “Você não sabe o que está dizendo, é ainda muito criança e Cony não lhe dará atenção”. Aqui senti que meu Novo Amigo me impelia suavemente para a sala. Obedeci e deixei sozinho o Tte.-Cel.

Naquele mesmo dia fui ter com papai, abracei-me ao seu pescoço, soluçando, e disse-lhe que não queria ser esposa do Tte.-Cel., nem estudar o italiano com o Sr. P. Papai, abraçando-me, respondeu: “Minha filha, não a obrigo a tal, mas veja que, desistindo de ser esposa de Tte.-Cel., cortará o seu futuro e também o de seus irmãos. Mas se minha filha não o quer, amanhã mesmo falarei ao meu amigo”. Houve ainda bastante relutância da parte do Tte.-Cel., o que muito me fez sofrer. Breve, porém, ele foi transferido para o Rio e ... deixou-me em paz. Exultei e não me esqueci de agradecer a meu Novo Amigo. Porém, continuava ainda a ignorar de que maneira é que poderia ser esposa de Jesus. Em tempo, porém, eu o soube.

38. Sinhazinha, uma esmolinha pra negra

Anda no ano de 1913. Tínhamos, como quase tradicional, em nosso colégio, o “pic-nic”, geralmente a 25 de outubro, como festa pelo onomástico de nossa Madre Rafaela, a 24.

Esse passeio campestre era para todas as alunas um encanto. Cada menina, tanto externa como interna, ia munida da “indispensável cestinha de fiambre”. Neste ano de 1913 não fui acompanhada por minhas irmãs: Dilça falecera havia muito tempo (1909) e Gizelda deixara, nesse ano, o colégio. Acácia preparara, bem sortida, a minha cestinha com as coisas de que mais gostava e que ela muito bem sabia. À hora aprazada (era sempre depois do meio-dia), lá me fui para o colégio, numa grande, muito grande alegria.

Ia sozinha; numa das mãos, a cestinha; na outra, uma bolsa de brim, com maçãs e bananas. Duas quadras antes de chegar ao colégio, em uma das esquinas por onde devia passar, sentada à beira da calçada, uma mendiga, estendendo a mão, diz: “Sinhazinha, uma esmolinha pra negra véia, que ainda hoje nem tomou café”. Casualmente tinha no bolso do avental o troco das frutas que fora comprar no quiosque, e que mamãe me dera: eram 500 réis. Dei-os à velhinha que os recebeu com grande alegria, dizendo, na sua linguagem simples: “Nosso Sinhô lhe ajude”.

Fui alegremente, também, para o meu passeio. Não dera, talvez, dez passos, quando paro surpreendida: meu Novo Amigo me pousara, suavemente, sobre o ombro, sua santa Mão. Compreendi. Ele queria alguma coisa. Procurei o santo Rosto, ei-lo triste, não severo. No mesmo instante, veio-me ao pensamento a velhinha da esquina. Procurei-a com o olhar; ela ainda ali estava. Veio-me à mente a pergunta: “Como é que a pobre velhinha poderá matar a fome, hoje e amanhã, só com 500 réis?! Devo dar-lhe tudo o que aqui tenho para o meu passeio. Só assim o santo Rosto de meu Novo Amigo deixará de estar triste”.

Torno para a velhinha e, numa precipitação que não me era habitual, despejo-lhe no colo todo o conteúdo da cestinha e da bolsa de pano, dizendo-lhe: “Tudo isto eu tinha para o meu passeio, mas quero dar para você, que ainda não tomou café”. Não sei o que a velhinha me respondeu; notei, apenas, num relance, o seu gesto de estupefação, pois volto a correr para o colégio, como que receasse não ter a força necessária de seguir fielmente o que desejava meu Novo Amigo. Depois de correr uma quadra, já na esquina do colégio, paro. Procuro o s. Rosto de meu Novo Amigo. Ei-lo não mais triste, porém, naquela “Doçura” que confirmava estar Nosso Senhor e Ele contentes com sua pequena amiga. Abro a cestinha e coloco nela a bolsa de pano, também vazia. Penso: “como posso ir para o colégio e ao “pic-nic” com a cestinha vazia?”

Faço menção de voltar para casa e pedir à boa Acácia um novo sortimento; era certo, ela mo da-ria. Quero ir a correr, mas de novo a s. Mão suavíssima de meu Novo Amigo mo impede. Ele não quer que eu volte, mas que torne ao colégio. Obedeço, se bem que numa grande indecisão: “Que irão dizer as meninas ao ver-me com a cestinha vazia? Rirão de mim!” Eis o meu grande, muito grande receio, que tanto confrangia minha alma.

Mas a doçura do s. Rosto de meu Novo Amigo tudo dissipa e entro no colégio tão alegre como se a cestinha ainda estivesse cheia das coisas boas de que gostava.

O pátio já estava repleto de meninas, todas manejando a respectiva cestinha. Desejei, então, ter ao menos uma fatia de pão para fazer peso na minha cestinha, pois não tinha jeito de manejá-la, tão leve ela estava, que logo se percebia que estava vazia, enquanto as das outras meninas mal podiam estar fechadas. Passei, no pátio, momentos penosos. E pensava: “Que hei de fazer lá no prado, quando todas formarem os grupos para a merenda?”

Sáimos. E eu, já com o meu grupo: E., M., I., L. e outras mais. Durante o caminho, elas diziam o que traziam e eu, confusa, permanecia calada. Chegamos ao prado e, em pouco tempo, também chegou a hora do “rancho”. Grupos esparsos pela grande extensão da campina. Parada, sem me decidir a juntar-me ao meu grupo, procuro o s. Rosto de meu Novo Amigo, como a pedir-Lhe auxílio. E a santa “Doçura” que tanto me deliciava, dissipa novamente a minha grande indecisão. (Compreendo agora o que naquele tempo não distinguia: era o receio de me ver humilhada por minhas colegas).

Dirijo-me para o meu grupo que já gritava por mim. Meu Novo Amigo o queria. E elas, com todas as suas cestinhas abertas, já a se servirem. L. puxa por minha cestinha e, ó decepção, ou melhor, surpresa para elas e vexame para mim! A cestinha vazia, somente com a bolsa de pano dentro! Uma gargalhada uníssona ressoou pela planície, enquanto eu mal podia reter os soluços e as lágrimas. Queria pedir-lhes que não rissem de mim. Mil perguntas me vinham de todos os lados, acompanhadas de chistes picantes. “Escondeste num buraco as tuas coisas, com medo de que te pedíssemos?” diz L. “Ela já comeu tudo, diz outra, e agora quer servir-se do que temos”. “Bem que eu achei engraçado o jeito dela, com a cesta vazia, lá no colégio”. “Então não tinhas nada em casa para trazer?”

Não pude mais. Iria contar tudo à Madre Rafaela. As meninas eram más para mim. Eis, porém, a s. Mão de meu Novo Amigo a impedir-me os passos e de falar. Ah! como desejava, ao menos, afastar-me dali e ir para outro grupo! Meu Novo Amigo não o queria, no entanto. Deveria ali ficar.

Sento-me outra vez com elas, violentando-me deveras. L. oferece-me um grande naco de goiabada sobre uma fatia de queijo do reino. Um pensamento instantâneo surge-me à mente: “Não, nada aceitarei, não preciso de tuas coisas”. O pensamento, no entanto, foi tão rápido, que nem uma palavra foi articulada, pois, mais uma vez ainda, pousa sobre mim a s. Mão, tão minha conhecida. Compreendi: “Devo aceitar, meu Novo Amigo o quer”. E entrando em luta a vontade e o amor próprio, vence a primeira. Aceitei o que L. me oferecia. Aceitei o que as outras me ofereciam. E a cada bocado que levava à boca, não sentia a doçura daquelas coisas que me repugnavam o paladar, pela violência que em mim fazia, mas a “Doçura” do s. Rosto tudo venceu.

O passeio terminou. Ninguém soube do que sucedera, nem papai, nem mamãe, nem Madre Rafaela, nem Acácia, ninguém.

39. O estojo de aula

Fora no princípio do ano escolar de 1914. Padre Godofredo, na 1a. Confissão do ano letivo, dissera-me: “Deve, desde já, começar a preparar-se para, em dezembro, merecer a grande graça de ficar Filha de Maria”. (Em dezembro de 1913 recebera a fita verde de Aspirante). “Não deixar passar um sacrifíciozinho sequer, sem oferecê-lo a Nossa Senhora”. E, naquele mesmo dia, pela tarde, a Mãe Celeste pedia à sua pequena filha o 1o. sacrifíciozinho.

Ao chegar a casa, de regresso do colégio, encontrara, sobre a minha mesinha de estudo, um pacote que papai me trouxera de Artigas: um lindo estojo de aula completo, de madeira envernizada, com lápis, régua, caneta, canivete, borrachas, corta-papel, limpa-penas, tira-penas, lapiseiras, enfim, tudo o que uma colegial necessitasse, ali encontraria. Desde o ano passado desejava aquele estojo; já o conhecia, pois algumas colegas possuíam igual. E por mais de uma vez manifestara a papai o meu desejo.

Agora o possuía. Não sei descrever a minha alegria, naquela tarde. Não me cansava de admirar a minha riqueza. Comecei a preparar, antes da hora de costume, a tarefa, só pelo prazer de poder já utilizar-me do meu “estojo inigualável”.

Agora como me pareceu feia e inútil, até, a antiga caixinha! “Ah! nada disso mais quero, e, com tudo que está dentro, levarei amanhã, depois da Missa, lá na sacristia, para o Padre Domingos, que tanto se alegra com isto para os seus moços e meninos pobres da aula noturna”.

No auge da alegria, pronta a minha tarefa escolar, tratei logo de limpar e arrumar a caixinha, enrolando-a, para, no dia seguinte, levá-la ao Padre Domingos. E, quando, pronto o pacotezinho, envolto no mesmo papel acetinado e no mesmo cordão de carretel em que viera enrolado o novo estojo, levantava-me da mesinha, assalta-me à mente um pensamento inesperado: “Por que, em vez do velho estojo, não dou o novo ao Padre Domingos?!” E, como a rejeitar o “atrevimento de tal idéia”, outro pensamento se sucede, como a querer esmagar o primeiro: “Não, o Padre Domingos sempre disse que são livros e utensílios colegiais que não queremos mais”.

Eis-me num verdadeiro combate. Desagradou-me sobremaneira a 1a. idéia; após a segunda, apresento uma terceira objeção: “Preciso de um estojo novo como este; já estou na aula superior e lá quase todas as meninas têm desses estojos e, por isso, papai mo deu”. Julguei tudo decidido: levar o estojo velho para o Padre Domingos. Tomo-o nas mãos para levá-lo ao meu quarto, como a querer assegurar-lo na minha decisão.

Não alcanço, porém, o limiar da porta. A s. Mão do meu Novo Amigo pousa-me suavemente no ombro e um novo pensamento me surge à mente: “Seria este o primeiro sacrifíciozinho à Mãe Celeste, para merecer a linda Fita Azul de Filha de Maria”. Já não estava mais agitada. Olho o s. Rosto que se me apresenta naquela “severidade”, quando

esperava de sua amiguinha algo de bondade. Compreendi e decidi. “Não a caixinha velha, mas o meu lindo estojo novo levarei ao Padre Domingos, para que ele dê de prêmio ao menino ou ao moço pobre mais aplicado da sua aula”. Voltei à mesinha, sentei-me e, em breve tempo, o novo pacote estava pronto, tal como o recebera. Antes, porém, de levá-lo ao quarto, olhei o s. Rosto, e a s. “Doçura” pagou centuplicadamente o “sacrificozinho”. No outro dia, depois da s. Missa, não voltei com a fileira do Colégio, porque precisava falar ao Padre Domingos. Parecendo ter adivinhado o “sacrificozinho”, deu-me Padre Domingos uma linda estampa da SS. Virgem. Alegrei-me deveras, pois Ela me parecia dizer que aceitara, com muito, muito prazer, o 1o. sacrificozinho que Lhe fizera.

40. Os patins sacrificados

O caso que passo a narrar ocorreu ainda em 1914. Com a entrada do inverno, inaugurava-se, no “Salão Ponto Chic”, um “rink” para patinação. A. viera, pela tarde, convidar-me para irmos à festa.

Fomos. Encantou-me ver aquele grande bando de moças, moços e meninas de minha idade também (muitas colegas), a deslizarem céleres, em graciosas curvas, sobre a grande área de mosaico liso. Ah! Como desejaria saber patinar assim! Como deve ser bom! Concebi, ali mesmo, enquanto admirava a habilidade dos patinadores, de não gastar nenhum níquel e juntar os 25\$000 para um par de patins. Atraía-me o “rink”, como outrora a praça para os passeios no autozinho. Todos os domingos, às 5 horas, lá estava eu com A. que, em certo domingo, veio buscar-me já munida de um lindo par de patins, novinho, brilhante, que comprara em Artigas.

Finalmente, perfiz a quantia para os suspirados patins. Era tão grande o desejo de possuí-los que, nesse feliz dia, julguei não existir no mundo alguém mais feliz. Ai! Mas ainda tinha de esperar pelo sábado, dia em que não havia aula de tarde, para poder ir a Artigas. Iria com A., lá na Casa Aspiroz, onde ela comprara os seus. Domingo seria a minha estréia na sessão de treinamento.

Pelas duas horas da tarde de um lindo sábado de inverno, ei-nos, A. e eu, sentadas no bote que nos levaria à vila uruguaia de Artigas. Ansiava pela volta. Antes, porém, de o bote largar, um novo passageiro vem juntar-se a nós, um passageiro muito meu conhecido e que, pela manhã, já me havia perdoado todos os pecados que eu cometera naquela semana: Padre Godofredo. Saudei-o com o “Louvado”, quis levantar-me, mas o balanço incessante do bote não o permitiu. Ele respondeu-me à saudação e ainda acrescentou: “A Cecy por aqui!”. E eu, na minha imensa alegria, digo-lhe: “Sim, senhor Padre, vou comprar um par de patins”. Uma ou duas remadas mais, e Padre Godofredo já estava a ler ou a rezar num livro. E assim atravessou todo o rio Jaguarão. Ao desembarcarmos em Artigas, Padre Godofredo ainda me disse, afastando-se: “Nossa Senhora espera o sacrificiozinho”. Foi como se uma bomba me caísse aos pés, tão inesperadamente foi a advertência. Entrei num verdadeiro combate, ali, em pleno cais, sem me decidir a dar um passo para a frente. Minha amiguinha A. já se mostrava impaciente. Eu só lhe podia dizer: “Espera um pouquinho”. É que os pensamentos, semelhantes ao do caso do estojo, assaltavam-me em turbilhão. “Oh! não, Nossa Senhora não vai querer os meus patins. Já lhe dei o estojo de que tanto gostava. E eu gosto mais, muito mais dos patins. Farei depois outro sacrificiozinho”. Decidi-me. “Vamos ligeiro, A.”.

Lembrei-me, porém, já a uma quadra da Casa Aspiroz, de olhar o s. Rosto de meu Novo Amigo. Ei-lo naquela “severidade” compassiva que logo me fazia compreender o que esperava Ele de sua amiguinha. Uma grande, muito grande pena me invade o mesquinho coração, e um novo pensamento surge-me: “Mãe do Céu, eu Vos peço perdão. Então Vós não mereceis este sacrificiozinho dos patins? Eu acho que ele é muito para vós?” Um arrependimento

sinceríssimo senti na alma, e as lágrimas querem irromper aos borbotões.

A., porém, num puxão, diz: “Cecy, que guria enjoada, caminhas ou não caminhas? Parece que estás dormindo!” “A., vamos voltar para Jaguarão, não quero mais comprar os patins; resolvi fazer outra coisa”. “Estás louca?”, diz A., “Qual nada, já que viemos, vamos comprar”. “Não, A., não quero. Compro para ti um vidro de caramelos montevidianos e vamos depois para Jaguarão”. A. conformou-se. Entramos na confeitaria e fizemos a compra. Voltamos para Jaguarão. Tinha ainda 20\$000. Sabia o que devia fazer para reparar minha falta. Depois que me separei de A., na esquina de sua casa, fui ao Escritório Cerqueira e pedi para trocar os 20\$000 em níqueis de 400 réis. Fui ao Asilo, dei os 400 réis a cada pobre do quarteirão do meu pobre velhinho falecido, “Seu” Cipriano José. Se a alegria de cada pobre foi grande, a minha foi incomparavelmente maior. E estou convencida de que a alegria que teria experimentado com a posse dos patins seria também incomparavelmente menor. Recebi a “Doçura” de meu Novo Amigo.

Fatos como este se repetiram muitas vezes, por isso, parece-me desnecessário narrá-los.

41. O lírio entregue a Nossa Senhora na Congregação Mariana

A 8 de dezembro de 1914, fiquei Filha de Maria. Recebi a linda medalha milagrosa, pendente de uma larga fita azul. Deu-me o Revmo. Cônego Godofredo Evers, ainda Diretor da Congregação Mariana.

Na véspera daquele dia, confessara-me com o Padre Godofredo que depois me disse: “Amanhã o bom Deus e sua SS. Mãe concedem à Cecy mais uma grande e mui particular graça. Mas uma ainda maior lhe está reservada; é a graça extraordinária de fazê-la Esposa de Jesus. E a Cecy quer aceitar este amoroso convite de seu Deus?” Respondi: “Padre, já faz tempo que quero ser Esposa de Jesus, e também já sei que não serei uma esposa aqui da terra”.

Padre Godofredo explicou-me, então, como poderia ser Esposa de Jesus. Compreendi até onde alcançou minha apoucada inteligência. E ainda Padre Godofredo acrescentou: “Volta ao confessionário, por último”. Assim fiz. Padre Godofredo deu-me, então, um papelzinho escrito, dizendo: “Amanhã, depois da s. Comunhão, repetirás a Nossa Senhora as palavras que aqui escrevi”.

Decorei a oraçãozinha e, no dia seguinte, fiz como o Sr. Padre me ordenara. Disse, depois da s. Comunhão, como estava no papel:

“Minha Mãe SS., hoje me receberéis no número de vossas filhas prediletas. Pois bem, Mãe querida, façamos uma troca. Hoje, quando eu estiver ao pé do vosso altar, quando o servo e ministro de Vosso Filho me der, em vosso Nome, o distintivo e título de Filha de Maria, nas vossas Mãos puríssimas entrego o lírio da minha inocência e virgindade. Guardai-o, ó Maria, Ele é vosso. Jamais vo-lo tomarei. E quando o Esposo Divino mo vier reclamar, então, ó Virgem das virgens, responderei feliz, ao Esposo: “Confiei-o à Vossa Mãe Virginal. Ela Vo-lo entregará”.

No s. dia, quando o mesmo Padre Godofredo me dava, aos pés do altar, a beijar a linda medalha, repetia eu com o coração aquela oraçãozinha. Durante todo o tempo da cerimônia, meu Novo Amigo pousara, sobre meu ombro, a santa Mão. Nosso Senhor veio comigo, como na s. Comunhão, e Nossa Senhora também veio. Não os vi, porém. – No mesmo dia, após a festa, quando Padre Godofredo me perguntou se fizera a entrega a Nossa Senhora, disse, só para ele: “O Santo Anjo pousou sua s. Mão no meu ombro e, com a outra, entregou o liriozinho a Nossa Senhora”. Vi lágrimas nos olhos do Padre Godofredo, mas ele as enxugou ligeiro. Não sei, porém, por que ele chorou.

42. A bate-bico

Era em 1915. Vivia em Jaguarão uma mendiga, com uns 50 anos, talvez, e que se tornara popular pela sua extrema fealdade física. As crianças tomavam-na por uma bruxa ou feiticeira dos livros de contos, e tinham-lhe grande medo. Tinha por alcunha “Bate-bico”, por ser extremamente tagarela.

Já estava eu acostumada, nas grandes tardes de verão, quando estudava no quintal, ouvir, na rua, os guris gritarem: “Bate-bico! Olha a Bate-bico!”. E a pobrezinha enfurecia-se, atirava-lhes pedras e prometia-lhes vingança. Eu interrompia a lição que estudava e um quê de tristeza e de pena se apoderava de mim, pela triste vida da pobre “Bate-bico”. E quedava-me a pensar: “Quem sabe se, quando menina, não tinha casa e bons pais e, depois, seus pais morreram e ela ficou assim?” – Foi então que senti um grande temor de perder meus pais ou separar-me deles.

Madre Rafaela, porém, dissera muitas vezes que um exterior feio pode ocultar uma alma formosíssima. Quem sabe a pobre “Bate-bico” tem uma alma branquinha como a minha no dia de minha 1a. Comunhão, e seu Novo Amigo está sempre contente com ela, e Nosso Senhor vai levá-la para o Céu. Os guris, porque ela é feia e imunda, pensam que sua alma também o é. E tais pensamentos voltavam cada vez que ouvia os guris gritarem. “Bate-bico”! Semanalmente ia a pobre à marcenaria e voltava com um grande saco às costas, cheio de birutas, para preparar as suas refeições.

Numa tarde, passeava eu com A., e fomos ao “rink”. Como não tivesse patins, só apreciava os patinadores.

De repente, ouço vir da rua assobios e risadas. Chego ao grande portão de ferro, aberto de par em par e, quem havia de ver? A pobre “Bate-bico”, com o seu grande saco às costas, mas, presa ao saco, uma comprida, muito comprida tira de pano, em cuja extremidade se prendia uma lata velha, de modo que, quando a pobre caminhava, arrastava a lata que fazia grande barulho. Em poucos segundos estavam o portão e a calçada aglomerados de moços e moças que riam a bom rir do ridículo estado da pobre.

Quanto a mim, tinha antes mais vontade de chorar do que rir, porém, esforçava-me por não chorar, pois tinha receio de que mofassem de mim por chorar, quando todos riam. Continuava a andar a pobre, trôpega pela carga do saco, e tornava-se realmente crítico sustentar aquela longa cauda com a lata a rolar pelas pedras da rua. Nisto, assalta-me à mente o pensamento: “E se eu fosse desprender a tira do saco da pobrezinha?” Tal pensamento afugentei com grande desgosto. “Não, tal não farei. Todos olharão para mim, e o bando de garotos é bem capaz de vaiar-me. Que horror! Que vergonha! Que parecerá correndo eu pelo meio da rua, atrás da pobre, misturando-me com os guris! Não, não, nem quero pensar”. – E tudo isto foi num ápice. Sinto sobre a cabeça a s. Mão de meu Novo Amigo, como a acariciar-me. E, junto com esta carícia, como se Ele me segredasse: “E se tu estivesses no lugar da pobrezinha, como gostarias de que mão

caritativa te libertasse daquele estado ridículo e humilhante! Vai, Jesus to pede!”

Olhei para a pobre, para medir a distância que a separava de mim: quase uma quadra! O bando de guris pareceu-me que crescera! Pelas portas e janelas das casas só vi gente, gente! Olho para meu Novo Amigo. Seu s. Rosto, naquela severidade, um tanto tristonho. Ele esperava algo de mim!...

Nada mais vi. Sem mesmo o querer, digo a A.: “Vou desatar a tira do saco da pobrezinha”. A. puxa-me pelo vestido, dizendo: “Estás louca? Vão-te vaiar junto com a Bate-bico”. Nada mais vi, nem ouvi. Corro em direção à pobre, que continuava a andar, com o bando atrás. E, sem atinar como deveria fazer, como alcançasse primeiro a lata, pego-a, tentando arrebentar a tira.

A pobre sentiu o puxão e, pensando, talvez, que os guris quisessem tirar-lhe o saco, pára e puxa, por sua vez, fortemente, o saco, de modo que a lata me fez profundo ferimento no braço, cuja cicatriz até hoje se conserva.

Corri, então, para a pobre, quis explicar-lhe o caso, mas ela não me compreendia, e zangou-se. A vergonha como que me petrificou. Ouvia os apupos dos guris e sentia como que centenas de olhos pousados em mim, uma das “protagonistas da cena”. Parece-me que aqui a pobre tudo entendeu. Quis eu voltar para o “rink”, porém a s. Mão de meu Novo Amigo mo impede. Devia desatar a tira do saco, Ele o queria. A pobre, agora não mais zangada, permitiu e, comovendo-se, disse: “Muito obrigada, mocinha. “Ainda hay neste mundo quem tem pena de mim”. Aqui esqueci a vergonha. Ajudei a pobre a pôr o saco às costas e voltei ao “rink”.

Só então percebi que o sangue corria do meu braço e que tinha o vestidinho todo manchado. A. atou-me o lenço e, com receio de que narrasse o caso à mamãe, quis voltar sozinha para casa. Lá chegando, ninguém me viu, pois entrara pelo portão do quintal. Pus arnica com água e, enquanto banhava o braço, cuja ferida ardia muito, a s. Mão de meu Novo Amigo acariciou-me novamente a cabeça. Procurei seu s. Rosto e, juntamente com a s. “Doçura” do mesmo, veio-me como que o sussurro de uma frase: “Jesus está satisfeito com a sua amiguinha”. Exultei e não mais pensei no meu braço.

Na 1ª. confissão narrei tudo ao Padre Godofredo. Ele me disse: “Façamos um contrato que será assinado por Jesus. Amanhã, domingo, a Cecy irá cuidar do corpo da pobre para que esteja bem aseado, e eu irei cuidar de sua alma”.

Que sorte, pensei. É que tinha 10\$000 que papai me dera. Poderia comprar para a pobre sapatilhas, meias, ligas e sabonete. Roupa branca e vestido levaria de mamãe.

No dia seguinte, depois da s. Missa, tudo estava pronto. Não esqueci a tesourinha e um pouco de brilhantina, pois parecia que a pobre nunca se penteava. Levei, ainda, pão e uma latinha de marmelada. Fui ao Asilo e encontrei “Bate-bico” acorada à porta do seu

quartinho. Ai! a pobre era horrivelmente suja! Ao entrar com ela no quartinho para mostrar-lhe o que lhe trouxera, precisava a cada momento reprimir as arcadas de vômitos secos.

“Siá Maria”, disse-lhe eu, “quero deixar a sra. bem limpinha, e trouxe sabonete e brilhantina”. A pobre extasiou-se ante aquilo tudo. Achei difícilíssima a tarefa de limpar a pobre; não sabia como fazê-lo. Pedi-lhe uma bacia, ela me trouxe uma pequeníssima. Dei-lhe o sabonete e pedi que ela primeiro lavasse o rosto. A pobrezinha não se opôs e gostou do sabonete. Não o fez, porém, como eu queria.

Veio-me então uma boa idéia. Meu lenço ainda estava dobradinho. Busquei nova água e ensaboei o lenço, passando-o eu mesma pelo pescoço e pelas orelhas da pobre. Depois mandei que lavasse o rosto para tirar o sabão. O mesmo quis fazer com os pés. Mandei-a sentar-se e dei-lhe o lenço ensaboado, para ela mesma lavá-los, pois o nojo que sentia era quase insuportável. As arcadas de vômitos sucediam-se e eu me sentia bem indisposta.

Fui para fora, dizendo comigo mesma: “Não posso mais suportar o nojo que sinto. Direi ao P. Godofredo que é muito difícil, muito”. E faço menção de ir-me embora. Mas eis a s. Mão de meu Novo Amigo a impelir-me suavemente, pelo ombro, para o quartinho. Pensei imediatamente: “O contrato foi assinado por Jesus! Devo cumpri-lo do melhor modo que puder”.

Voltei ao quarto. A pobrezinha, na melhor boa vontade, ocupava-se na lavagem dos pés, com o lenço ensaboado, agora completamente escuro. A água, horrivelmente preta e espessa, mudei-a. Nos pés disformes havia muitas feridas; as unhas, desmesuradamente compridas e sujas. Ela enxugou os pés num trapo, não bem limpo. Ai! deveria cortar-lhe as unhas, trouxera a tesourinha. Quis começar primeiro pelas mãos. Comecei. O nojo, porém, foi maior do que minha boa vontade. O vomito saiu-me rápido, sem que eu tivesse tempo de retê-lo. Meu vestido ficou molhado e sujo. Mas a s. Mão de meu Novo Amigo pousou sobre minha cabeça. Num esforço, não meu, cortei as enormes unhas das mãos e dos pés. Agora, faltava o cabelo. Ao olhar a pobre cabeça desgrenhada, pareceu-me faltar-me a coragem. A s. Mão, porém, continuava pousada suavemente sobre minha cabeça, como a acariciar-me. Passei a brilhantina em minhas mãos e, quando quis passá-la sobre a cabeça da pobre, esta era tão suja, e o nojo que senti foi tanto, que pela 2a. vez vomitei. Minhas mãos, engorduradas pela brilhantina, causavam-me repugnância extrema. Não sei descrever a sensação que experimentei quando penteava a pobre. Não posso dizer o que via naquela miserável cabeça, que mais se assemelhava à de um imundo animal do que a uma pessoa.

Enfim, terminei. Agora, a pobre devia pôr a roupa limpinha. Fi-la mudar-se, enquanto fui ao tanque lavar minhas mãos, que me enjoavam sobremaneira. Mandei-a ainda calçar as meias novas e as sapatilhas. O vestido de mamãe lhe ficou bem, só um pouco grande. Disse-lhe: “Agora a sra. está limpinha e mais bonita. Não se vá sujar. Pode, agora, comer a marmelada com pão”. A pobre parecia um cordeirinho, e tudo fazia a rir, a rir, coitadinha.

Fui para casa a correr. Envergonhava-me do meu estado; estava bem em desalinho. Meu Novo Amigo, durante todo aquele dia, não tirou sua s. Mão de minha cabeça.

Parecia-me já estar no céu. Nosso Senhor ficou comigo como na s. Comunhão.

Naquela mesma tarde de domingo, Padre Godofredo visitou a pobre. Na confissão do sábado seguinte, ele me disse: “O bom Jesus não se arrependeu de ter assinado o nosso contrato. Ele está contentíssimo com a sua amiguinha. A pobre está com a sua alma limpinha. Ela recebeu a santa Comunhão na segunda-feira. Parece-me que não viverá muito tempo; eu a visitarei mais vezes. A Cecy não deverá mais lá ir”. No domingo seguinte, depois da s. Missa, quando cheguei a casa, fui surpreendida com a notícia: a pobre “Siá Maria” tivera uma síncope, quando voltava da igreja. Levaram-na para o Asilo, mas chegou lá morta.

Chorei às escondidas, de pena, e parece-me que também de saudade da minha pobrezinha. Cada vez que rezava por ela, meu Novo Amigo pousava suavemente a s. Mão sobre minha cabeça. E isto foi durante muito tempo. Por fim, deixou de fazê-lo. Então pensei: “Siá Maria” já foi para o Céu”.

Seja glorificado Nosso Senhor na fidelidade de meu Novo Amigo e na fraqueza de sua criaturinha, que nada fez por si. Amém.

43. A garrafa de querosene

Ao narrar o caso dos patins, acrescentei, numa notinha, que vários casos, como aquele, repetiram-se e, por isso, achava desnecessário narrá-los. Como, porém, desejam que os narre, fá-lo-ei. Retrocederei, portanto, às vezes, no ano.

Estávamos em 1914, no ano dos sacrificozinhos a Nossa Senhora. Papai costumava, todos os meses, quando recebia o soldo, dar, a cada um de nós, 5\$000 para comprar o que quiséssemos. Eu preferia comprar, com o “meu dinheiro”, o que entendia e, daí, mui raramente pedia ao papai ou mamãe as coisas que desejava possuir, preferindo esperar mais tempo até perfazer a quantia desejada.

Não sei se isto era bom ou ruim em mim, sei, apenas, que tinha maior prazer quando comprava o que desejava com o “meu dinheiro”, como dizia, do que quando papai mesmo mo comprava. Mamãe dizia que era “certa mania minha”, papai afirmava que isso demonstrava “espírito de independência”, e não se opunha a que eu assim procedesse.

Fosse como fosse, o que sei é que continuei com minha “mania”, segundo mamãe, ou com meu “espírito de independência”, segundo papai. O que sei e posso dizer é que disso meu Novo Amigo se ocupou muitas vezes. Pois bem, continuarei. Os meados de cada mês sempre eram recebidos com grande simpatia, e sempre tinha eu um desejo a satisfazer com a “minha fortuna”.

Uma tarde, ia eu à casa de móveis Danigno, comprar o desejado diávolo, então muito em uso. Diria como o desejava: igual ao de A., o par de pauzinhos engastados de metal na extremidade, onde se prendia o cordão, e que as bordas do carretel fossem circundadas de borracha, para resistir às contínuas quedas. Sentia-me feliz e pensava: e já irei visitar A. com o meu diávolo, para jogarmos uma partida. Tinha 10\$000, pagando 7\$000 pelo diávolo, ficaria com 3\$000 para o chocolate, pois era como costumávamos jogar: partidas por barras de chocolate. Mas, que havia de suceder?

A meio caminho, topo com uma pobre negrinha, mais ou menos da minha idade, suja e maltrapilha, a chorar ante os cacos de uma garrafa de querosene, que alagava o chão. Parei estática ante aquela triste cena, a olhar, ora para os cacos, ora para a negrinha que se desfazia em soluços.

Foi ela quem quebrou o silêncio: “Fui comprá uma garrafa de “gais” prá vizinha, e ela ia me dar um tostão, e agora nem tenho dinheiro prá pagá o “gais”, nem vou ganhá tustão e a minha mãe vai me surrá”.

Uma grande pena senti da pobre negrinha; lembrei-me logo, com alegria, que tinha o troco de 3\$000 para comprar chocolate. Como fosse uma nota de 10\$000, disse à negrinha: “Espera-me aqui; vou correndo ali na farmácia trocar o dinheiro e te dou o dinheiro do querosene, mas não chores mais”.

A negrinha incontinenti enxugou as lágrimas na orla do vestido e, num dois por três, estava a mostrar os dentinhos brancos como a neve. Em breve estava eu de volta, com um punhado de troco. Perguntei à negrinha o preço da garrafa de querosene, e ela disse: “600 réis, mas a garrafa também era da vizinha, e custa nos armazéns 200 reis . Retruquei: “Eu te dou a metade do meu troco de 3\$000. Paga os 800 réis à vizinha, e os outros 700 réis são para ti”. No momento, porém, que depositava os 1\$500 na mão da negrinha, sinto sobre meu ombro a s. Mão de meu Novo Amigo. “Espera”, disse eu à negrinha; é que logo percebi que meu Novo Amigo queria alguma coisa. A negrinha quedou-se a olhar-me com grandes olhos de surpresa, talvez receosa da minha indecisão

Veio-me, então, o pensamento: “Devo dar todo o troco à pobrezinha, e ela terá maior alegria. Privo-me do chocolate e será outro sacrifíciozinho para Nossa Senhora”. “Espera”, disse eu à negrinha, “dou-te todo o troco de 3\$000 para ti”. A negrinha exultou. Olho para meu Novo Amigo e não recebo a “Doçura” que esperava! Que desejaria, então, meu Novo Amigo?! Eis-me em perplexidade. Num momento, porém, surge-me o pensamento, quais palavras que alguém me segreda: “Não somente o troco, mas ainda a privação do lindo diávolo, dando toda a quantia à pobre negrinha”.

Entro em luta: “Já tantas vezes tenho-me privado das coisas que tanto desejava! Mas então passará o sacrifíciozinho a Nossa Senhora e, quem sabe, então passe, também, a linda Fita azul!” Como um raio de graça, sinto um grande, muito grande arrependimento do meu egoísmo e, ante a negrinha estática, desando a chorar por minha vez. Quis desculpar o motivo de minhas lágrimas, e digo-lhe: “Quero dar-te todo o dinheiro que tenho aqui, também o dinheiro que papai me dá cada mês”. Mostrei à negrinha minha casa e pedi-lhe que, cada dia 4, ela fosse lá buscar os 5\$000 que eu guardaria para ela. E assim foi. Durante todo o ano de 1914, até dezembro, dei à negrinha o meu “precioso soldo”. E, em troca, recebia outro “soldo” incomparavelmente mais precioso: a “Doçura” de meu Novo Amigo. E recebi a linda “Fita Azul” que “Não passou”, como não passaram, nenhuma vez, naquele ano, os sacrifíciozinhos a Nossa Senhora. Nas férias de 1914 a 1915, a negrinha despedia-se de mim, porque ia com uma família para Pelotas.

44. A bandeira do Divino

O ano em que se deu o seguinte caso, não posso bem fixar. Foi, porém, em época anterior a 1911.

7inha eu grande admiração pelo Cel. X., pois ouvia papai, muitas vezes, enaltecer o seu caráter brioso e reto, a sua justiça sã em prol dos seus subalternos. Pois bem. Todos os anos, quando se aproximava a Festa do Divino Espírito Santo, Padroeiro de Jaguarão, saía a Bandeira do Divino (como dizíamos popularmente), a angariar donativos para a grande solenidade. E não havia casa de rico ou pobre, estabelecimento público ou particular, onde a querida Bandeira não entrasse para receber o óbulo dos bons e deixar-lhes em troca a Sua Bênção.

Em casa era sempre eu que a recebia, e depois de ter posto o óbulo que papai dava, metia, sorrateiramente, os meus níqueis, pois achava que o “meu óbulo” particular, lá na bandeja, não deveria faltar. E a visita do “Divino” terminava com meu beijo na linda “Pombinha branca”. Era sempre durante três dias que a “Bandeira” percorria a cidade e também os arredores.

Chegou o dia em que a “Bandeira” devia fazer sua visita ao quartel, que ficava situado num grande terreno quadrado e arrelvado, a “Praça do Quartel”. Quando a “Bandeira”, dirigindo-se para lá, estava já na praça, o Cel. X. mandou o cabo-ordenação com o recado “que a Bandeira voltasse, que não seria recebida no quartel”. A notícia de tal procedimento em breve se espalhou e também em casa ouvi a narração e o comentário do fato. Pela primeira vez ouvi papai reprovar uma ação do seu amigo.

Quanto a mim, impressionadíssima fiquei com o fato e não podia atinar como o Cel. X. “pudesse ter ficado mau”. Não saía da minha fantasia a triste cena: a s. Bandeira do Divino, corrida do quartel! Tão grande pesar sentia, tanta pena, que sempre estava a cogitar como poderia “alegrar” de novo o Divino Espírito Santo, tão maltratado. E ainda os pobres dos soldados, privados de darem a sua esmola e de beijarem a Pombinha, o que era para mim a privação de uma bênção do céu.

Passei os dias seguintes em pesar e, mais de uma vez, à noite, na cama, chorei sentidamente de “pena do Divino Espírito Santo” que fora corrido do quartel. Os dias passavam-se e a minha ânsia aumentando, porque a festa se aproximava e eu, embora pensasse, não achava um meio de alegrar o Divino Espírito Santo, na sua grande festa. Faltava apenas uma semana e nada de me sugerir uma boa idéia. Não deixava de rezar nessa intenção, mas nada, nada!

Uma noite, já na cama, depois de a luz apagada, novamente, “a grande pena do Divino Espírito Santo, que fora expulso”, invade-me a alma. Sento-me na cama e choro, choro tanto que mal pude reter ou abafar os soluços. Era, mesmo, realmente, uma grande dor, dor de criança, sim, mas bem profunda. Creio que, se naquele momento me tivesse dito: “Só darás alegria ao Divino Espírito Santo, na sua festa, se quiseres morrer de

modo bem cruel”, parece-me que não recuaria, tão forte era meu desejo de algo realizar para “alegrá-lo”, fazendo assim reparação da ofensa a Ele feita. E quando chorava, sem consolo, a s. Mão de meu Novo Amigo, que até então não se pronunciara, pousa, numa suavidade celeste, sobre minha cabeça, como a prometer-me auxílio.

As lágrimas estancaram como por encanto, e aquela “Doçura” sorria-me à alma, fazendo-me esquecer que estava na terra e crer que já vivia no céu. Em breves instantes, adormeci. Veio o dia seguinte, e agoraurgia realizar alguma coisa para alegrar o Divino Espírito, pois, com a consolação de meu Novo Amigo, não me fugira a pena do Divino Espírito a quem tanto desejava alegrar. Jamais imaginara o que meu Novo Amigo ia, naquele dia (três dias antes da Festa), exigir de sua amiguinha.

Logo de manhã, quando tomava café, a s. Mão pousa-me suavemente sobre a cabeça, como a acariciar-me. No mesmo instante, com o sussurro de uma voz que me segreda (era, como muitas vezes me sucedia, um pensamento, mas pensamento mui diverso do que os que comumente tinha; era um pensamento que mais me parecia uma voz, do que mesmo pensamento): “Os pobres soldados, na sua fé simples, foram privados do prazer de dar a sua esmola e de receber, com a visita santa, a bênção do Divino Espírito Santo”.

Ah! pensei, devo pedir a cada soldado que encontrar, um tostão de esmola e dar-lhes a beijar a minha medalhinha do Espírito Santo, que ganhara na festa do ano passado. Mas outro pensamento sucede-se: “Que vergonha! Que parecerá eu a atacar os soldados na rua e pedir-lhes um tostão!?” Como resposta: “Devo, sim, embora me custe muito, alegrar o Divino Espírito Santo na sua festa. E hoje mesmo devo começar, senão não há mais tempo para levar o dinheiro ao vigário”.

Pela tarde, depois do café, pedi à mamãe para eu mesma ir às lojas procurar os sapatos brancos que papai me compraria para a festa. É que assim poderia encontrar muitos soldados, o que de fato se deu.

Subo à esquina de uma quadra e surge, na outra extremidade, o 1o. soldado! Meu coração parece querer saltar-me pela boca. Cheguei a desejar que o soldado desaparecesse dali. Era grande a vergonha que sentia! Mas a s. Mão pousa-me suavemente no ombro. Alegro-me. Tudo esqueço. Eis a três passos de mim o 1o. soldado que a santa “Pombinha” me apresentava.

“Sr. soldado, dê-me licença...” – A cortesia do bom soldado me encorajou e continuei o meu discurso, já preparado e estudado de antemão. “Fiquei com muita pena da Bandeira do Divino, que o Cel. X. não deixou entrar no quartel” (notei a estupefação pintada no rosto do soldado), mas continuei: “E os pobres soldados não puderam dar a sua esmola nem beijar a Bandeira. Mas eu vou pedir, a todos os soldados que encontrar, só um tostão, e juntar muitos para levar ao vigário, antes ainda da festa”.

O bom soldado incontinentemente desabotoa a túnica, tira uma moeda, dizendo: “Com

muito gosto, menina, aqui está”. E dá-me, não um tostão, mas uma pratinhade 1\$000. Alegro-me sobremaneira, e, na minha alegria, dou minha medalhinha ao soldado caridoso; só depois é que me lembrei de que assim os outros soldados não poderiam beijar a “Pombinha”. Para concluir direi que, naquela tarde, fiz uma “boa coleta”: 30\$000 e pouco (o que era para mim um imenso capital), e nenhum dos bons soldados deu-me só um tostão, como lhes pedia, mas pratinhas e até notas de 2\$000.

Regressando para casa, guardei toda a minha fortuna na gaveta da mesinha de estudo. Era uma quantidade de moedas. Não gostava assim, queria uma nota novinha e bonita, para pôr num envelope e mandá-la para a grande Festa do Divino. Noutra dia, ante-véspera da festa, iria ao Escritório Cerqueira trocar as moedas. Que pena! Queria uma nota só, mas com 30\$000 não havia jeito. Se fosse 50\$000? Que bonito seria!

Vem-me, então, a idéia: “E se eu desistisse dos sapatos brancos para a festa, fosse com os pretinhos novos de passear e, com os 20\$000 que papai me dera para comprá-los, completasse os 50\$000; receberia uma linda nota para pôr no envelope!” Ai! Mas não ficará bonito vestido branco, carpins brancos, tudo branquinho, com sapatos pretos! Não, o Divino Espírito já se alegrará, também, só com o que os soldados deram. Resolvi: compraria os sapatos brancos e os carpins.

Mas ao abrir a gaveta para tirar o dinheiro e preparar o pacotinho, eis a s. Mão pousada no meu ombro! Eis o s. Rosto a esperar algo de mim! “Devo, sim, desistir dos lindos sapatinhos brancos!” Papai já me dera os 20\$000. Fui ter com papai e disse-lhe que não queria mais os sapatos brancos; pedi o dinheiro para mim. Papai deu-mo.

Vou ao Escritório Cerqueira e peço uma nota novinha de 50\$000. Ainda sobraram algumas moedas que meteria na caixa da porta da Matriz. Volto para casa. Em breve, a nota ocultava-se num envelope fechado, assim sobrescritado: “Um grupo de soldados manda para a festa do Divino Espírito Santo”. Levei eu mesma à Matriz e, como não encontrasse o vigário nem o sacristão, deixei o envelope sobre a mesa da sacristia.

Na véspera da festa, de noite, na lista das ofertas para a quermesse, tive a grande alegria de ler: “Um grupo de soldados: – 50\$000! Mas nunca ninguém descobriu a minha “Façanha”. Fui à festa de sapatos pretos. A recompensa que recebi foi a dulcíssima Visita de Nosso Senhor, que me mostrou estar satisfeitíssimo com sua amiguinha, e que gostava mais de mim com os sapatinhos pretos do que se tivesse ido com os brancos, embora mais bonitos. E até a oitava da grande festa gozei da s. “Doçura” de meu Novo Amigo. Amém.

45. O dominó preto

Era no carnaval de 1915, em cujas férias só ouvia falar nos bailes a fantasia, nos cursos, nas rainhas dos dois clubes, ambas minhas colegas. Quando passeava com minhas amiguinhas, só me falavam elas nas suas lindas fantasias. Lembro-me, como se fora hoje: Leontina iria de “Princesa egípcia”; Cléia, de “Champagne”; Prendinha, “Alsaciana”; e até de casa: Gizelda, “Norueguesa” e tia E. “Estudantina” Prendinha me falava no Bloco das Apaches, das Colombinas, dos Dominós pretos, dos Pierrots.

O entusiasmo da época passou também para mim. Foi a minha estréia. Disse à mamãe que também queria fantasiar-me, e assim foi. Tia E. encarregou-se da minha fantasia, uma pequena apache. Deu-me as suas informações e noções de etiqueta: “Você, no seu grupo, deve formar na polonaise, pois já é uma mocinha”. Amedrontei-me. Eu que só sabia dançar como Acácia nos ensinava quando, na grande varanda, ela tocava no pente e, com a criançada da vizinhança, formávamos baile! Expus à tia E.: “Não sei formar na polonaise e vão rir de mim”. “Qual o que, – retruca tia E. – aprende errando, já é tempo de ires aos bailes”.

Meu entusiasmo esfriou um tanto e parece-me que, se a fantasia não tivesse já entrado em confecção, teria desistido. Mas, em breve, voltou o entusiasmo, quando vi as lindas fantasias de minhas amigas e também a minha: saia de cetim encarnado rutilante; aventalzinho de organdi branco; blusinha do mesmo; corselete de veludo preto, tramado na frente com cordão dourado. Na cabeça, um grande lenço de seda vermelha; meias brancas e sapatos cereja. Ao vê-la pronta, exultei.

Chegou, afinal, o célebre carnaval. Uma rivalidade estrondosa rebentou entre dois clubes “Harmonia” e “Jaguarense”. Cada qual queria sobressair. Mamãe, assustada, já não queria deixar-nos ir. Afinal, o carro veio buscar-nos e os moços da comissão afiançaram-lhe nada acontecer. E lá nos fomos.

O ponto de reunião era em casa da rainha. Uma fila interminável de carros enfeitados e aquela azáfama de fantasiados, moços, moças, meninas, crianças. A comissão organizadora, num vai-vém contínuo, a determinar os carros para os fantasiados. Dois senhores ocuparam-se, finalmente, de mim. Levaram-me para um carro com duas moças que eu não conhecia, fantasiadas de chinesas. Tomei assento entre as duas, sobre a tolda, enquanto, no lado oposto, tomaram assento dois “guardas suíços”. Em breve, os carros puseram-se em movimento para rodear a praça e dirigir-se ao clube.

Sentia-me mal. O gás ou a fumaça dos fogos de bengala parecia querer asfixiar-me. Arrependi-me deveras. Tive saudade de papai, mamãe, de casa, do colégio. Não sabia onde estavam tia E. e Gizelda. Ao menos queria estar com alguma de minhas amigas e não com aqueles moços que não conhecia. Preocupava-me a tal polonaise de que tia E. me falara e na qual não sabia como me desempenhar.

Afinal, chegamos ao clube. Os fantasiados foram entrando, contornando o salão. Procurava eu ansiosamente um rosto conhecido. Lá foi a rainha entronizada. Agora iriam desfilarem os pares na polonaise. Uma grande angústia senti na alma. Sem mesmo o perceber, clamo com um grito d'alma: Meu Novo Amigo! Como resposta, ouço um "Senhorita", volto-me e, diante de mim, um "Dominó" de cetim preto, com uma máscara de veludo preto de meia face, apresenta-se para meu par: "Senhorita, formemos para a polonaise". Respondi-lhe, quase numa súplica: "Nunca formei na polonaise, porque até agora fui sempre menina (é que eu entendia que só as moças deviam formar na polonaise e dançar com os moços), e não sei formar na polonaise, nem dançar, só sei as danças que Acácia me ensinou". O dominó preto riu bem alto, retorquindo: 'Senhorita, não há perigo de errar, eu a guiarei e ficarei mui honrado em ser o seu 1o. mestre de dança'.

A música começara e os pares já desfilavam. Meus passos eram incertos e desajeitados, sentia-me bem fora do compasso, porém o meu mestre desconhecido encorajava-me com sua maestria e desembaraço. Em certa altura, ao entrarmos no 2o. salão, os pares separavam-se e eu, estonteada, com os olhos ávidos por achar tia E. ou Gizelda, saio da fila, mas, em breve, vejo dirigir-se para mim o dominó preto, que acabara por conquistar minha confiança.

Alegrei-me, agora, por ser o desconhecido o meu único conhecido. Ofereceu-me o braço, dizendo: "Eu a acompanharei; sou o seu par". Retorqui: "Não vi até agora tia E. e Gizelda, e queria ir com elas". Perguntou o dominó: "Como estão elas fantasiadas?" "Norueguesa" e "Estudantina", disse-lhe eu. "Ah! eu as vi, acrescentou o dominó, quando embarcaram no seu carro e foram para o Clube Jaguareense". Tive vontade de chorar. Sentia-me abandonada, sozinha. Porém o dominó interveio; "Eu a levarei ao Jaguareense, nada receie". Alegrei-me sobremaneira e não sabia como agradecer ao bondoso dominó. "Sim, sim, o sr. me levará ao Jaguareense, não quero ficar aqui". "Aguarde-me aqui, disse o dominó, – que eu irei ver o meu carro". Fiquei na sacada do Clube.

Em breve tempo voltou o dominó, dizendo: "Vamos, Senhorita!" Atravessamos o 1o. salão. A orquestra tocava e os pares dançavam.

Ao chegarmos à grande porta central que enfrentava a grande escada de mármore, que descia para a rua, o dominó ofereceu-me a mão. No mesmo instante, minha mão esquerda é segura por outra "Mão amiga". Retorna-me à memória a cena aterradora de 1904, na praça de Santa Vitória, com o grande mascarado de olhos faiscantes, que também me tomara pela mão. Aterrorizada, olho para o rosto do dominó preto, encoberto pela semi-máscara de veludo, e seus olhos faiscantes do mesmo modo; sua mão enluvada apertava a minha, puxando-me agora com força e tentando fazer-me descer os degraus da escada. Mas a s. Mão de meu Novo Amigo, por seu lado, impelia-me para trás. A cena de 1904 reproduzia-se, quase análoga, na de 1915. O dominó preto encheu-me agora de pavor. Seus olhos faiscavam através da máscara. Sua mão, coberta pela luva de pelica preta, quase me arrastava, sem, no entanto, o conseguir. Por seu turno, a s. Mão de Meu Novo Amigo o impedia, suave mas fortemente. O dominó fala-me, não mais numa

atenção cavalheiresca: “Vamos agora e depressa” Dá-me um arranco, tentando arrastar-me. Não o conseguiu e, numa frase entrecortada, solta-me e desce precipitadamente os degraus da escada, desaparecendo na rua.

A s. Mão pousa, agora, não mais forte, mas suave e compassiva, sobre o meu ombro. Olho o s. Rosto, ei-lo naquela “Doçura” que constituía as minhas delícias.

Volto, calma, para o salão e lá diviso tia E. que me procurava. Vovó também estava, vou com ela. Veio um “Tourista” convidar-me para a “quadrilha”. Vovó mandou-me ir. Mas o “Tourista” não tinha máscara. Formei “quadrilha” e – seja exaltada, aqui, a grande, misericordiosa fidelidade de meu Novo Amigo – ele, o Príncipe do Céu, o Santo Mensageiro de Deus Altíssimo – formou também na “quadrilha” com sua pequenina amiga, a miserável criaturinha a quem devia proteger e guiar.

Terminada a quadrilha, o “Tourista” trouxe-me para junto de vovó. Nos dias seguintes, não quis mais ir, de noite, ao baile. Só fui de tarde ao “CorsO”, mas nenhum “Dominó preto” aproximou-se de mim.

Meu Novo Amigo, Vossa fidelidade e amor, mais uma vez, arrancaram-me de um grande mal, certamente, mas que até hoje ignoro. Amém.

46. A guerra de Tróia

1915, logo no início do ano escolar. Papai estimulava-me muitíssimo nos estudos, mostrando sempre o máximo interesse pelas minhas boas notas de comportamento e aplicação. Os atestados trimestrais interessavam sobremaneira a papai. Eram os atestados uns cartões azuis, trazendo a nomenclatura de todas as matérias entradas no exame, e, abaixo, a “Grande Nota”: – Entre “tantas” condiscípulas, mereceu o lugar “tal”.

E papai exultava quando, no lindo cartão azul, ele podia ler o – 1o. lugar. Então, papai ficava radiante, mamãe, faceira, e eu, feliz, imensamente feliz. Quase sempre, porém, tinha o 2o. lugar, e só duas vezes alcançara o 1o. É que tinha eu uma colega, F., tão talentosa quão aplicada e boa, e o 1o. lugar, merecidíssimo, era sempre para ela. E as duas vezes, mesmo, que consegui o 1o. lugar, foi ainda por empate com a boa F.

Naquele ano, no início do 1o. trimestre, papai me dissera: “Se alcançar o 1o. lugar, receberá um presente lindo e dará um grande prazer a papai”. “Hei de consegui-lo, disse eu a papai, custe o que custar, verá papai o 1o. lugar no lindo atestado azul”. Esforcei-me sobremodo. Estudei, estudei com afinco. Minhas lições estavam sempre bem preparadas. Não havia um ponto, de qualquer matéria, do qual receasse. Todos os dias, antes do estudo, pedia, com muita devoção, o auxílio de meu Novo Amigo e, no colégio, visitava Nossa Senhora, fazendo novenas para “tirar o 1o. lugar”! tendo em vista mais dar prazer a papai do que o presente que ele me prometera. Amava muito, muito a meu papai, e dar-lhe prazer era para mim de mais valor do que todos os presentes do mundo, por mais lindos que fossem.

Pois bem. Em fins do trimestre estava eu em dia com todos os pontos de todas as matérias, sem receio algum. E já tinha por “certo” empatar no 1o. lugar com F., que ignorava, como também Irmã Clementina e mesmo papai, do meu supremo esforço de aplicação nos estudos.

Certo dia, porém, amanheci com febre, e tive de ficar de cama. Estava com caxumba. Perdi a aula duas semanas. Naturalmente, atrasei-me nas lições, cujos pontos deveria recuperar. Tinha agora de estudar o dobro. Os exames, na porta. Estudei, estudei. Tudo recuperado! Estava em dia. Eram 16 pontos de História Universal; sabia-os todos, na pontinha da língua, com exceção de um, muito grande: Guerra de Tróia. Lembro-me tão bem! foi-me impossível recuperá-lo! Não tive mais tempo; estava cansada e o ponto era tão grande! Pensei: “Ora, sei na pontinha da língua os 15 pontos. Que acaso, cair logo a Guerra de Tróia! Não, meu Novo Amigo e Nossa Senhora não o deixarão”.

Chegaram os exames. Saí-me tão bem nas matérias feitas antes da História, que contava como certo o empate do 1o. lugar. Chegou o dia da História! Lera, sim, a Guerra de Tróia, mas era tão grande, que não pude retê-la. Apenas guardei, por ser interessante, o colossal cavalo de madeira, em cujo bojo se ocultou a multidão de guerreiros.

Eis-nos a rodear a carteira da Ir. Clementina para tirar o ponto. Meti mão na caixinha, abri, a tremer, o papelzinho: Guerra de Tróia!!! Mal tivera tempo de passar de uma tremenda decepção para outra. Alguém me puxa pelo vestido; era M., trêmula, nervosa, como eu. “Troquemos o ponto, disse ela, eu sei melhor a Guerra de Tróia do que o ponto que caiu para mim, Guerras Médicas”. – Ai! sabia este ponto para tirar 10, estava salva! – No mesmo instante, na rapidez de um relâmpago, mais rápido ainda que o pensamento, pois eu nem sequer tivera tempo de pensar sobre a proposta de M., sinto sobre meu ombro a santa Mão de meu Novo Amigo!

E agora pude pensar: “Que proposta me é feita! Que ação baixa cometeria! É preferível que eu tire zero, a tirar 10, conquistado por uma mentira”. – Respondo, então, à minha colega: “Não, M., Ir. Clementina seria enganada. Sabes o teu ponto melhor do que eu sei o meu”.

A Irmã deu o sinal e fomos para os lugares. – F. tirou o 1o. lugar e eu, o 4o., pois quase nada escrevi da Guerra de Tróia, a não ser algumas linhas sem nexos, talvez. Guerra de Tróia afeiou o lindo atestado azul: tirei zero na História Universal. E quando, acabrunhada, entreguei meu cartão a papai, a santa Mão de meu Novo Amigo pousou sobre meu ombro. Não recebi o presente de papai, mas a s. “Doçura” do s. Rosto de meu Novo Amigo valia mais do que os mais ricos presentes do mundo, e se papai não tivesse prazer daquela vez, teve-o depois, muitas vezes, mas só depois que F. foi para Cruz Alta.

47. O travesseiro-feitiço

O fato que passo a narrar mostra bem claramente quanto era eu boba e de inteligência apoucada, e como era de todo incapaz de praticar uma boa ação sequer, por mínima que fosse, por mim mesma, sem o auxílio de meu Novo Amigo.

Estávamos no ano escolar de 1916. Certa manhã, no recreio, A. me diz: “Vamos hoje de tarde, às 4 horas, assistir à parada dos escoteiros lá da sacada do clube?” Respondi-lhe, já com pena de não poder ir: “Que pena ser a esta hora, e isto vai até o escurecer, de certo, e depois não tenho tempo de estudar. Temos a enorme lição de literatura, de catecismo e a de geografia, que levo quase duas horas para reter!”

A. contesta: “Vais deixar de assistir à linda parada dos escoteiros, só por causa das lições?! És mesmo uma bocó. Eu tenho tanto tempo como tu para estudar. Eu só faço os temas escritos, mas as lições, nunca as estudo. De noite, quando me deito, ponho debaixo do travesseiro o livro onde está a lição que tenho de dar no dia seguinte, e, no outro dia, à hora da lição, dou-a na pontinha da língua”.

Minha surpresa chegou ao auge. Na minha enorme admiração, pergunto-lhe: “E como é que muitas vezes não sabes a lição?” A. prontamente me responde: “É que não pus o livro debaixo do travesseiro”. E continuou: “Experimenta hoje; põe, logo de noite, quando te deitares, o catecismo, a literatura e a geografia debaixo do travesseiro, e amanhã saberás a lição tão bem como nunca soubeste em tua vida. Eu te garanto”.

Não sabia o que responder, tão grande era minha admiração. Eu, que levava a tarde inteira a estudar, quando bastava um meio tão simples! Agradei a A., de todo o coração, e prometi dar-lhe a mais bonita coleção de santinhos que possuía. Estava radiante. Iria à parada dos escoteiros. Ficou tudo combinado: A. iria buscar-me às 4 horas, eu a esperaria prontinha.

Tudo correu às mil maravilhas. Assistimos à parada dos escoteiros, lá da sacada do clube. O resto da tarde passeamos de auto com Isabel e Laura, que também estavam no clube. Quando a usina anunciava, com o seu apito estridente, a hora da iluminação pública, elas me levaram, em seu auto, para casa.

Sentia-me imensamente feliz. Divertira-me toda a tarde, e, no dia seguinte, saberia minhas lições como nunca! Logo fui ver minha caixinha de santinhos para tirar a coleção que prometera à A. e levar-lhe no dia seguinte. Com o coração cheio de alegria e gratidão preparei o pacotinho, o melhor que pude, envolvendo-o num papel de seda e atando-o com uma fitinha.

Chegara a hora de deitar. Na mais completa convicção, na melhor boa fé deste mundo, com todo o cuidado e alegria, sem mesmo ter lido uma vez sequer o trecho de cada Lição, coloco, debaixo do travesseiro, o catecismo, o caderno de Literatura e a geografia. Pouco tempo depois adormecia na mais segura e doce das expectativas.

Chegou o outro dia. Tudo fiz como de costume. Tirei os livros debaixo do travesseiro e, sem nada ter lido, sem mesmo ter experimentado se sabia mesmo as lições, tão firme era minha crença, vou para o colégio, levando, muito faceira, o meu presentinho para A., como prova do meu reconhecimento. Ao entrar na aula, um tanto cedo, A. ainda não estava. Em breve, ei-la que chega, procurando-me logo com os olhos. Mostrei-lhe, à soslaia, o pacotinho que lhe trouxe. Irmã Clementina deu o sinal para a oração. Começara a aula.

A primeira hora era de Religião. A primeira pergunta, estendiam-se já os dedos no ar. Só então percebi que não sabia responder ao que a Irmã perguntara. Segunda pergunta, idem. Terceira, o mesmo. Não preciso descrever a minha decepção. Procurei A. com os olhos. Ela apontava, olhando a rir ironicamente para mim. Eis que, após uma pergunta, sou chamada. Levanto-me numa confusão indescritível. Nada sabia responder. Abaixo a cabeça e, numa violência suprema, contenho as lágrimas que querem irromper aos borbotões.

Irmã Clementina pergunta-me se estou doente. Respondo negativamente, com um movimento de cabeça. A. é chamada para a pergunta que eu não soubera, e responde-a integralmente. Cresceu então minha decepção. Não compreendera, ainda, o caso. É que nunca tinha pensado, até aquele momento de meus 16 anos, que alguém pudesse, mesmo brincando, enganar a outrem. A qualquer momento que meus olhos procurassem A., ei-la com a cabeça voltada para mim, a rir com ironia. Passou-se a lição de Religião. Depois do recreio das 10 horas, teríamos literatura e geografia. Bateu para o recreio.

Eis o que havia pensado: “Decerto era para pôr os livros abertos debaixo do travesseiro, e eu os pus fechados”, (pois esta dúvida tivera quando me deitei). Irmã Clementina deu o sinal para descermos. Cuidadosamente meto no bolso o pacotinho dos santinhos. No pátio, mal soara o sinal de debandar, A. corre para mim, a rir, a rir desesperadamente. E eu, a passar de uma decepção para outra, sem ainda atinar com o caso. Com o pacotinho na mão, e com o coração oprimido pelas lágrimas que forcejavam por irromper, aguardo o que A. me quer dizer, quase certa de que era mesmo o de que duvidara: os livros deveriam ser postos abertos. Afinal A. pôde exclamar: “Nunca pensei que fosses tão bocó. Meteste mesmo os livros debaixo do travesseiro, e não estudaste? Que arara engoliste! És mesmo uma palerma”.

Aqui, então, desvendou-se-me o véu. Tudo compreendi. A. me enganara! Ai! agora, eis que vem a reação. Num instante, passa-me pela mente um tropel de pensamentos: “A. dissera-me uma mentira e ainda debica de mim? Numa humilhação extrema, contenho agora as lágrimas, por amor próprio. Não, A. não deverá ver-me chorar. E ela a rir, a rir ainda, percebendo o pacotinho que eu tinha na mão, diz: “Mas não desisto dos santinhos que me prometeste”.

“Se não fossem santinhos, rasgá-los-ia em mil pedaços e tos atiraria ao rosto, como testemunho do meu desprezo”. Eis as palavras que formulara, mas que não me saíram da boca, porque, no momento decisivo, sem tempo de as enunciar, a s. Mão pousa suavemente em meu ombro, e tudo compreendo: devia oferecer a A. o pacotinho. Numa

violência inaudita com o meu amor próprio, fi-lo. A. aceitou-o, ainda a rir, agradecendo ironicamente. É que ela talvez levasse tudo na brincadeira, e não compreendesse como me despedaçava o coração.

Com a lição de geografia e de literatura deu-se o mesmo, como com o catecismo, porém aqui a “Doçura” de meu Novo Amigo consolava-me a alma e não mais sofri. Ir. Clementina apenas disse: “A Cecy hoje está doente, vamos deixá-la quietinha” e não mais me chamou. Nessa mesma tarde, por uma exceção, contei o fato a papai e mamãe, não, porém, com todos os seus pormenores. Papai riu, é verdade, mas depois, bem sério, acrescentou: “Minha filha, com 16 anos, tal fato não lhe pode ser desculpável”.

E mamãe disse: “É uma boba, acredita em tudo o que lhe dizem. Se lhe disserem – atira-te neste poço de cabeça para baixo e chegarás lá no fundo, sem te pisares num dedinho – ela é bem capaz de acreditar”.

Quanto a mim, fiquei com bastante vergonha por reconhecer que era tão boba. Parece-me que o fato não me serviu de lição, porque continuei a ser boba do mesmo jeito. Narrei este caso só para que vejam quanto trabalho teve meu Novo Amigo com a boba da sua amiguinha. Amém.

48. No teatro

Anda 1916. Viera a Jaguarão uma grande Companhia de Operetas, pelo menos foi de um reclame espantoso. Antes de a Companhia vir, veio uma espécie de secretário verificar se a tal Companhia poderia mesmo vir, pois fora contratada pelo Teatro Esperança. Andava, então, o tal secretário pelas casas, tomando assinaturas para o recital que se comporia de uns quantos espetáculos. Papai não quis tomar assinatura; era muito caro; um camarote, para 5 pessoas, 200\$000. Papai disse: “Talvez possamos escolher um espetáculo”.

Veio afinal a Companhia. Pela tarde saíram, em passeata de exibição, pelas ruas da cidade, numa fila de autos de tolda baixa, os artistas, nos seus trajes de luxo. Logo no 1o. dia de estréia, domingo, recebi pela manhã, de volta da igreja, um cartãozinho de A., dizendo que, tomando seu pai um camarote, ficaria um lugar vago, e que D.B. mandara que ela me convidasse. Papai e mamãe deram-me licença e, pela noite, estava eu, radiante, à espera que A. me viesse buscar. Assim sucedeu. Fomos. O teatro regurgitava; não havia um camarote vazio, nem, na platéia, uma poltrona vaga. Lá estava eu, num camarote, com A. e sua família.

Tocou a sineta. A orquestra da Companhia tocou a ópera “Guarani”. Momentos depois sobe o pano e inicia-se o drama. Era um drama de Alexandre Dumas, de cujo título não me recordo. O primeiro cenário era a sala luxuosa de um castelo. Entra um fidalgo e começa a falar. E daqui não passei. As s. asas de meu Novo Amigo distendem-se, como várias vezes acontecera, e nada mais vi nem ouvi, a não ser a s. “Doçura” que me prendia alma e corpo (não sei se posso exprimir-me assim). E terminou o espetáculo.

No dia seguinte, à mesa, papai perguntou o enredo do drama. Não o soube descrever. Fui ridicularizada por mamãe, que me chamou de bocó. Papai sempre mostrava bondade para comigo. Chorei pela humilhação que experimentei, e mamãe logo me afagou, e tudo esqueci. Durante a temporada da Companhia, papai tomou um camarote. Cedi o meu lugar à tia. E., e vovó ficou comigo. Disse a papai que não gostava de dramas e gostava mais de Circo. Papai riu, dizendo: “E de certo gosta mais do palhaço”. Papai parecia conformar-se com a patetice de sua filha, mas eu bem percebia, por entre aquela generosa conformidade, algo que o entristecia. Amém.

49. No bar

Anúncios do carnaval de 1916. Costumavam, em Jaguarão, ao aproximar-se a época do carnaval, fazer os tais bailes de anúncio, como chamavam. Eram blocos de moças e moços, fantasiados geralmente de dominós, que “assaltavam” os clubes, ou mesmo as casas de família, formando-se então o baile.

Dessa vez o “assalto” seria ao clube Jaguareense. Fui na onda do entusiasmo de algumas amiguinhas.

Para falar francamente, não gostava muito dos bailes e outras reuniões sociais; aborreciam-me certas etiquetas. Papai, certa vez, na manifestação do aniversário do Capitão B., disse que eu o envergonhara porque, ao brinde, fui dizer que não gostava de Champanhe, e o Major E. teve de servir-me outra bebida. É que eu gostava de dizer e fazer as coisas tal qual as sentia.

Ainda outra coisa: Dr. C. gostava de passear ao redor do salão, falando tão difícil e empolado que nada entendia, nem sabia o que responder. Disse-lhe então: “O Sr. poderá fazer o favor de falar mais fácil comigo? Papai, em casa, não me fala assim, tão pouco as Irmãs, no colégio”. Ele riu a valer, dizendo que eu não passava de uma ingênua colegial. Por estas e outras, comecei por aborrecer aquelas reuniões e só comparecia levada pelo entusiasmo das outras.

Mas, interrompi minha narrativa. Fui ao tal baile de anúncio, fantasiada de dominó amarelo. Estava no salão, sentada com F. Vêm dois moços. Um convida F. para a dança, e outro, a mim. Eu ainda não sabia dançar direito e disse-o ao moço. Ele, porém, achou que eu “dançava muito bem” (mas só agora percebo que isso era uma das tais etiquetas que o moço usara) e sempre ficou a dançar comigo. Afinal, disse ao moço que estava cansada e desejava voltar ao meu lugar. O moço levou-me ao bar, tomou uma das mesinhas desocupadas e mandou vir uma bebida.

Naquele momento, teria preferido um sorvete; lembrei-me, porém, do caso da champanhe, e tomei a bebida. O moço, que eu não conhecia, serve-me nova taça. Pensando que faltaria às tais etiquetas, rejeitando a 2a. taça, levo-a aos lábios, que não chegam a molhar-se, pois meu braço é suavemente detido pela s. Mão de meu Novo Amigo. O moço insiste, e eu, claramente reconhecendo pela oposição de meu Novo Amigo que não faltava de modo algum, agradeço ao moço, dizendo: “Muito obrigada, mas não costumo tomar mais de uma taça de qualquer bebida”. O moço alega ter a taça o conteúdo de um cálice. Porém, a s. Mão ali está sobre meu ombro.

Tenho plena certeza de que, se meu Novo Amigo não mo tivesse impedido, teria tomado tantas taças quantas o moço me tivesse oferecido, pois, além de não pensar no mal que me faria a demasiada bebida, concebera uma idéia errônea ao que papai me dissera: temia faltar às tais etiquetas.

Meu Novo Amigo permaneceu com sua s. Mão sobre meu ombro durante o tempo em que estive à mesinha com o tal moço. Seu santo Rosto era de uma severidade plácida, mas triste. Compreendi que o ficar ali com o moço lhe desagradava. Sem preâmbulos, levanto-me, dizendo ao moço que voltaria ao salão. Ele quis acompanhar-me, mas respondi-lhe que desejava voltar só, e o fiz.

Meu Novo Amigo, no momento em que escrevo isto, é que reconheço que me livrastes de mais um mal. Salváveis de grandes males a vossa pequena amiga, sem ela mesma o reconhecer. Só agora caio em mim e vejo de quantos perigos e males me livrastes.

Meu Novo Amigo, eu Vos amo muito ainda, apesar de Vos esconderdes e deixardes como que abandonada a vossa fraca amiga. Mas eu bem sei que Vós fazeis assim porque Nosso Senhor o quer. Então eu também o quero e confio sempre na Vossa proteção. Amém.

50. Rezar de joelhos

Papai estava ainda na Colônia Militar do Alto Uruguai. Lá não havia casas de material e, antes de papai ser nomeado para lá, o governo mandara fazer uma casa de madeira envernizada e já mobiliada. Papai morava só (porquanto sempre ficávamos em Jaguarão) com uma cozinheira e outra criada para tratar da casa, e mais o bagageiro. Dissera, em outra ocasião, que estranhava imensamente a ausência de papai, cuja lembrança nunca me deixava. Pensava muitas vezes, na minha saudade por papai, que lá não tinha quem cuidasse bem dele, quando estivesse doente, e tantas outras apreensões senti.

Era eu incapaz de adormecer, à noite, se não tivesse rezado o terço inteirinho, por papai, quando não tivesse feito algum sacrifício “grande”. E o meu último pedido ao meu Novo Amigo, antes de adormecer, era invariavelmente este: Meu Novo Amigo, logo que adormecer, ide com papai e ficai vigiando por ele, juntamente com o seu Novo Amigo. Só então adormecia em paz.

Certo dia, mais do que nos outros, tive saudades de papai. Os sacrificozinhos se sucediam e mais de um terço foi rezado a Nossa Senhora. Tinha mais saudades de papai, era só o que sabia. À noite, pedi a meu Novo Amigo fosse ter com papai antes mesmo de eu adormecer. E depois que todos dormiam, já tarde, despertei com o pensamento em papai. Estávamos no rigor do inverno. Pensei, já que não tinha mais sono, em rezar o terço por papai, porém, mesmo deitada; com o frio não me dispunha a levantar-me e ajoelhar.

Comecei a 1a. dezena do s. terço, mas não cheguei a rezar 3 Ave-Marias. Como que um forte impulso obrigou a me levantar; devia rezar de joelhos. Fi-lo. De joelhos, ao pé da cama, rezei com a maior devoção de que era capaz minha alma, numa firmíssima convicção de que papai necessitava de oração. Rezei, não só um terço do s. Rosário, mas ainda “um terço” de “Lembrai-vos que vos pertencço”, e “um terço” de “Santo Anjo”.

Meu Novo Amigo até então não se manifestara. Não estranhei, todavia, pois O mandara ir ter com papai. Ao terminar o “terço” do “S. Anjo”, recomecei um “terço de Glória ao Padre”, tão forte era a disposição que tinha de orar, apesar do frio intenso que sentia, da escuridão e do silêncio reinantes. No fim da dezena do “Glória ao Padre”, eis sobre minha cabeça a s. Mão, como a me acariciar, como a me dizer: “Basta, papai está salvo”. (Isso o sentia convictamente). Retornei à cama, e, pouco depois, tornava a adormecer numa paz santa, bem santa.

Passados vários dias, mamãe recebe uma grande carta de papai, e tiras do jornal onde se relatava o caso. Por uma falta cometida contra a disciplina, papai prendera um soldado. Este, após ter terminado o tempo correcional, foi posto em liberdade.

Duas ou três noites depois (justamente naquela noite em que eu despertara para rezar), papai desperta com o ruído de fortes estalidos na casa, e vê-se rodeado de enorme clarão. Percebendo que a casa estava em chamas, salta da cama e quis passar à peça

contígua para salvar papéis de importância. Impossível! As chamas devoravam tudo assustadoramente. Tenta passar pela outra porta, o mesmo. Tudo rodeado pelas chamas.

Correu então à janela que dava para fora, mas o fogo ou o calor como que a empenara, e não a pôde abrir. De repente, porém, a um forte estalido, abre-se a janela, cujas folhas estavam já sendo lambidas pelas chamas, e mal teve então tempo de saltar para fora. Papai foi ainda quem deu o sinal de alarme, e veio enfim o socorro.

Feitas depois as investigações, foi desvendado o caso. O pobre soldado, num sentimento de vingança, ateara fogo à casa; confessara-o depois.

Narrei esse fato, porque tenho a firme convicção de que fora meu Novo Amigo quem salvara papai. Creio até que foi Ele quem abrira a janela para papai salvar-se. Como era meu costume, sem mesmo sabê-lo explicar, não contei a ninguém o caso daquela noite dos santos terços. Sei apenas que meu Novo Amigo me deixara rezando, enquanto fora salvar papai. E quando me pôs sua s. Mão sobre a cabeça, papai já estava salvo.

Meu Novo Amigo, seja o bom Deus glorificado na vossa santa fidelidade. Amém.

51. O livro impróprio

Em 1916, o Ginásio Espírito Santo fechava, mudando-se para Jaú, Estado de São Paulo. Senti logo a grande falta do santo Pai espiritual, Cônego Godofredo Evers. Estava acostumada, havia 10 anos, com a sua direção espiritual, sendo ele que, semanalmente, traçava-me a rota que devia seguir.

No ano de 1917, minha vida tomou como que uma nova fase. Surgiram-me dolorosos escrúpulos pela minha ação que julgava mal empreendida. Sofri por muito tempo esse cruel tormento. Tinha, porém, muito amor a Nosso Senhor, a Nossa Senhora e a meu Novo Amigo, a cujas inspirações jamais a minha consciência me acusara de ter sido infiel (acrescento “voluntariamente”). Extraordinária graça de meu Deus! O horror ao pecado aumentara em mim consideravelmente, e creio que foi por isso que pude atravessar incólume essa difícil fase da minha juventude. Nas horas e nos dias de lazer, feriados e dias santos, como que para aliviar o combate travado em minha alma, comecei por entregar-me à leitura.

Tínhamos a biblioteca do Colégio, e todos os sábados podíamos tirar um livro para entregá-lo segunda-feira. Até então era sempre o Padre Godofredo que me determinava o livro a ler. Padre Godofredo falava amiúde, nas reuniões da Congregação Mariana, sobre o perigo dos maus livros, e infundiu-me, com isto, tanto temor de um mau livro que, se me caía às mãos um livro desconhecido, era incapaz de folheá-lo, se não me obrigassem as circunstâncias. Agora, porém, faltava-me o fiel selecionador.

Com os próprios livros da biblioteca do colégio tinha eu um quê de respeito. É que, certa vez, uma colega recomendara-me um livro da nossa biblioteca do colégio, “Magna Peccatrix”, e Padre Godofredo me dissera: “Esse livro não é mau, não, mas não quero que a Cecy o leia, nem agora, nem mais tarde”. E esse livro por duas vezes me caiu nas mãos, mas, graças a Deus, nem sequer o folheei. Nos sábados, ia à biblioteca. Recebia o catálogo. Antes, porém, dizia a meu Novo Amigo que escolhesse um livro para mim. Sem ninguém o perceber, fechava os olhos e, com o dedo sobre a coluna dos números do catálogo, tirava um número “por sorte”.

Em certo sábado, a biblioteca não nos pôde atender, e ficamos sem livro, com grande desgosto para mim. Chego a casa. Estranhei a falta de uma leitura. Lembrei-me de que P. gostava de ler, e tinha sempre muitos livros. Escrevi-lhe, pedindo um, bonito, à sua escolha. No desejo de ler, esqueci o meu temor. Dessa vez, nem pensei em tal. Recebi logo um bonito volume novo, cujo título era “As vestais”.

Costumava ler no meu quarto. Radiante, fui para lá. Sento-me e tomo o livro. Apenas faço menção de abri-lo, à 1a. página, quando a s. Mão de meu Novo Amigo pousa sobre a minha cabeça, de modo que o livro se fecha por si e cai ao chão. Olho para o s. Rosto: triste e severo. Compreendo. Não devia ler aquele livro.

Um grande arrependimento me invade a alma por ter, pela primeira vez, tomado um livro

sem consultar antes o meu Novo Amigo, como costumava fazer depois da ausência de Padre Godofredo. Ajoelhei-me logo e pedi perdão a Nossa Senhora e a meu Novo Amigo. Chorei lágrimas de verdadeiro arrependimento. Após uns instantes, tendo a cabeça apoiada sobre a cama, a chorar, sinto novamente a s. Mão como a me acariciar. Compreendi bem o meu Novo Amigo; já estava tão acostumada com Ele. Ei-lo outra vez satisfeito com sua pobre amiga arrependida. O s. Rosto não mais estava triste. Era o meu Céu aqui.

Tomei o livro de olhos fechados, enrolei-o e mandei-o de volta à minha colega, dizendo-lhe francamente que me lembrara de que não o podia ler sem licença do Padre Confessor. Amém.

52. Tu hablas, yo te estrangulo

Um ano só após o incêndio na Colônia Militar, o governo dissolveu-a, vendendo toda aquela zona. Papai foi para Porto Alegre. Nós ficamos em Jaguarão. Mamãe costumava, todas as noites, depois da ceia, ir visitar vovó. Meus irmãos iam sempre com mamãe; eu, porém, ficava com Acácia, Conceição e Abelino (o soldado que papai trouxera de S. Vitória), pois sempre tinha muito que estudar. É que era muito vagarosa nos meus trabalhos escolares, e a tarde inteira não me chegava.

Era uma noite de verão. Estudava na grande varanda da frente, que ficava depois do corredor de entrada. Tudo estava aberto: a porta da rua e a porta do meio que dava para a dita varanda. Estudava na ponta da mesa grande que estava no centro da varanda. Estranhava dolorosamente a ausência de papai; apesar de suas contínuas viagens, não podia habituar-me. Olhava de vez em quando para a cadeira-preguiçosa, num dos ângulos da varanda, onde, àquela hora, papai me fazia companhia, lendo os jornais. E as saudades de papai me invadiam.

Estudava sozinha. Meu Novo Amigo, em tais circunstâncias, não se manifestava. Sentia-O, porém, sempre ao meu lado. Raramente mudava de lugar. Não estando papai em casa, quando mamãe ia visitar vovó, ordenava a Abelino não sair de casa, e ficarem comigo Acácia e Conceição. Abelino sempre estava nos fundos da casa e, àquela hora, enchia, para Acácia, o barril e as talhas d'água. Acácia e Conceição ocupavam-se na arrumação da cozinha.

Tão concentrada estava nos meus estudos, que alguém entrou sem eu o perceber, postando-se na ponta oposta da mesa. Levantando os olhos, é de supor-se o meu espanto. A voz prende-se-me na garganta e os meus membros ficaram como que paralisados. Quis gritar e fugir. Impossível! O homem pareceu-me estar um tanto alcoolizado, pois prendia-se à ponta da mesa com ambas as mãos. Trajava à gaúcha, como geralmente tais homens se vestem, em Jaguarão. Era um homem alto e forte, seu rosto era mau e o olhar um tanto imbecil. Na larga cinta que trazia, vi uma bainha de faca.

Não posso precisar o espaço de tempo que o homem ficou a olhar-me, e eu, para ele. Mas foi um tempo brevíssimo. Agora, ele tenta aproximar-se de mim, contornando a mesa e, apoiando-se nela, diz em língua uruguaia (muito comum em Jaguarão, fronteira uruguaia): “Tu hablas, yo te estrangulo”. O terror invadiu-me e, com esforço, pude dizer a meia voz: Meu Novo Amigo! A s. Mão está no meu ombro. O terror que se apoderara de mim desaparece como por encanto. Pude levantar-me para ir chamar Acácia, e o homem foge, derrubando uma cadeira.

Paro, então, e olho para o s. Rosto. Estava severo! Ah! Somente agora compreendera e reconhecera minha falta: logo que mamãe saíra, pedi a Abelino para ir comprar-me chocolate. Abelino redondamente me respondeu que não, alegando que devia ficar em casa, enquanto mamãe estivesse ausente. Mas eu, que não estava afeita a tais negativas,

tanto insisti e tantas objeções “razoáveis” apresentei (“vai, Abelino, numa carreirinha, é per-to, a mamãe não se importa, ainda é cedo, etc., etc.”), que afinal o bom Abelino, ainda que notoriamente contrariado, acedeu. Quando ele voltou já o homem tinha fugido.

Não lhe contei o caso; não, graças a Deus, com a intenção de ocultar-lhe a minha falta, mas porque ele, sempre tão reto e cumpridor dos seus deveres, iria afligir-se demasiadamente e culpar-se a si mesmo, enquanto era eu a verdadeira culpada. E ainda mais, mamãe iria ralhar-lhe.

Quando Abelino voltou, o arrependimento que já experimentava aumentou consideravelmente. Entregou-me o pacote de chocolate, dizendo: “Fui quase a correr, tão aflito estava. Outra vez não me peça mais. Assim não mereço a confiança que D. Antoninha me tem”. Quase não pude conter-me, as lágrimas já irrompiam; apenas pude dizer: “Obrigada, Abelino”. Não toquei, porém, no pacote. No dia seguinte, dei-o ao Abelino, mas ele não o aceitou. Dei-o, então, para Acácia e Conceição. Naquela noite do caso, não tomei o chá da noite, deitei-me logo. Antes, porém, pedi, num sincero arrependimento, perdão a Nosso Senhor e a meu Novo Amigo que sempre me perdoaram. Chorei de arrependimento, e após terem estancado as lágrimas, olho para o s. Rosto e eilho naquela Doçura que tudo me fazia esquecer e enchia-me de verdadeira paz. Logo no dia seguinte (não esperei pelo sábado), fui com uma colega, depois da aula, à Matriz, para confessar-me. Nosso Senhor tornou a perdoar-me. Desse caso só quem ficou sabendo foi Nosso Senhor e o meu Novo Amigo e, aqui na terra, o Padre Confessor. Amém.

53. Cena noturna de Oração pelo Pai

Em 1918, papai foi para o Rio. Ficamos em Jaguarão. Mais, muito mais que das outras vezes, apesar de já ter 18 anos, estranhava imensamente a ausência de papai. E com toda a convicção aqui o declaro que, se não fora sentir vivamente, comigo, principalmente nessas ocasiões, a presença de Nosso Senhor e de meu Novo Amigo, não sei se poderia resistir à falta e à saudade que tinha de papai.

Ele era para mim o meu “2o. Novo Amigo” bem visível. Quando eu estava doente, papai, estando em casa, não arredava pé de minha cama. Ao lado, foi posta a cadeira preguiçosa, e o meu “Novo Amigo visível” ali permanecia, dando-me os remédios e provando os meus alimentos, para certificar-se de que realmente estavam bem feitos. Dai a grande e quase insuportável falta que sentia em sua ausência.

Pois bem; o ano de 1918 levara papai para o Rio. Os primeiros meses decorreram mais ou menos bem. Papai, no Rio, hospedava-se no hotel. Pontualmente vinham para mamãe suas cartas. Por fim houve uma pausa notória na correspondência de papai, até que veio um telegrama, em que se dizia um tanto enfermo, mas que nada receássemos. Aqui, como tempos atrás, por ocasião do incêndio na Colônia Militar, à noite, depois que a luz se apagava, levantava-me e, de joelhos ao pé da cama, desfiava o s. Rosário, rezando o Terço de Nossa Senhora, o “Lembraí-Vos” e o “S. Anjo do Senhor”, até que a s. Mão, pousando sobre meu ombro, anunciava-me pôr fim.

Assim, invariavelmente, repetia-se a cena. Quando começava minha oração, pedia a meu Novo Amigo fosse ter com papai. E o Santo e fidelíssimo Amigo jamais se negara ao pedido de sua pequena amiga, e todas as noites ia ter com papai, enquanto eu ficava rezando, anunciando-me o regresso com o depor de Sua s. Mão sobre meu ombro. E só então podia adormecer.

Eis o que sucedera a papai. Certa tarde, regressava ele para o hotel. Já no bonde, começou a sentir-se indisposto. Ao chegar ao hotel, anunciou ao criado do quarto o seu estado e mandou chamar o médico. Começavam a aparecer no Rio os primeiros casos da terrível epidemia espanhola, até então desconhecida, e papai fora uma das primeiras vítimas. Estava às portas da morte.

Os telegramas de mamãe eram respondidos pelo criado do quarto, de quem papai, anos depois, não cessava de recordar e proclamar a honradez, dedicação e fidelidade, um simples criado de quarto de hotel e a quem papai era completamente estranho. Guardei até hoje seu nome no coração: “Miguel”. Não o conheci, mas tenho a plena certeza de que, dele, serviu-se meu Novo Amigo. (Agora vejo, com santo júbilo, que o bom moço trazia o mesmo nome de Miguel, o que naquele tempo eu ainda não sabia, em referência ao Novo Amigo).

Na seção de aposentos em que papai se hospedara, deram-se 24 casos de morte, e quando a terrível peste grassava com todo o furor, e que os médicos escasseavam e os

enfermeiros raríssimos eram pagos com enormes quantias por noites de trabalho, Miguel acompanhou papai com uma dedicação mais que filial. Jamais lhe faltava a mínima coisa. Quando o 1o. médico foi também acometido do mal, o bom Miguel trouxe um 2o. médico, e, caindo este também enfermo, Miguel trouxe um 3o. e, por fim, o 4o. e último. Como gostava eu de ouvir papai exaltar o bom Miguel.

Meses depois, entra papai em convalescença. Nem sequer podia sentar-se sozinho na cama. Mas Miguel ali estava! E papai, já um tanto confortado, devia descer ao jardim para apanhar sol. E lá estava o braço do nobilíssimo Miguel para papai se apoiar.

Peço desculpas se me estendo tanto nesta descrição, mas sinto um santo entusiasmo em falar naquele bom moço. Admirava aquela alma de escol, e um santo amor, um amor todo de gratidão e admiração sentia em minha alma, quando papai nele me falava. E papai, a quem jamais vira chorar, nem mesmo quando faleceu minha irmã Dilça, cada vez que lhe ouvia falar em Miguel, parecia-me ver lágrimas brilharem em seus olhos.

Estando papai completamente restabelecido e já em condições de viajar, aprontou-se para regressar a Jaguarão. Papai contou-me, lembro-me tão bem: “Aquele moço simples, de exterior tão humilde, ocultava uma grande alma, um coração ideal, um caráter de têmpera! E em mim, velho soldado, que sempre forcejei em manter a pureza de minha consciência e enobrecer o meu caráter, a presença daquele moço infundia respeito e admiração. Jamais Miguel aceitou uma recompensa. Disse-lhe que os meus bens de fortuna se resumiam no modesto soldo de oficial do Exército, mas que, naquela ocasião, podia dispor de certa quantia. Miguel, com lhaneza, rejeitou”.

Papai, enternecidíssimo, e no desejo de mostrar sua gratidão, tirou o anel do dedo e ofereceu-o a Miguel, pedindo-lhe com instância não o rejeitasse. Foi em vão. Miguel disse a papai: “Tendes família, ofereci-o a uma de vossas filhas e eu me considerarei duplamente recompensado”.

Foi o que papai fez logo que chegou. Chamou-me, pôs-me o anel no dedo, dizendo: “Minha filha, quero cumprir o desejo do melhor amigo que encontrei neste mundo, e do homem mais nobre e honrado que jamais vi em minha vida”. E papai contou-me ações lindas e edificantes de Miguel, a quem, apesar de não conhecer, estimei deveras. Convicta fiquei, daquele momento em diante, de que alguma relação o bom Miguel mantinha certamente com meu Novo Amigo.

No momento em que escrevo isto, mais convicta estou. “Miguel” se chamava o bom moço, e hoje sei que “Miguel” também se chama meu Novo Amigo. Papai muitas vezes escreveu a Miguel, porém, nunca teve a grande alegria de receber uma resposta. Papai contou-me ainda que, nos seus longos passeios com Miguel, pelo jardim, percebera que ele se mostrava muitíssimo reservado e discreto, quando papai se interessava por ele, procurando saber algo de sua pessoa, de seus haveres, de sua vida. Nada mais papai pôde saber do moço, a não ser o seu nome. Quando papai terminava de contar-me algo sobre Miguel, sempre acrescentava: “Alma eleita para grandes coisas!”. Nunca, porém, compreendi esta exclamação de papai. Amém.

54. Beleza deslumbrante

Fins de 1918. Último ano que freqüentei o meu querido Colégio Imaculada Conceição. As Filhas de Maria da cidade (pois a Congregação do Colégio era só das alunas), resolveram organizar uma festa em benefício da Sociedade Operaria Santa Isabel, e recorreram ao apoio das Filhas de Maria do Colégio. Levariam o drama “Minam”. Madre Susana cederá o teatro do Colégio. Dirigia os ensaios D. Isaura Vargas (hoje Irmã Núncia), professora do Colégio Elementar, e que se hospedara em nosso Colégio.

Fui escolhida para tomar parte no drama. Coube-me o papel de “Cornélia”, dama romana de “deslumbrante beleza”. Recebi o papel muito naturalmente, sem me recordar que “era feia”, e nem me passou pela mente como poderia transformar-me em “deslumbrante beleza”.

Havia outra personagem no drama: “Faustina”, também dama romana, irmã de “Cornélia”, porém, de beleza vulgar. Tal papel coube à minha colega M., que era realmente bonita, tendo todas as qualidades exigidas para desempenhar o papel que me coubera. Não sei por que tal dissonância na escolha. Deram o papel de “Cornélia” para mim, que era realmente feia e desajeitada. As moças encarregadas do festival é que escolheram assim, começando por D. Isaura, que fez o papel de “Gedeão”, jovem israelita. Mas o caso é que nem pensei no “desacertado da escolha” e, muito faceira, aceito o papel, que era bem grande, e começo a estudá-lo para o 1o. ensaio.

Em casa mostro o meu papel a papai e mamãe, descrevendo o enredo do drama. Papai, sempre muitíssimo interessado por tudo que nos dizia respeito, ouviu-me sem me interromper, leu todo o meu papel, e depois acrescentou: “O drama parece ser muito bonito, mas parece-me também que as moças, encarregadas do festival, não distribuíram bem os papéis, pelo menos o que lhe coube. A dama romana era de grande beleza e, como tal, muito orgulhosa, dominava todos. A minha filha não poderá interpretar tal papel, e, por isso, não irá agradar ao público”.

Somente aqui, com as palavras de papai, caí em mim, e como sabia muito bem que não era bonita, e até me achava bem feiosa, achei que papai tinha, como sempre, razão, e logo resolvi: “É mesmo, papai, o drama vai ficar bem esquisito, quando o jovem israelita proclamar a “beleza deslumbrante” da filha do senador romano e, depois, que decepção para a assistência! Aparece uma “dami-nha” muito feiosa!” Papai riu a bom rir e, puxando-me para si, abraçou-me e, acariciando-me, disse: “Amanhã entregue o seu papel para a moça que lho deu, agradeça-lhe e francamente lhe exponha o motivo da devolução, e ofereça-se para tomar outro papel, por exemplo, o de “Eufrosina”, aia de “Gedeão”.

No dia seguinte, fiz tal qual papai me ordenara. Fui ter com D. Honorina, (prefeita da Congregação), a principal encarregada da festa, e tudo lhe expus. D. Honorina também riu bastante e, abraçando-me, disse: “Ninguém mais responsável do que eu pelo bom sucesso da festa. Hás de ficar tão bonita como “Corbélia”, Vicy cuidará de te metamorfosear”. E

pediu que eu ficasse com o papel. Prometi-lhe, com a condição, porém, de não assumir responsabilidade se a Vicy “não me pudesse tornar bonita”. Referi tudo a papai que, afinal, não se opôs. Mamãe criticava, dizendo que não iria à festa para ver “damas feias”.

Os ensaios correram sem novidade, e chegou o tempo de prepararmos o enxoval. Vicy me emprestara o lindo vestido com que fora a rainha do último carnaval, do Clube Jaguareense. Era mesmo lindo. O grande manto de veludo e arminho, as moças o arrumaram conforme o uso romano. Não me faltaram anéis, braceletes, pulseiras, lindo diadema de pérolas, e os grandes argolões para as orelhas, à moda romana. Sandálias de cetim branco, tramadas sobre o pé, com galão dourado.

Vicy, muito ajeitada e entendida no “assunto”, tomou conta de mim. Na véspera, encaracolou-me o cabelo para o tal “penteado romano”, conforme a estampa que adquiriram. Eis-me pronta. As colegas e as moças acharam-me “bonita”! Trouxeram-me um espelho e fiquei “satisfeitíssima” com a “minha beleza” suposta. Quase não me reconheci! Pudera! Se estive num verdadeiro atelier de pintura: leite de lírio, rouge, baton, crayon, não sei quantos ingredientes mais Vicy me pusera.

E tanto ouvi que estava bonita que, olhando-me mais no espelho, pensei: “Vou comprar leite de lírio e todas essas coisas que Vicy usa, então poderei sempre ficar bonita como hoje”. Porém, apenas concebera tal pensamento, uma s. Mão conhecida pousa-me no ombro. Eis o s. Rosto, dolorosamente triste. Tudo reconheci. E, no meio daquela azáfama de vozes, risos, vestidos, flores, enfeites das colegas e moças que nos ajudavam a vestir, e lã no salão o sussurro de vozes do povo, e a música já a tocar, curti a dor de um grande, muito grande arrependimento. Compreendera a Voz amiga: “Se eu fosse bonita como ali estava, minha alma seria horrivelmente deformada!”

“Louca que fui! Para que desejar uma beleza física, digo, exterior, se minha alma era mais bela que as mais deslumbrantes belezas físicas!” Desejei ardentemente arrancar tudo aquilo que, agora, tanto me repugnava! Lavar aquela camada que não passava de máscara! Era, porém, impossível! Começou a festa, e a minha pobre alma, oprimida pela dor, mas, graças a Deus, a bendita e salvadora dor do arrependimento. Graças, ainda, a meu Deus e a meu Novo Amigo, a “santa lição” foi salutar. Nunca mais tive ocasião de “achar-me bonita”, e nunca mais me preocupei em sê-lo. E muitas vezes agradei a Nosso Senhor de ser feia, porque, sabia-o, se fosse bonita, minha alma, então, seria feia.

Uma ou duas semanas após a aludida festa, Jaguarão recebeu a visita do Sr. Bispo de Pelotas, e repetimos o drama para S. Excia. Revma. Porém, recusei corajosamente “os ingredientes” da pintura. Pus apenas um pouquinho de pó de arroz, e isso, porque Irmã Clementina mandara. Parece-me que ninguém me achou feia, e o Sr. Bispo gostou bastante do nosso drama. Quando, após estar penteada e pronta, D. Honorina trouxe o espelho, a s. Mão pousou novamente em meu ombro, porém, o s. Rosto deliciou minha alma com a Sua s. “Doçura”. Amém.

55. A polca do bastão

Foi em 1919. Uma senhora, D.S., comprara, em nossa vizinhança, uma casa, onde passava o inverno, pois, como era fazendeira, veraneava na fazenda ou numa linda chácara, afastada da cidade, mais ou menos uma hora de auto. Pois bem, entrelaçamos relações com esta senhora, que era muito alegre e expansiva, e costumava dar em sua chácara ou na fazenda freqüentes reuniões familiares.

Nesse ano de 1919, por ocasião do aniversário de seu filho, D.S. dera, na chácara, uma reunião. Como estava alegre esse dia! Pela estrada da cidade à chácara, era um vaivém contínuo de autos conduzindo os convidados. Nós fomos de tarde. Havia também algumas moças da campanha, corações de ouro, almas de cristal! Sempre gostei tanto dessas moças da campanha, alegres e joviais, boas e sinceras, de uma franqueza de criança e de uma moral santa. Ignorantes e acanhadas, aliás. Enfim, gostava muito, muito, de sua companhia.

De noite havia baile, com a orquestra que viera da cidade. E lá estavam as mocinhas também para o baile, nos seus trajes, “esquisitos”, como diziam as da cidade. Entre elas havia uma de 17 a 18 anos, de cujo nome não me recordo, mas era tão boazinha. A coitadinha era órfã de mãe, morava na fazenda só com o pai e uma velha criada. Raramente ia à cidade e era muitíssimo acanhada.

Começou o baile. Lá veio um moço e tirou a mocinha para dançar. A coitadinha não dançava, só dava uns passos muito desajeitados, provocando o riso dos assistentes. De fato, era engraçado como a coitadinha fazia, e quem não risse, era mesmo por caridade. Lembrei-me logo de mim mesma, de minha idêntica figura, naquele baile do “Dominó preto”, e que eu também só sabia dar uns passos desajeitados.

Em breve, queriam divertir-se à custa da mocinha, e os moços da cidade a tiravam para a dança. A pobrezinha, muito faceira, lá saía a “andar à roda”. Os assistentes riam, riam à custa da mocinha, boa como um anjo. Tive pena, muita pena dela e, por uma coincidência, ao chá, ela ficou ao meu lado. Mostrou-se encantada com a reunião e ainda disse que estava gostando muito da dança.

Após o chá foi anunciada a “Polca do Bastão”.

Consistia esta dança familiar em formarem muitos pares (uma moça e um moço), mas entre os pares devia haver uma moça a mais, ou então, um moço. Na 1a. vez, ficou uma moça sem par. E esta, com um bastão na mão, ficaria no meio do salão, rodeada pelos pares. O dirigente da Polca dava o sinal; a orquestra começava a tocar e os pares a dançar. Ao 2o. sinal, a moça do bastão soltaria o bastão no chão, e todos os pares deviam separar-se; tudo isto bem ligeiro e ao compasso da polca. Os moços deviam ir para a direita e as moças, para a esquerda, e a moça que soltara o bastão podia ir com o grupo das moças.

A um 3º. sinal do dirigente, os dois grupos, em marcha, mudavam o lado, as moças iam para o lado onde estavam os moços e vice-versa. A um 4º. sinal, uniam-se agora os dois grupos, e cada um procurava tomar qualquer par, sem escolha senão ficaria em perigo de tomar o bastão. E sempre a coitadinha da mocinha era quem ficava com o bastão, acanhada e vermelhinha, enquanto os outros pares riam, riam dela.

Na pausa curtíssima em que os grupos trocavam o lugar, a s. Mão do meu Novo Amigo pousa-me no ombro, e o s. Rosto entristecido me fez compreender que se compadecia da mocinha e desejava que eu lhe tomasse o lugar. Tal manifestação surpreendeu-me de modo indescritível. Num relance, senti o peso insuportável da humilhação, do vexame, até, de servir de riso aos outros, no meio de uma sala, a empunhar o bastão. O s. Rosto, porém, permanecia inalterável. Não sei descrever a enormidade de tal sacrifício.

Dado sinal do dirigente, lá jaz no solo o bastão, e os dois grupos misturados. Numa violência excessiva, corro para o bastão e o empunho. Ninguém me percebera que o tomara, pois cada qual se empenhava por tomar um par.

Eis-me sozinha no meio da sala, rodeada pelos pares que riam a bom rir. Não sei qual era a minha triste figura. Sei apenas que riam de mim e que fazia o papel de “Bobo da Corte”. O vexame pelo qual passara foi grande, muito grande. Mas esse momento também passou. Ao sinal dado, soltei o bastão, e... não fui mais para o meio da sala, pois comigo terminara a “polca do bastão”. E ali mesmo, no baile, meu Novo Amigo deliciava minha alma com Sua s. Doçura. Amém.

56. O insípido prazer

1920. Aqui começaram minhas decisões e indecisões sobre o estado a tomar. A decisão que tomara no dia de minha 1ª. Comunhão, e depois confirmada pela explicação do santo Pai espiritual, jamais enfraquecera ou mudara até então. 1920, porém, trouxera-me verdadeiras lutas espirituais, mas que eu bem não discernia. Não tinha a quem recorrer. As Irmãs, as santas amigas que encontrei na maior parte de minha infância e juventude, não estavam mais em Jaguarão. 1919 foi o último ano em que funcionou o meu caríssimo Colégio Imaculada Conceição, cuja lembrança, tão grata até hoje, conserva-se nítida em minha alma. Lutei, lutei, e, ora me decidia energeticamente, ora retrocedia em minhas decisões.

Um grande, muito grande amor tinha a meu papai, e parecia-me impossível ter de separar-me dele. Nos divertimentos, passeios etc., onde pensava poder distrair meus combates, pelo contrário, no meio deles, apoderava-se de minha alma uma repugnância extrema. – E, se comparecia às festas, era apenas por conveniência social. Papai dizia repetidas vezes: “É preciso, minha filha, não se afastar da sociedade, quando bem ordenada pela moral”. Minhas duas irmãs não a freqüentavam, (eram doentes). E sempre, nos convites para os bailes, quermesses, etc., lá ia eu. Porém, no meio dessas reuniões, sofria amargamente.

Mais ou menos, por esse tempo, fundaram-se duas sociedades desportivas. O Sport Club Internacional e o Sport Club Cruzeiro do Sul. Recebi convite dos dois para “torcedora”, como diziam. Decidi-me pelo “Cruzeiro do Sul”. O entusiasmo desses dois Clubes foi quase um delírio. Aos domingos, às duas horas da tarde, na Praça ou Campo do Quartel, realizavam-se os jogos dos dois Clubes. Era de ver a mocidade de Jaguarão, com os distintivos de seu Clube, a “torcer” num entusiasmo quase exagerado.

Fui na onda. Entusiasmei-me pelo “Cruzeiro do Sul”. Num domingo, entre o Campeão “Cruzeiro” e o “Internacional” decidiu-se um grande encontro. O campo regorgitava. As moças traziam ao peito o seu distintivo, e o entusiasmo crescia sobremaneira. Era aqui que todo o meu ser como que se concentrava. Parecia esquecer, por um curtíssimo momento, as minhas apreensões. E, no instante em que estava mais inflamada em aplaudir um lance feliz do meu Clube, no meio daquela algazarra de música, vivas, risos, eis que aquela Mão amiga, de leve, mui levemente, tocava-me ao ombro, e eu logo, instantaneamente, tudo aquilo aborrecia, e a minha alma sofria naquele meio, e ansiava pelo “seu ideal”.

E foi sempre, sempre assim. No momento em que parecia alegrar-me, naquele meio, a s. Mão como que me tirava aquele fútil, mesquinho, insípido prazer. E assim se passaram os anos 20 e 21. Aqui tive uma decisão. Porém, antolhavam-se mil dificuldades.

Nota – O trecho precedente, Ir. Antônia o escreveu num dos primeiros dias das férias em dezembro de 1938, já doente, deitada na cadeira, narrando a transição para outra fase de sua vida. É o último capítulo de suas reminiscências. O súbito agravamento do seu estado, precursor de um breve desenlace, impediu-a de acabar a sua autobiografia.

57. O chamamento de Deus

O leitor, tendo acompanhado com atenção as singelas narrações de Irmã Antônia^[1], com justificada curiosidade fará a pergunta: “As pessoas de sua convivência, as que a educaram, terão elas percebido algo de sua extraordinária vida interior, dos privilégios maravilhosos de que Deus lhe cercou a infância e juventude?” De certas palavras e atitudes de seus diretores espirituais, já falecidos, impõe-se a dedução de que eles conheciam, de perto, o trabalho de Deus naquela alma de eleição. Eles só, porém. Parece que aos demais, Deus tudo quis ocultar.

O Major João Ludgero de Aguiar Cony e sua esposa, D. Antônia Soares Cony, viam, com grande satisfação, a exemplar conduta de sua filha e seu progresso nos estudos. Entre as amiguinhas e companheiras, Cecy era apreciada e querida por causa de sua afabilidade e constante bom humor. Para travessuras e brincadeiras, sempre se podia contar com ela. Convidassem-na, porém, a faltar ao dever, e teriam imediata e enérgica recusa.

Era-lhe inato um grande amor à verdade e justiça, aliado à suscetibilidade e brio levados ao extremo. Como lidima descendente da briosa classe militar, ela conservou, por toda a vida, notável delicadeza em ponto de honra. As professoras concordavam em afirmar que era aluna-modelo, sob todos os prismas: sempre polida, modesta, obediente, aplicada. No mais, nada havia em Cecy que atraísse a atenção, a não ser, talvez, seu recolhimento na oração, sua encantadora ingenuidade e seu modo simples e desprezioso.

Já no ano de 1913, revelou o Senhor à sua pequenina serva que haveria de ser sua esposa. É, pois, de estranhar que Cecy demorasse tanto a encaminhar seus passos para a estrada da vida conventual. Não chegara ao alcance dessa revelação. A idéia de separar-se dos pais, a quem amava ternamente, nem por momento se lhe apresentou. Chegou até a pensar, durante algum tempo, em casar-se, vendo nisso um meio de viver sempre com os queridos pais. Ademais, costumava a menina abandonar-se inteiramente à direção de seu Anjo da Guarda. Era ele quem, em quaisquer perigos, saía a campo, a fim de secundar e salvar os planos divinos sobre sua tutelada.

Com 18 anos, Cecy deixou o Colégio que, pouco depois, foi fechado. Os anos seguintes, passou-os no seio da família, dedicando-se ao magistério particular. Alguns anos mais tarde, reaberta uma escola pelas Irmãs Franciscanas, Cecy prontificou-se a colaborar com elas.

Foi só em 1925 que Cecy conheceu claramente a SS. Vontade de Deus a respeito de sua vocação. Não hesitou mais. Com a energia de sua inquebrantável vontade, embora sangrando o coração, despediu-se dos pais e seguiu o chamado do Esposo divino.

58. Na Ordem Terceira de S. Francisco

Em junho de 1926, Cecy entrou como postulante na Congregação das Irmãs Franciscanas em São Leopoldo, onde se esforçou por adaptar-se ao Espírito de São Francisco, e isto não lhe custou muito.

O que lhe parecia mais difícil foi viver uma vida tão diferente, na forma e atividade, da que levava até ali, no seio da família. Muito penoso lhe foi combater a natural vivacidade e dominar o seu gênio forte. A tarefa de ter paciência com os próprios defeitos não se lhe afigurou fácil. Porém, não desanimou. A tudo se declarou e mostrou disposta, pelo amor ao santo hábito franciscano, alvo dos seus ardentes desejos. Só as superiores imediatas tiveram conhecimento das maravilhas que nela operava o Amor Divino. Os outros membros da família religiosa talvez notassem a sua atitude profundamente recolhida, durante a oração, e a simplicidade e candura de suas palavras. Nos recreios, era em geral uma interlocutora agradável e sabia entreter as postulantes com oportunos gracejos e inocentes anedotas.

Aproximava-se o dia da vestição. Na ocasião de experimentar o vestido de noiva, Nosso Senhor lhe deu a entender que não seria ainda do número das privilegiadas que iriam receber o hábito de São Francisco. A dor, no primeiro instante, quase a subjugou. Mas, reanimou-se, pronunciando, do íntimo d'alma, um humilde "Fiat". Referindo-se a este acontecimento, escreveu em 1937: "Na s. comunhão, com o coração a sangrar, disse a Nosso Senhor que fizesse de mim o que Ele quisesse, contanto que eu não cometesse pecado voluntário e O amasse cada vez mais".

Como, porém, se cumpriria aquela dolorosa predição? Pouco tempo depois, Cecy é prostrada com a inesperada notícia da morte do pai idolatrado. Era o dia 18 de janeiro de 1927. A dureza do golpe abateu-lhe as forças físicas. Ela adoeceu, em consequência, achando-se restabelecida depois de alguns dias. Todavia, com a singular natureza do caso, surgiram sérios obstáculos para a sua admissão. Cecy teve de deixar seu querido convento.

Nosso Senhor, na s. Comunhão, consola-a, prometendo-lhe que, um dia, havia de vestir o hábito franciscano.

Assim se deu. Pôde reentrar nos exercícios do postulado no mesmo ano, na véspera da festa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Quando lhe foi dada a capinha de postulante, sua alma foi surpreendida com a presença sensível de Jesus, como na s. Comunhão, graça que gozou, ininterrupta, durante alguns meses.

A 17 de fevereiro de 1928, ei-la ao pé do altar, com o suspirado véu branco de noviça. Bem como no postulado, vimo-la feliz, empregando todo o zelo na observância das Santas Regras e na correção de seus defeitos. E, lá nos recessos d'alma, não cessava Nosso Senhor de atraí-la poderosamente para a senda da abnegação e do sacrifício.

59. A vítima

Revela o estado d'alma de Irmã Antônia, nesse período, uma oração que, a conselho de seu esclarecido diretor de então, costumava rezar diariamente: “Meu Jesus, não permitais que algum dia eu seja ingrata a tantas finezas de amor com que me tendes ligado e obrigado a amar-Vos. Eu me ofereço para ser privada de todas as consolações espirituais e sofrer todas as cruces que Vos aprouver mandar-me. Disponde de mim segundo a Vossa Vontade. Quero e espero ser toda Vossa. Meu Jesus, eu Vos quero só a Vós e a mais nada”.

Essa oração correspondia às palavras que, em breve, ouviria de seu Esposo Divino: “Deves ser vítima de confusões e contradições de toda espécie, em reparação das contradições feitas à Minha Igreja. A generosidade de uma alma pequenina e ignorante das coisas divinas^[2] e cuja vida será um tecido de contradições, aplacará a Minha Justiça”.

A 14 de fevereiro de 1930, dia em que Irmã Antônia proferiu os votos temporários, aludiu Nosso Senhor novamente a sofrimentos futuros. Estes sobrevieram naquele mesmo ano. As pessoas, que com ela conviviam de perto, souberam da estranha doença, a que deu fim uma cura súbita. Ninguém, entretanto, lembrou-se de procurar a causa em provações místicas. Aliás, a própria vítima não o compreendeu. Citamos só algumas linhas entre as que Irmã Antônia, em obediência, escreveu mais tarde sobre o fato:

“Nosso Senhor não vinha^[3] mais na s. Comunhão: Daí as dúvidas cruéis que enchiam minha alma: pensava que Nosso Senhor estava descontente comigo. Meu Novo Amigo, sentia-o sim, porém, até Ele se mostrava como que impassível, indiferente às lutas internas que em mim se travavam... Depois, veio a desoladora tristeza que tanto me fez sofrer. É que um vácuo imenso sentia n'alma: a falta, a ausência de meu Deus”.

A 24 de fevereiro de 1933, Irmã Antônia viu realizado o mais afagado desejo de seu amante coração: consagrou-se irrevogavelmente ao Divino Esposo pelos votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência. Com inteira dedicação e espírito de sacrifício, retomou sua atividade como professora no Colégio São José, em São Leopoldo. Compreendia admiravelmente as suas pequenitas, e estas, por sua vez, cercavam de carinhosa veneração a bondosa educadora.

Em breve, apresenta-se de novo o Esposo Divino, pedindo novas imolações. E, após ter obtido a licença da rev. Madre Provincial, ela declarou-se disposta a tudo que Jesus dela se dignasse exigir, juntando, todavia, o pedido de que em nada ficassem prejudicadas as obrigações do cargo que desempenhava na santa obediência.

A oblação foi aceita: “Minha esposazinha, reservo-te duras provas. O combate será grande, Dá-Me almas, e tua fraqueza Me glorificará”.

Quis, porventura, a bem-aventurada Virgem Maria assegurar-lhe o seu auxílio e

proteção antes de irromper a tempestade daquele desamparo interior? Deu-se o caso a 29 de setembro de 1935. Irmã Antônia dirigia insistentes súplicas à Mãe do Céu em favor das almas imortais. Maria SS. não lhe faltou com a sua consolação maternal e, cheia de solicitude, encorajou-a para o sacrifício. Disse-lhe, entre outras coisas: “Eu sou a Medianeira de todas as graças... Os desejos santos são aceitos por Deus como realidade”.

E não tardou muito a prova. Sofrimentos místicos, indizivelmente dolorosos, no corpo e na alma, assediaram-na impiedosamente. Sofrimentos, dos quais diz S. João da Cruz que são a vigília de uma grande festa. Durante algum tempo, conseguiu ocultá-los. Não tardou que comesçassem a transparecer. Viam-na, ora como que avassalada pela angústia, ou estarecida de dor, ora aflita e desassossegada, ora sensível, agitada, até irascível – um enigma para as religiosas que se lhe acercavam.

Um dos mais dolorosos padecimentos era o peso de todos os pecados do mundo, sentindo ela estes pecados na sua alma como se os tivesse cometido ela mesma, o que a afundou num abismo de tristeza[4]. É verdade que, de vez em quando, grandes consolações abriram um claro por algumas horas, ou dias mesmo, na negrura apavorante dessas amarguras e tormentos.

Dia de grande paz lhe fora o domingo da Páscoa de 1936. A seu pedido, recebeu de seu diretor espiritual a licença de obrigar-se, sob pena de uma penitência, em caso de infração voluntária, de fazer a SS. Vontade de Deus em todas e até nas mínimas ações de sua vida. A fórmula desta promessa foi encontrada, depois de sua morte, entre os seus escritos. É a seguinte:

“Meu Deus, hoje, dia de vossa gloriosa Ressurreição, neste santo momento eucarístico, em que Vós, Grande Deus, com toda Vossa Glória, baixais até mim, unindo-Vos tão intimamente comigo, eu, a vossa criaturinha, quero apresentar-Vos o meu grande desejo: Qual a Santa Hostiazinha branca que neste momento recebi, recebi Vós também, meu Deus, na presença de Vossa e minha Mãe Santíssima, de meu Santo Anjo da Guarda, de meu Santo Pai Francisco e de meus Santos Padroeiros, S. Antônio, S. Crescência e Padre Eberschweiler e de toda a Corte celestial, o meu santo voto: Meu Deus, eu Vós prometo viver, até o último instante de minha vida, cumprindo, até nas mínimas ações, a Vossa SS. Vontade. Aceitai, meu Deus, pelas puríssimas Mãos de Vossa Mãe SS., a oblação que Vos ofereço como prova de meu grande Amor e do grande desejo que tenho de Vos agradar. Dai-me a graça, Senhor, deste momento em diante, eu possa, incessantemente, repetir com o Santo Apóstolo: “Não sou eu mais que vivo, mas Jesus é Quem vive em mim”, pois a SS. Vontade de Deus é que está agindo em sua miserável criaturinha. Amém”.

Foi arrebatada, depois da s. Comunhão. Escreveu: “Nosso Senhor tomou-me a mão direita e colocou, no dedo anular, um anel; depois colocou no centro um diamante refulgente como os raios do sol; era o Amor ao SS. Sacramento. À esquerda deste, colocou outro diamante igual: era o Amor à Santa Cruz. À direita do diamante do centro, colocou outro; era o Amor à SS. Vontade de Deus. Nosso Senhor disse então: “Minha esposazinha,

confio-te esta Aliança. Deves guardá-la bem”. Foi só. Eu exultei, não sei exprimir o quanto amei aqueles Três Diamantes: o penhor dos esponsais de meu Deus...”

Interessa-nos o seguinte, que demonstra a total ignorância de Irmã Antônia em coisas místicas. Quando lhe fora recomendado por Nosso Senhor que guardasse bem o anel, pensou consigo: “Hei de entregá-lo à Sra. Madre Laeta para guardar”.

Chegada a si, assustou-se por não vê-lo mais, nem no dedo, nem na carteira, nem no bolso, nem no chão, onde o procurava ansiosamente. Como tivesse de desempenhar suas obrigações com as educandas, só algumas horas mais tarde pôde pedir esclarecimento. Fê-lo debaixo de muitas lágrimas, julgando ter perdido o que Jesus havia recomendado aos seus cuidados. Ao saber que não se tratava de um anel material e que esse dia lhe era de grande festa, rompeu nas palavras: “Grande festa? Isto foi grande susto para mim!”

Suas lágrimas estancaram. E o dia todo, e ainda toda a segunda-feira, Nosso Senhor dignou-se distingui-la com a sua presença sensível.

Essas bonanças, porém, eram raras e vinham como preparação a aflições mais cruciantes. Aliás, o Divino Salvador se dignara escolher sua serva para tomar parte nas dores de sua Paixão e Morte da Cruz.

Os sofrimentos de Irmã Antônia valiam ora como reparação pelas perseguições feitas à Santa Igreja, ora como expiação pelos ultrajes que Jesus Eucarístico sofre perenemente. Contribuíram para a salvação das crianças e dos soldados, para a santificação do clero e dos religiosos.

Renhido combate lhe fez o inferno para que dissesse apenas: “Não quero mais sofrer!” Mas a jaculatória: “Meu Jesus, eu Vos amo ainda!” foi sua jura sempre repetida de fidelidade. Foi sua prece eficaz em favor das almas periclitantes, seu grito de vitória contra os assaltos infernais.

60. Tarefa consumada

Delos fins de 1938, Irmã Antônia enfermou, e soube de Nosso Senhor que sua tarefa estava consumada. Terminaram as provações interiores. Com edificante paciência suportou as acerbos dores e misérias de sua doença. Quanto à “grande festividade” da hora derradeira, que ela idealizara numa alegria celestial pela presença de Jesus, de Maria, do Anjo da Guarda e dos santos padroeiros, com um ano de antecedência renunciara voluntariamente, depositando tudo no altar do holocausto, por intenção especial.

Estávamos a 22 de abril de 1939, véspera do dia das “Vocações Sacerdotais”. Em toda a arquidiocese de Porto Alegre os fiéis rivalizavam entre si no sentido de mais contribuir para a elevada e bendita finalidade, oferecendo suas orações, sacrifícios e esmolas.

Parecia haver chegado a derradeira hora da nossa cara doente. No Colégio, as Irmãs, encarregadas de preparar a festa em benefício da obra das vocações sacerdotais, sentiam-se oprimidas de tristeza. Oh! quem não há de sentir-se mal num ambiente festivo, sabendo que um dos seus está nos transe do desenlace?

Faziam-se os últimos preparativos. Os pais das alunas tinham sido convidados. Uma Irmã lembrou-se de que a doente se distinguira sempre por seu espírito de obediência. E mandou dizer à doente: “Irmã Antônia, não pode ainda levantar o vôo para o céu. Como havemos de ultimar os preparativos para a festa em prol das vocações, sabendo que está a agonizar?”

A Irmãzinha compreendeu a angústia daquele pedido. Com dificuldade, conseguiu pronunciar a frase bondosa: “Posso esperar até segunda-feira”. E foi o que aconteceu. Cedeu o estado de agonia. Os sofrimentos do dia seguinte, ofereceu-os, magnânima, pelas grandes intenções da arquidiocese. Só depois partiu.

A morte, em a noite de 24 de abril, foi serena, sim, mas envolta em grande padecimento. De sorte que, imagem fiel do Esposo Crucificado, bebeu, até a última gota, o cálice das dores mais sensíveis.

O prematuro passamento de Irmã Antônia foi muito pranteado pelos restantes membros da família, chorado pelas alunas e educandas, por quem se desvelara; pelas Irmãs de hábito, que muito sentiram sua perda. As alunas apressaram-se em escrever carinhosas cartinhas com pedidos e recomendações, para que fossem colocadas junto ao corpo que se ia dar à sepultura.

Dia 25 de abril. Em torno da cova recentemente aberta no cemitério conventual das franciscanas de São Leopoldo, vêem-se os semblantes sérios e entristecidos das religiosas e das educandas. O caixão mortuário, todo branco, desce lentamente à sepultura. Alunazinhas, a chorar, atiram flores sobre o sarcófago. São as demonstrações infantis de veneração e gratidão. “Semente preciosa, confiada à terra para a gloriosa ressurreição” – eis como o Capelão do Colégio São José, o rev. Pe. Leonardo Müller, S.J., referiu-se aos

despojos mortais de Irmã Antônia, sobre os quais caem agora as pazinhas de terra. Pouco depois, na campa fresca, mão sacerdotal planta a cruz, símbolo da vitória do Redentor. Pelo amor a Nosso Senhor na cruz, Cecy triunfou sobre o pecado. O amor a Jesus Crucificado a levou também ao generoso cumprimento de sua missão de alma-vítima.

Promessa ao Anjo da Guarda

*SANTO, SANTO, SANTO,
SENHOR DEUS DO UNIVERSO.
O CÉU E A TERRA PROCLAMAM
A VOSSA GLÓRIA.*

*Ajoelhados perante a Vossa
MAJESTADE,
VOS agradecemos, ó DEUS,
terdes colocado ao nosso lado
um Companheiro celeste,
que nos conduz segundo
a Vossa vontade,
nos guia para honra Vossa
e nos manifesta
o Vosso amor.*

*Prometemos aqui,
na Vossa presença,
amar este nosso Companheiro
como um irmão e obedecer-lhe,
quando ele falar
à nossa consciência.
Ele há de conduzir-nos
com segurança
à Pátria celestial.*

*SENHOR JESUS CRISTO,
SALVADOR NOSSO,
tomai a minha mão
e colocai-a na mão do meu Anjo,
traçando sobre elas o sinal
da redenção
como bênção para a
nossa salvação.*

*EM NOME DO PAI
E DO FILHO
E DO ESPÍRITO SANTO. AMÉM.*

Notas:

- 1) Este capítulo como os seguintes, são da autoria de uma Co-Irmã de Ir. Antônia. Os títulos são do editor.
- 2) Não era ignorante na santa religião, mas totalmente ignorante na teoria da mística.
- 3) Assim se exprimia Ir. Antônia, quando não sentia, na santa comunhão, a presença de Nosso Senhor.
- 4) Será que Ir. Antônia nessa ocasião se lembrou da oração que na sexta-feira do ano de 1908 dirigira a Jesus Moribundo, pedindo que tirasse os pecados, dos homens e os escondesse nela?